

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TATIANA SVIESK MOREIRA**

**O VOLEIBOL FEMININO NO BRASIL: DO AMADORISMO À  
PROFISSIONALIZAÇÃO**

**TATIANA SVIESK MOREIRA**

**O VOLEIBOL FEMININO NO BRASIL: DO AMADORISMO À  
PROFISSIONALIZAÇÃO**

Dissertação de mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

**Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior**



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Departamento de Educação Física




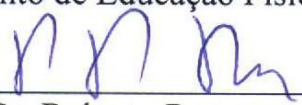
# TERMO DE APROVAÇÃO

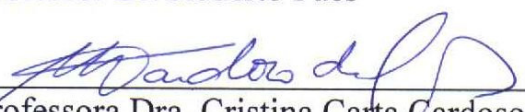
**TATIANA SVIESK MOREIRA**

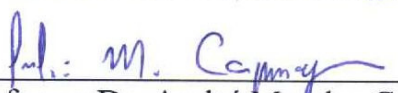
**“O Voleibol Feminino no Brasil: Entre o Amadorismo e a Profissionalização”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e o Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

  
Professor Dr. Wanderley Marchi Junior (Orientador)  
Departamento de Educação Física / UFPR

  
Professor Dr. Roberto Paes

  
Professora Dra. Cristina Carta Cardoso de Medeiros

  
Professor Dr. André Mendes Capraro

Curitiba, 19 de Março de 2009

## DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado à Claudia Sviesk  
(In Memoriam)*



## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento, agradecer é uma tarefa difícil e delicada, pois a concretização deste sonho teve participação de pessoas muito especiais. Algumas delas contribuíram academicamente e fizeram parte do amadurecimento intelectual necessário para a efetivação do trabalho; outras têm parte nesta realização por serem especialmente presentes em minha vida; e ainda existem algumas pessoas que se inseriram no meu percurso por ocasiões acadêmicas e tornaram-se muito especiais. É indiscutível a importância dessas pessoas e, independente da forma da contribuição, fazem parte desta minha conquista.

Agradeço em primeiro lugar e todos os dias a Deus por me fazer capaz pelas oportunidades e por me fazer capaz de realizar meus sonhos.

Ao professor doutor Wanderley Marchi Júnior, meu orientador, pela sua competência profissional, empenho e, acima de tudo, pela confiança. Foi um prazer e uma honra trabalhar contigo.

Aos professores doutores Miguel Archanjo de Freitas Júnior e André Mendes Capraro, meus sinceros agradecimentos pelo apoio e motivação. Mas do que como professores ou colegas de trabalho tenho-os como verdadeiros amigos.

Aos professores Roberto R. Paes, Cristina C. Cardoso de Medeiros, André M. Capraro, Ana Luiza Fayet Sallas e Fernando M. Mezzadri pela leitura atenciosa que fizeram de meu trabalho e pelas considerações, todas tão pertinentes.

Aos meus pais, Célio Antônio Moreira e Claudia Sviesk, por me educarem com amor, dedicação e amizade e me ensinarem com suas experiências e de todo o coração me dando “asas fortes para voar”. Agradeço-os também por acreditarem nas minhas escolhas.

Ao meu irmão Fabrício Sviesk Moreira e à minha avó, Maria da Conceição Sviesk (“Nezica”) por serem maravilhosamente presentes em minha vida. Serei eternamente grata.

Reservo um agradecimento especial a Marciel Costa Müller pela paciência e ajuda em todos os momentos, sem você as coisas seriam bem mais difíceis, muito obrigada!

Aos educadores físicos que marcaram a minha infância: Suzi Elaine e Renan(ballet), Sérgio (karatê) e Neri (voleibol), assim como aos meus colegas de

turma e de equipes que ajudaram a plantar a sementinha da paixão pelo esporte, esta que vem orientando o meu projeto de vida.

Agradeço à minha colega de mestrado e amiga Ana Letícia Padeski Ferreira por ter me ajudado traçando comigo passos muito importantes e decisivos para a efetivação do mestrado. Com certeza esta fase foi muito significativa e você tem parte nisto. Muito obrigada por estudar comigo, por viajar para os congressos, por me acalmar e sempre me lembrar de coisas importantes. Valeu “criquinha”! Definitivamente nossa parceria funcionou!

À equipe “Companhia do Voleibol” pelos momentos compartilhados e amizades cultivadas. André Miranda Neto, Lyana Fressato, Suélen Cristina de Oliveira, Daniele de Cássia Karoleski, Cristiane Baldo Vaz, Mônica Priscila Rolin Garcia, Danielle Cruz Santos Gomes, Hellen Chalegre dos Santos, Paula Fernanda dos Santos da Cruz, Carolina Rosane Messias, Edicléia da Rosa Graciano, Cristiane de Almeida Paiva, Aline Moura Santa Rosa, Cristiani Bonkoski, Alexsandro Vargas Calisário, Felipe Capelli, Heberton Fernando Esquitini, Felipe Fuchs Alves, Jhonathan dos Santos Campos, Marcos Zipperer e Hector Santos de Oliveira. Muito obrigada!

Aos professores do curso de Educação Física da Universidade Positivo que lecionaram durante a minha graduação: Cláudio Miyagima, Adjuto Eudes Fabri, Alexandre Salomão, André Mendes Capraro, Aurélio Luiz de Oliveira, Cíntia de Lourdes Nahhas Rodacki, Gonçalo Cassis Moreira, Jackson José da Silva, Luiz Antônio, Maria de Fátima Fernandes Vara Sippoli, Mário Sevilho, Maurício Mandalozzo Ruppel, Mauro Marturelli Júnior, Miguel Archanjo de Freitas Júnior, Paola Neiza Camacho Rojas e Paulo César Barauce Bento.

Durante os últimos dois anos, existiram colegas de trabalho com os quais cristalicei amizades verdadeiras, o que tornou o convívio por demais agradável. Agradeço então aos meus colegas de mestrado e doutorado: Ana Letícia Padeski Ferreira, Bárbara Schaustek, Gilmar Afonso, Isabel Cristina Martines, Fernanda da Costa, Fernando Borges, Fernando Starepravo, Leôncio José de Almeida Reis, Pedro Bevilacqua Pupo Alves, Renato Beschizza Valentim e Ricardo Sonoda.

Aos professores das disciplinas que cursei durante o mestrado: Fernando Marinho Mezzadri, Fernando Renato Cavicchioli, Doralice Lange de Souza, Ana Luiza Fayet Sallas e Myriam Adelman, muito obrigada pela contribuição.

Agradeço aos entrevistados desta pesquisa pela receptividade, atenção e acolhimento, pelos materiais fornecidos e, principalmente por reavivar a história de uma fase propulsora do voleibol feminino brasileiro: Heloísa Helena Roese dos Santos, Maria Auxiliadora Villar Castanheira, Denise Mirás, Maurício José Stycer, José Estevão Cocco. Muito obrigada!

Agradeço também à professora Márcia Morel e ao Cleverson, do site “Melhor do Vôlei”, por se mostrarem interessados e acessíveis, oferecendo materiais, dialogando sobre assuntos relacionados e contribuindo assim na realização da pesquisa.

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.*

*E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.*

*As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.*

*Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.*

*A vida apenas, sem mistificação.*

*Carlos Drummond de Andrade – Os Ombros Suportam o Mundo*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>31</b>
1.1 DEFINIÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO DE ANÁLISE .....	31
1.2 PREMISSAS EPISTEMOLÓGICAS DE PIERRE BOURDIEU .....	33
1.2.1 Modo de conhecimento praxiológico .....	38
1.2.2 Noções de <i>habitus</i> , capital e campo.....	41
1.3 PARA UMA SOCIOLOGIA DO ESPORTE EM PIERRE BOURDIEU .....	47
<b>2 O “QUEBRA-CABEÇAS” DO VOLEIBOL FEMININO .....</b>	<b>52</b>
2.1 NOS TEMPOS DO AMADORISMO .....	52
2.2 INDÍCIOS DE UMA TRANSIÇÃO.....	60
2.3 UMA CONQUISTA HISTÓRICA.....	68
2.4 AS “MUSAS DO VÔLEI” .....	77
2.5 CRISE NO VOLEIBOL FEMININO.....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>DOCUMENTOS CONSULTADOS.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>133</b>
<b>BANCO DE IMAGENS .....</b>	<b>135</b>

## RESUMO

Caracterizada como histórico-descritiva, esta pesquisa analisa a transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino no Brasil durante o início da década de 1980. Justificou-se a opção pela temática a partir da constatação de que o estudo sobre o voleibol feminino constitui uma lacuna no âmbito da sociologia do esporte brasileira e, considerando a sua evidência no cenário atual das modalidades esportivas, identifica-se a pertinência de compreender como se deu o processo de desenvolvimento e de aceitação da modalidade pelo público. Para isto, fez-se o levantamento de dados com base em reportagens de revistas e jornais da época, bibliografias e entrevistas com agentes participantes deste cenário de transição e, posteriormente, analisou-se o material empírico utilizando as noções de *habitus*, capital e campo, empregadas na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Para o processo de profissionalização, revelaram-se imprescindíveis as relações estabelecidas entre o voleibol feminino, a mídia e as empresas. Destacamos neste aspecto que o relacionamento do voleibol feminino com o público se estabeleceu por intermédio da mídia que divulgou e promoveu as competições internacionais realizadas no Brasil, a construção estratégica das “Musas do Voleibol” pela equipe de marketing da Confederação Brasileira de Voleibol e os resultados nos campeonatos internacionais. Apresenta-se também que a inserção da mídia no voleibol ocorreu carregada de noções do campo midiático e modificou a estrutura do voleibol durante a fase entre amadorismo e profissionalismo. Como se tratou de um somatório de interesses dos agentes e instituições envolvidos em um determinado momento histórico, conclui-se que o voleibol feminino brasileiro tornou-se um produto a ser vendido, mas que entrou em crise pela sua falta de resultados em competições internacionais, tendo sua história constituída essencialmente considerando a relação criativa e criadora entre oferta e demanda.

Palavras-chave: voleibol feminino, amadorismo, profissionalização, história do esporte.

## ABSTRACT

Characterized as historical and descriptive, this research analyzes the transition from amateur to professionalism of the feminine volleyball in Brazil during the 1980s. The choice is justified by the fact that the study on the feminine volleyball is a gap in knowledge of the field of the Brazilian sport sociology, considering its evidence in the current scenario of Brazilian sports, it's identified the relevance of understanding as gave the development process and acceptance of the modality for the public. To reach the objectives, was made a data-collecting approaching articles in magazines and periodicals of the time, bibliographies and interviews with participant players of this transition scene, and, later, it was analyzed the empirical material using the concepts of *habitus*, capital and field, using the sociologic theory of Pierre Bourdieu. The relations established between feminine volleyball, the media and the business companies had shown essential. It's detach in this aspect that the relationship of feminine volleyball feminine was established with the public through the media who disseminate and promote the international competitions in Brazil, the strategy construction of the "Muses of Volleyball" by the marketing team of the Brazilian Confederation of Volleyball, and yet, the results in international championships. It is also presented that the insertion of the media in volleyball was full of notions of this field and changed the structure of volleyball during the phase between amateurism and professionalism. As it was a sum of interests of actors and institutions involved in a particular historical moment, it appears that the Brazilian feminine volleyball has become a product to be sold, but which came into crisis by their lack of results in international competitions, and yet that its history was formed mainly considering the creative and creative between offers and demand.

Key words: female volleyball, amateurism, professionalism, sport hystory.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACM – Associação Cristã de Moços

CBV – Confederação Brasileira de Voleibol

CND – Conselho Nacional de Desportos

CEFAN – Centro de Educação Física Adalberto Nunes

CEPELS – Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade

CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa

FIVB – Federação Internacional de Voleibol

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



## INTRODUÇÃO

O voleibol é hoje uma das modalidades esportivas consideradas detentoras da preferência nacional brasileira. Sua distinção no cenário esportivo nacional é visível e parece ser reforçada pelo favoritismo das equipes brasileiras em competições internacionais, e na sua relação com o público, em grande parte favorecida pela mídia<sup>1</sup>. Esta relação pode ser evidenciada tanto pelas transmissões televisivas de alguns jogos quanto de reportagens relacionadas à modalidade em rede aberta e horário nobre<sup>2</sup>, quanto na apropriação por parte do público de signos pertencentes a esta modalidade que são traduzidos não somente nas práticas esportivas, mas também nos modos de se vestir e de se portar e na aquisição de produtos que, através de publicidade, são vinculados ao voleibol.

Mapeando as ações e disposições sociais dos agentes e instituições diretamente inseridos no desenvolvimento do voleibol - leia-se mídia, patrocinadores, clubes, seleções, dirigentes e público - temos que a relação recíproca de interesses estabelecida entre tais faz com que ambos se beneficiem, garantindo assim a permanência destes atores no voleibol, criando e sustentando um ciclo necessário para a ascensão desta modalidade esportiva no Brasil. Corroborando com o fato de que as transformações na sociedade não acontecem numa relação causa-efeito, mas são possibilitadas por meio de processos, as redes de relacionamentos instauradas entre os agentes que na atualidade delimitam e compõem o campo do voleibol no Brasil foram construídas e caracterizadas ao longo da sua trajetória.

A ascensão do voleibol no Brasil foi o resultado de uma série de investimentos sociais realizados durante a sua história para que o posicionamento de êxito dentre as modalidades esportivas fosse consolidado no cenário esportivo

---

<sup>1</sup> Bojikian (1999, p. 13) afirma que, por conta das conquistas internacionais, do espaço na mídia ocupado por este esporte, do surgimento de novos ídolos e do sucesso no marketing esportivo, durante as décadas de 1970 e 1980, o voleibol foi o esporte que mais se popularizou.

<sup>2</sup> Com a conquista da medalha de ouro na Olimpíada de Pequim, em 2008, constatamos maior receptividade do assunto voleibol feminino nos programas de televisão. Exemplo disto foi uma matéria transmitida pelo Jornal Nacional da Rede Globo, no dia 8 de janeiro de 2009, às 21 horas e 7 minutos, onde o psicólogo da seleção brasileira, Marco Antônio Di Bonifácio, discorre sobre a sua dissertação de mestrado que diz respeito ao perfil psicológico de jogadoras de voleibol e sua relação com as posições ocupadas na quadra. (Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL948792-10406,00-TECNICO+ESTUDA+O+ESTADO+EMOCIONAL+DAS+JOGADORAS+DE+VOLEI.html>> Acesso em 7 fev. 2009.)

brasileiro. Neste sentido, Bourdieu citado por Loyola (2002, p. 65) aponta que as relações sociais “formam um sistema de estratégias de reprodução, ou seqüências objetivamente ordenadas e orientadas de práticas que todo o grupo deve produzir para se reproduzir enquanto grupo”.

O ciclo que o voleibol necessita para se manter em evidência e garantir sua aceitabilidade pelo público brasileiro e, desta forma, pela mídia e empresas patrocinadoras, partiu da revelação de ídolos esportivos em meados dos anos 1970 e início da década de 1980, desencadeando no interesse inicial das empresas em associar-se a esta modalidade e, sucessivamente, da mídia televisiva em abordá-la em sua programação.

Com a conquista do Campeonato Sul-Americano no ano de 1981 sobre a equipe peruana<sup>3</sup> - no contexto, detentora da supremacia latino-americana - e do segundo lugar no Mundialito de 1982<sup>4</sup>, ambos os campeonatos sediados no Brasil, o voleibol feminino brasileiro adquiriu maior visibilidade na mídia, um considerável aumento do público espectador e atraiu o interesse das empresas. Em outro contexto e com maior destaque, a reconhecida “Geração de Prata” – denominação dada à seleção masculina quando conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984 – efetivamente abriu portas para que as empresas comesçassem a investir no voleibol<sup>5</sup>.

Segundo Rocha (2004, p. 27):

[...] o Marketing esportivo encontra seu auge em 1970 por meio das transmissões esportivas televisivas. De um instrumento de comunicação pouco expressivo, o Marketing Esportivo explodiu e passou a oferecer um retorno incalculável, fantástico, excepcional.

Bojikian (1999, p. 40) indica as condições do voleibol no momento em que se deu este ápice do marketing esportivo:

<sup>3</sup> Volibol: Brasil é campeão. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Jul/set. 1981.

<sup>4</sup> No ano de 1982, a Confederação Brasileira de Voleibol contratou uma empresa de marketing, a “Promoção”, que organizou e promoveu o Mundialito na capital paulista. Este campeonato contou também com a cobertura da TV Record. (COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.)

<sup>5</sup> “Ídolos levam novas gerações a se interessar pela prática de esportes, gerando novos resultados positivos, sociais e esportivos” (Disponível em [http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent\\_rui-campos.htm](http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent_rui-campos.htm) Acesso em 14 Jul 2005).

A partir da segunda metade dos anos setenta, inicia-se a grande escalada do nosso voleibol. A CBV em colaboração com algumas federações estaduais, passa a investir mais na formação de técnicos e atletas brasileiros, organizando muitos cursos, ministrados por técnicos estrangeiros de renome. Clubes e seleções de outros países, constantemente passaram a competir no Brasil. Vários campeonatos internacionais foram aqui sediados (BOJIKIAN, 1999 p. 40).

Em suma, os ídolos do voleibol desencadearam o interesse das empresas em fazer parte da referida modalidade esportiva patrocinando equipes e atletas, a mídia televisiva fundamentada pelos altos índices de audiência nas transmissões de jogos e produtos vinculados ao voleibol acreditou na proposta e, alicerçado por esta relação de dependência mútua, o voleibol passou a apresentar nível técnico ascendente e maiores chances de se manter em evidência.

Em meados dos anos 1970, a entrada de Carlos Arthur Nuzman na presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), favoreceu os primeiros passos para a profissionalização do voleibol<sup>6</sup>. Até então, esse esporte assumia no Brasil caráter amador, isto é, dentre outras características, os atletas não recebiam retorno financeiro para jogar. Para o próprio Nuzman, o fato que marcou o início desta transição foi o jogo ocorrido entre as equipes masculinas de Brasil e Polônia (campeã olímpica em Montreal no ano de 1976) na Olimpíada de Moscou em 1980 onde, ao perder de 2 sets a zero, o Brasil obteve, com uma “virada”, a vitória por 3 sets a 2<sup>7</sup>.

Marchi Jr. (2001, p. 120) afirma que o então executivo da companhia de seguros *Atlântica-Boavista*, Antônio Carlos de Almeida Braga, assistindo ao referido jogo perguntou a Nuzman o motivo de aqueles atletas estarem jogando no exterior e o que faltava para o Brasil possuir equipes capazes de desempenhar performances como a ali apresentada. Nuzman então respondeu que necessitava profissionalizar o esporte e sugeriu ao empresário que, caso ele apoiasse, iria propor ao Conselho Nacional de Desportos (CND) que as empresas pudessem patrocinar os times de voleibol como já acontecia no exterior.

---

<sup>6</sup> O dirigente não foi o único responsável pelo desenvolvimento do voleibol no Brasil, pois, devido ao estágio de profissionalização que os outros países apresentavam no contexto, no Brasil este processo também se daria, porém, considerando a sua inserção e “base de apoio no meio político-conservador e empresarial”, suas medidas se efetivaram com êxito (MARCHI JR., 2004, p.123).

<sup>7</sup> Marchi Jr. (2001, p. 119) aponta que o ex-presidente da CBV se referiu a essa partida como “um dos jogos mais importantes para a história do voleibol” em entrevista publicada na revista **Saque**, São Paulo, n.1, 1985.

Amparado por Antônio Carlos de Almeida Braga, Nuzman travou uma luta com o CND que durou aproximadamente um ano, mas conseguiu fazer com que seu pedido fosse aprovado sendo deliberado, a partir de 1981, o fim da proibição das empresas de patrocinarem o esporte, podendo assim, os atletas, mostrarem em suas camisetas nomes destes patrocinadores. Além disto, foi dificultada a saída de atletas brasileiros para jogarem em outros países, através da determinação de uma expressiva taxa de transferência a ser paga pelo time e pelo jogador em questão (MARCHI JR., 2004, p. 121).

Observando este fato, identificamos um exemplo de que a rede de relacionamentos de Carlos Arthur Nuzman favoreceu e auxiliou no sucesso das suas medidas. Estas redes de relacionamento são formadas e se sustentam na medida em que, de alguma forma, interessa aos envolvidos. Desta maneira, podemos dizer que a relação entre Nuzman e Braga transcendeu a amizade e gosto pelo voleibol, a partir do investimento numa relação profissional no campo em formação do voleibol, pois certamente viram chances de se beneficiar com os direcionamentos tomados neste sentido<sup>8</sup>.

Outro fato considerado nos avanços que a modalidade apresentou neste contexto foi a importação de modelos estrangeiros de administração, principalmente asiáticos e norte-americanos. O dirigente enviou um superintendente para estudar o modelo japonês e superestimou as condições norte-americanas de desenvolvimento da indústria de entretenimento. Além da questão administrativa, Nuzman também importou os métodos orientais de treinamento<sup>9</sup> os adaptando às características dos atletas brasileiros. Deste fato, destacamos a oportunidade de o dirigente conhecer os modelos de treinamento e formas de administração de outros países com o voleibol mais desenvolvido.

Dentre as estratégias acatadas por Nuzman para promover o voleibol no país, Rocha (2004, p. 9) aponta seu esforço para que em 1977 o Brasil pudesse sediar os

---

<sup>8</sup> Podemos caracterizar tais benefícios não somente como financeiros, já posicionou os referidos agentes sociais na situação de dominantes no universo esportivo, num posto de destaque que agregou capital simbólico aos mesmos.

<sup>9</sup> Marchi Jr. (2004, p. 123) considera que Nuzman teve a intenção de adaptar o trabalho do técnico japonês Yasutaka Matsudaira, importando as características do treinamento esportivo oriental cujo ápice se deu em Munique, 1972. O técnico japonês, após uma análise do estágio de desenvolvimento técnico do voleibol mundial, introduziu um modelo de velocidade de ataque que ludibriava o bloqueio e a defesa adversária, fazendo com que a seleção japonesa vencesse a Alemanha Ocidental na Olimpíada em 1972.

Mundiais masculino e feminino na categoria juvenil. Trazer este campeonato para o Brasil e transmitir os jogos pela *Rede Bandeirantes*, como corrobora a atleta Jacqueline Silva, fizeram parte do trabalho de colocar o voleibol em evidência no país (SILVA, 2004, p. 69).

Nuzman defendeu a permanência dos atletas no país, alegando que se atletas brasileiros representassem times estrangeiros, eles estariam comprometendo o retorno de investidores no esporte nacional, além da aceitação popular deste. Ademais, o dirigente associou a má condição física apresentada na Olimpíada de Moscou à temporada de treinamentos e jogos da Liga Italiana (MARCHI JR., 2004, p. 121).

No contexto destas jogadas estratégicas, ocorreram algumas divergências entre a opinião de Nuzman e de alguns atletas. Os conflitos certamente iriam ocorrer, pois uma nova forma de administração entrava em voga, onde normas, não somente os novos regimentos instituídos, mas também concernente à maneira de se portar, necessitavam ser estabelecidas para que houvesse a profissionalização. Tratava-se de uma nova lógica social onde os atletas tinham que zelar pela sua imagem, pois com a televisão, já no início da década de 1980, o voleibol passou a ser um esporte popular. As relações se tornavam cada vez mais complexas, envolvendo cada vez mais pessoas. Ora, quando o voleibol era essencialmente amador, tinham acesso aos jogos apenas as pessoas que iam aos ginásios, mas com as transmissões televisivas, o quadro havia mudado.

Um dos casos de confronto entre Nuzman e atletas aconteceu com a ex-levantadora Jacqueline Silva. Suas atitudes eram tidas como indisciplinadas pelo presidente da CBV, técnicos e até mesmo, por algumas das colegas de equipe. Jacqueline comparava o voleibol feminino ao masculino buscando igualdade, principalmente com relação ao retorno financeiro pela divulgação de marcas. Assim, as diferenças entre o voleibol masculino e feminino fizeram com que a atleta comparasse este período pelo qual o voleibol brasileiro estava passando a uma promoção do tipo: “leve o masculino e ganhe o feminino”. (SILVA, 2004, p. 69)<sup>10</sup> Jacqueline se referia com isto às melhores condições oferecidas para a equipe masculina, essencialmente na questão do patrocínio. Em outras palavras, segundo a

<sup>10</sup> Citada por Moreira (2005). Artigo em CD-ROM. (MOREIRA, Tatiana Sviesk. **Jack e o vôlei: uma atleta rebelde no campo esportivo brasileiro**. In: XXV Congreso de la asociación latinoamericana de sociologia. CR-ROM: ANAIS-GT 25: Sociologia del deporte y esparcimiento. Porto Alegre/ RS/ Brasil: 2005.v.1)

ex-levantadora, os jogadores dos times masculinos representavam empresas e eram patrocinados, enquanto as jogadoras dos times femininos faziam o mesmo, mas não tinham retorno.

As declarações polêmicas da jogadora, por vezes amparada pela também atleta da seleção brasileira Maria Isabel Barroso Salgado (Isabel), o novo plano de Nuzman que colocava em vigor a necessidade de disciplina dos atletas e o potencial de poder conferido a ele dentro do campo do voleibol naquele momento, fizeram com que Jacqueline fosse dispensada da seleção brasileira após vários cortes sucessivos (MOREIRA, 2005)<sup>11</sup>.

Reafirmando a importância da disciplina na fase entre amadorismo e profissionalização do voleibol, temos que Nuzman denominou uma vitória da disciplina sobre a indisciplina a conquista do Sul-Americano em Santo André, no ano de 1981, jogo do qual Jacqueline e Isabel não participaram por terem sido cortadas três dias antes da final contra o Peru (campeão hegemônico até então). Apesar dessas afirmações, Nuzman não deixou de considerar que as jogadoras tinham importância fundamental nos planos que ele tinha em relação à seleção feminina<sup>12</sup>.

Com a profissionalização do voleibol viabilizada, os atletas que, durante algum tempo, necessitavam conciliar as sessões de treinamento com a sua rotina de afazeres diários como estudo, trabalho e família, passaram a ter maior disponibilidade para dedicarem-se ao voleibol. As empresas patrocinadoras lucraram com este incentivo, pois a possibilidade de maior dedicação trouxe um nível de performance desencadeador da constante formação de novos ídolos, o que assegurou a visibilidade de seus produtos. A televisão, por sua vez, notou que os jogos de voleibol passaram a ter cada vez mais espectadores<sup>13</sup> e investiu para que a

---

<sup>11</sup> Na sessão destinada às cartas do leitor da revista **Placar** de 5 de maio de 1986, foi publicada uma declaração, se referindo à um dos cortes de Jacqueline intitulada “Visão Curta”: “Mais uma vez, a maravilhosa jogadora Jacqueline ficou de fora da Seleção Brasileira de vôlei. Estou profundamente desapontado. Trata-se de uma atleta imprescindível, punida apenas pela teimosia e visão curta dos dirigentes.” Considerando o contexto desta carta, dado o prestígio da atleta e o interesse da mídia na sua situação é possível imaginar que o desligamento da atleta tenha feito parte de uma estratégia de Nuzman no sentido de permanecer no poder e garantir a continuidade do seu plano de desenvolvimento do voleibol no país.

<sup>12</sup> Vôlei feminino: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília. nº 48 p.25-28 out/dez 1981.

<sup>13</sup> A atleta Jacqueline Silva aponta uma passagem, que considera marcante em sua carreira e para toda a seleção, onde as atletas entraram no ginásio do Ibirapuera para participar do Mundialito e achavam que só teriam uns “gatos pingados” e o pai da Vera Mossa para assistir a partida, mas o

modalidade pudesse ser assistida, então, por um público significativo de brasileiros, recebendo então sua parcela de lucro com este investimento.

O início da empreitada de patrocínios foi marcado pelo apoio do amigo pessoal de Nuzman, “Braguinha” (como era chamado o executivo da *Atlântica/Boavista* de Seguros do Rio de Janeiro, Antônio Carlos de Almeida Braga). O empresário estreou a operacionalização do plano de desenvolvimento do voleibol no Brasil patrocinando a equipe masculina *Atlântica-Boavista*. As empresas que apostavam no voleibol tinham, de início, times formados por funcionários<sup>14</sup> e, com a aceitação da proposta de Nuzman pelo CND, resolveram contratar atletas (ROCHA 2004, p. 31). Esta iniciativa atraiu a atenção de empresários e alavancou o processo de profissionalização da modalidade (MARCHI JR., 2001, p. 124).

Direcionando o foco de análise aos aspectos que envolvem o voleibol feminino como prática ou objeto de consumo<sup>15</sup>, algumas situações problematizadoras, no contexto da profissionalização da modalidade no Brasil, merecem ser apresentadas. Nos primeiros passos da profissionalização, em detrimento aos jogadores da seleção masculina de voleibol, as atletas não recebiam apoio financeiro, mesmo utilizando suas imagens para a venda de determinados produtos<sup>16</sup>.

Na atualidade, parece nítido tal equívoco, poder-se-ia até sugerir grosseiramente e desconsiderando os fatos na sua totalidade, que o voleibol

---

ginásio lotou, as atletas ganharam o Mundialito e ficaram “famosas da noite para o dia” (SILVA, 2004, p. 69).

<sup>14</sup> As formas de profissionalismo recebem tratamento no capítulo 2. A título de esclarecimento, a questão da profissionalização dos esportes, ainda hoje, não é efetiva em algumas modalidades, clubes ou mesmo empresas. A própria estrutura de profissionais que trabalham com o esporte nos dias atuais dificilmente tiram desta atividade o seu sustento financeiro. Marchi Jr. (2004, p. 122) afirma que a profissão atleta não é regulamentada por lei e que, na maior parte dos casos, eles não possuem direito de seguro desemprego, décimo terceiro salário. Desta forma, ao denominar a fase perpassada pelo voleibol no Brasil que teve seus primeiros indícios em meados dos anos 1970 e se instaurou gradativamente ao longo da década de 1980, deve-se tomar os devidos cuidados, pois isto somente foi aplicado em algumas equipes.

<sup>15</sup> Esta terminologia se refere à apropriação dos signos sociais dado o estágio de desenvolvimento apresentado pelo voleibol no país. A identificação com a modalidade pode até mesmo se encontrar presente nos estilos de vida dos consumidores segundo a lógica oferecida por Ortiz (1994, p. 82) “As diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência.”

<sup>16</sup> A atleta Isabel, em entrevista à revista Placar, critica o preço alto cobrado nos ingressos, dizendo que “...o pessoal nem sabe que não ganhamos nada para jogar na seleção e até pagamos os refrigerantes que tomamos no hotel” (Um lento progresso. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1984).

feminino simplesmente evoluiu às sombras do masculino<sup>17</sup>. Porém, vender a marca de uma empresa naquele contexto não tinha o mesmo significado que nos dias de hoje, porque as condições às quais se estava habituado e que eram perpetuadas eram as do voleibol amador, onde se praticava apenas por afinidade, paixão pelo esporte. Desta forma, não era tão evidente como parece hoje em dia que se tratava de uma relação unilateral, onde somente um lado estava sendo favorecido, o das empresas.

Outra questão considerada na elaboração do problema dessa pesquisa, diz respeito às adaptações sofridas pela modalidade em decorrência dos novos contornos assumidos para a aceitação do público brasileiro. Estas alterações não apareceram repentinamente, mas foram necessárias, tendo em vista que o espaço dos esportes está inserido num espaço de práticas e consumos, isto é:

As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante da relação entre uma oferta e uma procura, ou, mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com o outro espaço de oferta). (BOURDIEU, 1990, p. 210).

A alteração no tempo total do jogo, advinda do aumento da quantidade de pontos por *set* e da abolição da vantagem, a utilização do tempo técnico, assim como as mudanças no uniforme das seleções, podem servir de exemplos mais recentes desta adequação. Em outro contexto, a lei que dificultou a saída de jogadores para atuarem no exterior, que buscava formar um vínculo entre torcedores e ídolos esportivo, serviu de impulso inicial para favorecer a aderência do público à modalidade.

Desta forma, dentro de sua trajetória no Brasil, o voleibol se inseriu em diferentes contextos que caracterizaram suas fases e mediarão suas

---

<sup>17</sup> Bourdieu (1990, p. 210) ressalta que “...a prioridade das prioridades é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas do qual as monografias consagradas a esportes particulares vão registrar os efeitos. Se não sei que as perturbações de Urano são causadas por Netuno, acreditarei que compreendo o que se passa em Urano, quando, na realidade compreenderei os efeitos de Netuno.” Desta forma, mesmo tendo como fonte algumas bibliografias que tomaram o voleibol masculino como o “óculos” para enxergar o desenvolvimento desta modalidade na fase pretendida, considera-se válido entender os efeitos da profissionalização do voleibol masculino sobre o feminino, até porque, inegavelmente existem os efeitos de um no outro e do outro no um, mas também, a partir da observação de dados peculiares, pretende-se entender em que medida o voleibol feminino conquistou certa autonomia.



transformações considerando, trago como hipótese, a relação entre procura e oferta. Entendendo que a história dos esportes se mostra relativamente autônoma, isto é, possui leis específicas de funcionamento regentes da sua estruturação perante o campo esportivo e os espaços sociais (BOURDIEU, 1983, p. 137), o voleibol feminino durante sua história e especificamente dentro deste recorte (a profissionalização da modalidade no Brasil) incorporou também características próprias, mesmo participando da lógica determinante das relações objetivas.

A partir da compreensão que o esporte se trata de “...uma manifestação social que reflete, na análise dos contextos históricos, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de suas fronteiras e o afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas.” (MARCHI JR. In: PRONI e LUCENA, 2002, p. 76), é que pretendemos responder: de que forma ocorreu a transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino no Brasil?

Um dos fatores de maior motivação para a escolha desta temática de pesquisa é a minha proximidade pessoal com o objeto de estudo aqui proposto. Inseri-me no voleibol a partir do incentivo da minha mãe, que também jogou voleibol. Certamente, em meu processo de educação, muitos dos valores e significados apreendidos foram repassados desta inserção no voleibol da minha mãe para mim. Assim, desde meus 12 anos de idade, quando iniciei o aprendizado do voleibol em uma equipe escolar do interior do Paraná, tenho contato com esta modalidade e com o que ela representa.

Obviamente minha incursão foi além das quadras, vivenciando não somente os jogos de voleibol em sua forma técnica e tática, mas também os treinamentos hora extenuantes, hora repetitivos ou descontraídos, as viagens, os alojamentos em ginásios e colégios, as torcidas, as disputas pelo primeiro lugar na competição, por vezes, por um lugar em quadra, as contusões, as frustrações, as alegrias, as despedidas, enfim, o conjunto de práticas esportivas e sociais que definiram o voleibol para mim neste percurso. Assumo, com minhas referências atuais sobre a sociologia do esporte e a partir de meus referenciais teóricos, que tenho em mim incorporada uma série de signos advindos da minha vivência no voleibol.

No decurso da minha graduação no curso de Educação Física na Universidade Positivo, deparei-me com a possibilidade de, logo no primeiro ano, ensinar voleibol para crianças com a faixa etária entre 7 a 12 anos de idade,

pertencentes a uma classe social financeiramente desfavorecida e moradoras de um bairro com alta criminalidade, através de um projeto social intitulado: *“Centro de Iniciação e Aperfeiçoamento em Esportes Coletivos de Quadra.”*<sup>18</sup> Esta experiência foi bastante produtiva no sentido de possibilitar a iniciação científica a partir das dificuldades apresentadas na prática enquanto professora de voleibol neste projeto. Minhas primeiras publicações analisavam as possíveis metodologias de ensino de voleibol para crianças, fazendo menção a aspectos técnicos, físicos e comportamentais que influenciariam na aprendizagem dos gestos motores específicos da modalidade.

Lancei-me a buscar um novo olhar sobre o voleibol quando entrei em contato com a tese de doutorado do professor Wanderley Marchi Júnior, *“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)*. Diante disto, me senti confrontada a entender o voleibol “além das quadras”, através da análise sociológica da trajetória desta modalidade esportiva feita pelo autor em quatro décadas sucessivas. E o mais desafiante: entender um pouco sobre a teoria sociológica de Pierre Bourdieu já que era a referência central de análise desta tese.

Como era aluna do terceiro ano da graduação e já visualizava possibilidades de temáticas para o meu trabalho de conclusão de curso, abordei um aspecto da trajetória do voleibol feminino no Brasil que considerei instigante. Fiz uma pesquisa que se deteve à fase de profissionalização do voleibol no Brasil, desenvolvendo um estudo de caso sobre atleta Jacqueline Silva, pois gostaria de entender como uma atleta de tão elevado nível técnico poderia ter sido expulsa da seleção brasileira. Aquilo, para mim, se constituía em um verdadeiro problema.

Num esforço de distanciamento da minha própria história de vida, justifico, agora como pesquisadora, nesses três momentos de envolvimento – como praticante, professora e pesquisadora – a minha opção por estudar o voleibol, e mais do que isto, meu foco de pesquisa na sociologia do esporte, dada a sua originalidade e contribuição para área da Educação Física. Segundo Helal (1990, p. 14) “Muito pouco se tem escrito sobre o papel e o significado do esporte nas sociedades modernas e

---

<sup>18</sup> Tratava-se de um projeto de extensão acadêmica que propiciava iniciação esportiva para crianças moradoras dos bairros próximos ao antes denominado Centro Universitário Positivo (atual Universidade Positivo). Os alunos da graduação do curso de Educação Física estagiavam ministrando aulas de futsal, basquetebol e voleibol e desenvolviam pesquisas com base neste trabalho para serem apresentadas em encontros e congressos locais.

contemporâneas”. O autor critica o descaso das Ciências Sociais em relação ao estudo do fenômeno esporte, este que, para ele, é considerado um “fato social tão visível na nossa civilização” (HELAL, 1990, p. 11).

O princípio das dificuldades da sociologia do esporte se encontra, segundo Bourdieu (1990, p. 207), no fato de que os sociólogos a desdenham e os esportistas a desprezam. Desta forma, aponta o autor que:

[...] de um lado existem pessoas que conhecem muito bem do esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo ou o fazem a torto e direito.

A sociologia do esporte sendo uma área de pesquisa que, nem sociólogos e tampouco pessoas que conhecem o esporte na sua forma prática consideram digno de pesquisa, traz uma preocupação à tona: Quem conseguirá perceber a magnitude dos esportes na sociedade, ou ainda, quem conseguirá perceber a manifestação da sociedade nos fenômenos esportivos? Deixaríamos esta tarefa aos jornalistas<sup>19</sup>?

Não pretendo com o meu estudo resolver o problema da sociologia do esporte, mas sim, estudando um objeto específico em um contexto também específico e delimitado, analisá-lo e contribuir para que futuras análises sociológicas do esporte possam surgir. Um exemplo prático desta contribuição poderia ser, a partir da análise dos fatores que levaram uma modalidade a se encontrar em uma posição de prestígio no cenário esportivo nacional, como é o caso do voleibol, identificar os motivos pelos quais outras modalidades apresentam dificuldades no que se refere à sua consolidação econômica no Brasil, mesmo tendo um percentual de praticantes considerável.

Neste sentido, o voleibol feminino do Brasil adquire uma peculiaridade: desde o início da década de 1980 possui prestígio e um público consumidor de seus produtos no Brasil, porém não conquistou durante sua história a supremacia em títulos internacionais como ocorreu com a seleção masculina. A que se considerar os possíveis efeitos da recente conquista do ouro olímpico (em 2008, na China) como indícios de novas transições, porém o que se releva para o presente estudo é avaliar

---

<sup>19</sup> O que os jornalistas abstraem da realidade, segundo Bourdieu, (1997a, p. 26) é o extraordinário, mas o que, para eles é extraordinário, isto é, pelo critério da sua formação e da sua realidade social, pode não ser para as outras pessoas. Além disto, decorre a crítica do sociólogo francês no sentido de que, se a função da televisão é informar, a busca pelo extraordinário, pela própria etimologia da palavra – o que não é ordinário – acabaria deformando esta realidade, trazendo a ela um exagero de importância, uma dramatização.

como os agentes responsáveis pela administração, pelos resultados, pelo investimento e pela divulgação se articularam direcionando as primeiras ações no voleibol feminino profissional.

Ao identificar e compreender os mecanismos presentes no processo de transformação do voleibol feminino amador em profissional através da utilização de um instrumental teórico de análise, procuramos dar o devido tratamento à história das modalidades esportivas no Brasil. Considerando a crítica estabelecida por Pilatti (1996, p. 83), onde é detectada uma visão positivista na história dos esportes que resulta em uma tendência de se reconstruir o acontecido através de levantamentos de fontes e documentos, é que a presente análise sociológica poderá contribuir.

Entendemos a relevância e originalidade da história do voleibol feminino no Brasil contada a partir do levantamento de dados. Consideramos também que este material, se analisado por uma ferramenta teórico-metodológica de desmistificação da realidade, possibilita a visualização das medidas desencadeadoras dessa história. Assim, optamos por abordar a história da profissionalização identificando os motores propulsores da mesma, isto é, visando responder o que aconteceu e de que maneira aconteceu, com respaldo na idéia de que a profissionalização do voleibol feminino foi viabilizada e concretizada por agentes sociais em constante relação.

Como exemplo da importância da história para os estudos em Ciências Sociais, temos que Pierre Bourdieu em “As Regras da Arte” quebrou um paradigma inscrito nos clássicos da crítica literária, história da literatura e história da arte, quando desmistificou o “criador inciado” ou a “singularidade irredutível” das obras de arte acreditando na:

[...] necessidade de desenvolver de uma sociologia genética que seja capaz de reconstruir, para cada momento histórico particular, como essas categorias foram definidas, de maneira que não sejam pensadas como universais, invariáveis e invariantes<sup>20</sup>.

Observamos a partir do exemplo supracitado a introdução de uma dimensão histórica das ciências sociais que procura estabelecer em que contexto e por quais razões as categorias foram estabelecidas. Categoria de “criador inciado” na história da arte ou categoria de “segundo esporte na preferência nacional” no caso do voleibol a partir da análise sociológica de sua história.

---

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~ppjhis/pdf/topoi4a5.pdf>> Acesso em 20 de novembro de 2008.

Considerando que para Bourdieu, os campos possuem formas particulares de funcionamento que têm respaldo na sua história relativamente autônoma, temos que a ação num universo de disputa ocorre a partir de categorias de interpretação e de ação na realidade incorporada nos indivíduos a partir das relações sociais estabelecidas no campo. Assim, essas categorias interpretativas da realidade que estruturam o agir social são o produto histórico objetivado das disputas travadas no campo.

Utilizamos então a forma de Pierre Bourdieu pensar os acontecimentos sociais que foi, certa vez, por ele mesmo caracterizada, como um “construtivismo estruturalista”<sup>21</sup>. O desígnio construtivista se aplica, pois o autor destaca a operância de uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, que são constitutivos do conceito de *habitus*<sup>22</sup>. E a caracterização de estruturalista se dá, pois o autor considera a existência de estruturas objetivas autônomas que orientam as representações práticas dos agentes sociais, sendo estas autônomas das vontades e da consciência dos agentes sociais.

Constatamos a coerência necessária para o entendimento das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos, instituições e estruturas inseridas no processo de profissionalização do voleibol feminino no país, levando em conta a lógica por Bourdieu denotada, que movimenta as formas de percepção, pensamento e ação destes agentes sociais, isto é, a lógica de suas atuações nas relações estabelecidas no contexto da profissionalização, que possuem em comum a finalidade de alcançar o objeto de disputa do campo onde estão inseridos.

O voleibol é tradicionalmente estudado, na área da Educação Física, assim como outras modalidades esportivas, na sua forma essencialmente prática, com estudos sobre táticas, técnicas e aprendizado motor (MARCHI JR. In: PRONI, 2002, p. 77). As recentes pesquisas que trazem o voleibol numa perspectiva de componente integrante da sociedade não têm uma preocupação efetiva com as equipes que não trouxeram ao país títulos de grande importância, o fazem como se

---

<sup>21</sup> Comentário, de certa forma irônico de Bourdieu sobre a aplicação de rótulos, realizado em Conferência realizada na Universidade de San Diego, no ano de 1986 (MARCHI JR., 2004, p. 46).

<sup>22</sup> De forma sumária, poderíamos entender o *habitus* trazendo a contribuição de Maria Andrea Loyola: “A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo” (LOYOLA, 2002, p. 68). O conceito será mais bem trabalhado no decorrer da dissertação.

essas não fizessem parte do trajeto da modalidade em questão, ou até fizessem, porém, de maneira não tão significativa.

O recorte do estudo é delimitado historicamente pela primeira metade da década de 1980, pois neste período foram evidenciadas as primeiras características de profissionalização<sup>23</sup>. Entendemos a relevância de Nuzman no desenvolvimento do voleibol no país, porém salientamos que as mudanças ocorridas no campo não resultam das ações isoladas de um indivíduo, e, por isso, analisamos o momento em que se estabeleceram relações sociais provinciais resultantes da profissionalização.

Algumas transformações no voleibol foram identificadas durante a década de 1990, na qual a lógica não mais apontava exclusivamente para a profissionalização, os relacionamentos entre os agentes e as necessidades iminentes do campo sugeriam aquilo que Marchi Jr. (2004, p. 60) chamou de *espetacularização*.

De certa forma, a lacuna na abordagem científica da trajetória do voleibol no Brasil, concernente à participação efetiva dos times femininos, torna válida a proposta aqui feita, que seria, através da percepção do posicionamento e relacionamento entre determinados agentes sociais, trazer à tona parte dos mecanismos da estruturação do voleibol feminino no Brasil.

O objetivo central desta pesquisa é analisar como ocorreu a transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino brasileiro. Para que esta meta seja alcançada, seguem abaixo os objetivos específicos que permearam a organização metodológica do trabalho:

- ✓ Delimitar o espaço do voleibol feminino, seus agentes, posições e disposições ocupadas no contexto da profissionalização através de um levantamento histórico;
- ✓ Identificar as principais características do processo de profissionalização considerando a perspectiva das mídias e a percepção da profissionalização por agentes que participaram desta fase.
- ✓ Analisar o processo de profissionalização do voleibol feminino aplicando o referencial teórico-metodológico nas constatações empíricas levantadas.

---

<sup>23</sup> Remuneração, entrada de patrocínios e inserção na televisão.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho social e caráter histórico-descritivo na qual fizemos uso de entrevistas com cinco agentes diretamente inseridos no contexto abordado. Todos os dados coletados serviram como instrumento para compreender possíveis perspectivas sobre o fenômeno a ser analisado.

Com a finalidade de obtermos diferentes perspectivas sobre a profissionalização do voleibol feminino no Brasil, entendendo a relevância da participação de todos os agentes entrevistados no contexto abarcado, entrevistamos duas atletas, dois jornalistas e um profissional de marketing.

A pesquisa de cunho social é caracterizada por Rummel<sup>24</sup> pela busca por melhorar a compreensão de um grupo social - no caso específico, agentes pertencentes ao espaço do voleibol, e, mais especificamente, relacionados ao voleibol feminino - como objeto para as interpretações.

Marconi e Lakatos (1991, p. 107) defendem que o método histórico tem por objetivo:

[...] investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através das alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações.

Concordamos com a perspectiva de que os fenômenos sociais alcançaram suas características atuais através de um processo lento e gradativo e de transições parciais em sua forma de desenvolvimento, e que estas também sofreram influências dos contextos que as balizaram, mas vemos para além da importância de apontar para uma vertente histórica para dizer como essas transições influenciaram na sociedade atual, quando vislumbramos a possibilidade de, em um recorte temporal distante das convicções primárias, essencialmente pelo tempo, enxergar certas regularidades que o torna, por si só, um objeto de estudo pertinente e, em certa medida, auto-suficiente.

Neste sentido, nos identificamos com Marconi e Lakatos (1991, p. 107) quando apontam que “o método histórico preenche os vazios dos fatos e

---

<sup>24</sup> Citado por Marconi e Lakatos (2002, p. 23).

acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento de fenômenos.”

Reconhecendo que a presente pesquisa não se atém somente à esfera histórica da profissionalização do voleibol feminino no Brasil, mas dentro dela, busca “observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir com precisão a frequência em que [...] ocorre e sua relação com outros fatores” (MATTOS, ROSSETO JR. E BLENCHER, 2004, p. 15), é que a denominamos também de descritiva.

Operacionalmente foi realizado um levantamento histórico e descritivo da fase de profissionalização do voleibol feminino no Brasil utilizando materiais empíricos de três naturezas distintas: 1) Fontes históricas: jornais, revistas, legislações; 2) Bibliografia e publicações já existentes sobre o percurso do voleibol no Brasil; 3) Entrevistas com agentes que vivenciaram esta fase. Estes dados foram posteriormente analisados à luz do referencial teórico escolhido – noções centrais da abordagem sociológica de Pierre Bourdieu.

A coleta de dados foi assim realizada, através de revisão de literatura, material jornalístico e entrevistas, para englobar diferentes perspectivas na visualização do mesmo processo. Desta forma, utilizamos a técnica da triangulação entre estas fontes.

Para Triviños (1987, p. 138), a técnica da triangulação:

[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorealidade social. Tais suportes teóricos, complexos e amplos, não tornam fáceis os estudos qualitativos.

As entrevistas (gravadas e transcritas) foram realizadas com indivíduos que constituíram o cenário do voleibol feminino brasileiro nas condições de: atleta, agente midiático e profissional de marketing, vivenciando a fase de transição do amadorismo para o profissionalismo. O objetivo deste instrumento de pesquisa foi de captar a perspectiva destas pessoas a fim de fornecer diferentes formas de pensar o contexto de profissionalização. Compreendemos a relevância deste “prisma de olhares” na medida em que as percepções são trazidas por agentes que sentiram os efeitos do processo de profissionalização e, desta forma, apresentam pontos de vista



sobre este fenômeno social que podem não ser perceptíveis na abordagem dos materiais bibliográficos e jornalísticos.

Acreditamos nas entrevistas como um sendo importante instrumento para a compreensão do fenômeno estudado pela diversidade de olhares dos agentes entrevistados que no contexto focalizado pela presente pesquisa estruturavam o campo do voleibol. Porém, cabe lembrar que foram através de suas ações provenientes de outros campos sociais, como o do marketing e o midiático, isto é, trazendo consigo uma série de referências para a ação social, que esses agentes participaram da história do voleibol e, por conseguinte, da estruturação deste campo.

As entrevistas foram estrategicamente realizadas partindo de uma questão aberta norteadora, para que os participantes tivessem liberdade para compor o fio condutor dos diálogos considerando os aspectos a eles relevantes a respeito da temática. Como a pretensão foi de trazer a perspectiva das pessoas que participaram da profissionalização do voleibol feminino, caso estipulássemos perguntas chaves ou as padronizássemos, correríamos o risco da imposição de pontos a serem pensados pelos entrevistados que talvez não os fossem na situação da entrevista não-estruturada.

Deixando os entrevistados conduzirem os diálogos, percebemos em suas falas as características por eles notadas no processo de profissionalização. E esta forma de pensar os acontecimentos faz parte das suas disposições adquiridas nos campos nos quais interagem.

Richardson (1999, p. 208) considera que pesquisadores que não pretendem impor sua visão de realidade precisam de uma estratégia diferente, mais flexível do que a formulação da entrevista estruturada ou do questionário. Este tipo de pesquisa na qual os participantes têm a chance de direcionar suas respostas para fatos que consideram determinantes é caracterizado pelo mesmo autor como entrevista não estruturada. O autor acredita que a entrevista não-estruturada:

[...] visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação de estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa (RICHARDSON, 1999, p. 208).

Marconi e Lakatos (1991, p. 197) sugerem que a entrevista não-estruturada, como chamam as que “[...] o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada

situação em qualquer direção que considere adequada”, possuem três modalidades<sup>25</sup>: focalizada, clínica e dirigida. Nos aproximamos então da última, pois, segundo as autoras, nesta, “[...] a função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.”

Desta forma, observamos na entrevista não-estruturada a possibilidade da exploração da forma de pensar dos entrevistados, abrindo frente para novos olhares sobre o objeto de estudo e evitando assim a imposição de assuntos ou tópicos considerados relevantes partindo de nossas referências. Sendo o propósito das entrevistas adquirirem uma das facetas da diversidade de olhares proposta pelo estudo, a indução das respostas, mesmo que não intencional, restringiria a entrevista à simples verificação de fatos já observados. Optamos então por deixar que os agentes produzissem suas falas a partir de suas disposições para pensarem suas experiências.

Entrevistamos cinco agentes sociais que participaram da transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino brasileiro considerando a multiplicidade de olhares causada pelas suas diferentes condições, mas também as congruências trazidas pelas afinidades que os fizeram participantes deste mesmo processo. Desta maneira, foram entrevistados: duas atletas, dois jornalistas e um profissional de marketing<sup>26</sup>.

As atletas: Heloísa Roese e Maria Auxiliadora Castanheira participaram do trabalho trazendo as suas perspectivas sobre as transições ocorridas no voleibol feminino durante a década de 1980; os jornalistas: Denise Mirás e Maurício José Stycer trouxeram suas contribuições apresentando a forma de pensar dos agentes do campo midiático, então se inserindo no campo esportivo; e José Estevão Cocco nos apresentou a inserção do marketing no voleibol feminino e discorreu sobre as transformações denotadas no período abarcado.

Com a duração mínima de 45 minutos, as entrevistas se estenderam sem tempo pré-definido para seu término considerando a disponibilidade dos entrevistados. Com a autorização dos participantes as entrevistas foram gravadas,

---

<sup>25</sup> Apoiando-se na bibliografia de Ander-Egg (1978, p. 110).

<sup>26</sup> Para Bourdieu (1997b, p.11), mais do que quando tomados separadamente, a simples justaposição dos pontos de vista, por vezes incompatíveis, mas igualmente fundados em razão social, traz consigo o confronto de visões de mundo diferentes advindos de possíveis leituras diferentes do mesmo acontecimento.

transcritas e arquivadas no Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade – CEPELS – da Universidade Federal do Paraná<sup>27</sup>.

As entrevistas, assim como as reportagens de jornais e revistas, os documentos, e a literatura, foram articulados considerando três elementos norteadores: 1) Explicitação do referencial teórico; 2) Mapeamento do cenário do voleibol feminino durante o processo de profissionalização; 3) Análise à luz do referencial teórico. Para efeito de organização da dissertação, focalizamos nossa atenção nesses elementos norteadores da seguinte maneira:

No primeiro capítulo explicitamos as categorias analíticas utilizadas no decorrer do trabalho identificadas na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Para isto apresentamos o autor bem como as experiências acadêmicas que impulsionaram seus pressupostos teóricos; em seguida, mostramos como Bourdieu articulou as suas principais noções – *habitus*, capital e campo - e então, apontamos para uma possível forma de trabalhar com os conceitos operacionais de Pierre Bourdieu na sociologia do esporte fazendo a aproximação necessária.

No capítulo dois, realizamos um levantamento histórico através de revistas, jornais e entrevistas, mapeamos o cenário do voleibol feminino no recorte histórico delimitado, apresentando os seus agentes e as relações sociais estabelecidas e trazendo a tona os acontecimentos que permearam a sua profissionalização costurando os dados empíricos com o referencial teórico, e analisando, a luz do referencial teórico, as características da profissionalização. Posteriormente são tecidas as considerações finais do trabalho.

---

<sup>27</sup> Vide Termo de Aprovação do Conselho Nacional de Ética e Pesquisa - CONEP (ANEXO) e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICES 1, 2, 3, 4 e 5).

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, ao abordarmos as principais características da teoria sociológica de Pierre Bourdieu e nos aprofundarmos em específico nas noções de *habitus*, capital e campo, essas que efetivamente nortearam as análises presentes na nossa pesquisa, apresentamos nosso referencial de análise.

Primeiramente, fizemos uma breve alusão à construção do quadro teórico de Bourdieu, trazendo a baila o seu percurso acadêmico com o foco nas premissas a partir das quais este sociólogo desenvolveu as suas categorias interpretativas. Através desta aproximação com a trajetória intelectual de Bourdieu, buscamos fundamentar a origem dos seus conceitos trazendo os pressupostos que os impulsionaram. Acreditamos na relevância desta genealogia para a profundidade da compreensão dos conceitos e, conseqüentemente, para a viabilização de uma aplicação coerente do decorrer do trabalho.

Feito isto, nos atemos à explicitação dos conceitos de *habitus*, campo e capital e, delineando os contornos de nossa instrumentalização teórica, promovemos uma reflexão sobre a utilização da sociologia de Bourdieu para a análise do esporte.

### 1.1 DEFINIÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO DE ANÁLISE

Optamos pelo arcabouço teórico de Pierre Bourdieu para fundamentar a análise da transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino no Brasil, pois identificamos nesta abordagem a possibilidade de apreensão de certa inteligibilidade própria contida neste processo social.

Refletir sobre as seguintes questões tornou-se imperativo na realização do estudo: 1) O que fez com que o amadorismo permanecesse durante determinado tempo no voleibol feminino brasileiro? 2) Por que houve um momento na história desta modalidade em que ocorreu uma mudança na sua estruturação? 3) Como e por que esta alteração, o advento do profissionalismo, permaneceu durante determinado período da trajetória do voleibol feminino?

Em outras palavras, temos as seguintes inquietações: o que é necessário para que uma condição social se reproduza ao longo do tempo? E o que faz com que sejam geradas novas condições, e assim ocorra uma transição, ao invés da reprodução? Bonnewitz (2003, p. 51) aponta que:

Propor uma abordagem em termos de espaço social e de campos sociais é dotar-se de conceitos e instrumentos que permitem não apenas analisar a posição dos grupos e suas relações, mas também compreender a tendência à reprodução da ordem social.

Verificamos a questão da reprodução social em Bourdieu como algo estrategicamente construído e mantido pelos agentes interessados nesta condição. Segundo Catani (2000, p. 63), o pensamento de Bourdieu tem efeito de conhecimento “libertador”, pois, para o sociólogo francês, as transições sociais são possíveis, mas para que elas ocorram, deve-se considerar a importância da conversão de sujeitos em agentes nas estruturas sociais do seu espaço. Assim, consideramos que a abordagem sociológica de Bourdieu atenderia às questões iniciais acima levantadas sobre a profissionalização do voleibol feminino nacional, já que esta se apresenta como uma ruptura de um estágio de reprodução.

Porém, algumas outras leituras poderiam se justificar para compreender o cenário da profissionalização do voleibol feminino no Brasil. Levando em consideração o foco do estudo que procura abranger equipes femininas em uma modalidade esportiva, poderíamos fixar a atenção na questão da mulher no esporte, assim, os estudos de gênero poderiam guiar a reflexão como ferramenta de análise central.

Todavia, além desta questão, outras detectadas não seriam tratadas na sua totalidade partindo exclusivamente da perspectiva de gênero, tais quais: os aspectos inerentes às condições de amadorismo e de profissionalismo; a questão mercadológica que envolve o voleibol como segunda modalidade na preferência nacional no país; a lógica do espaço simbólico do universo esportivo, que, segundo Bourdieu (1983, p. 137), possui peculiaridades que somente os agentes lá atuantes internalizam; a questão da constante formação de ídolos esportivos, dentre outras.

A perspectiva de gênero é considerada relevante para o estudo, e, por conseguinte, merece atenção, até porque, independentemente do recorte temporal ou espacial essas questões existem e determinam situações. Não a tomaremos,

porém, pelas circunstâncias listadas no parágrafo acima, como a perspectiva teórico-metodológica central, pois a pesquisa se lança a apontar e compreender as mais variadas características de uma fase de transição no campo do voleibol feminino, onde as questões de gênero se situam como uma dessas no processo de profissionalização.

O recorte do objeto de estudo neste trabalho não almeja fundamentar discussões ou aproximações entre as mais variadas vertentes teóricas da sociologia que poderiam explicar o fenômeno. Bourdieu (1998b, p. 64) aponta que:

[...] uma das grandes barreiras das ciências sociais reside no fato de se esperar do cientista social uma união entre humildade e ambição. Humildade para incorporar o corpo de conhecimentos (“dispersos e *pouco formalizados*”) estudados durante a formação na forma de *habitus* e ambição no sentido de aplicar este corpo de conhecimentos de forma cumulativa na sua prática (Idem).

Desta maneira, o autor acredita que um dos principais empecilhos das ciências sociais se encontra na necessidade de incorporação da enormidade de possíveis referenciais de análise, que para o autor são “dispersos e pouco formalizados”, e de aplicá-los de maneira cumulativa durante a prática do pesquisador social. Preconizamos então a abordagem sociológica de Pierre Bourdieu como instrumental teórico da pesquisa entendendo-a como um novo paradigma sociológico que o coloca em uma posição prestigiosa no campo da sociologia. Esta posição pode ser explicada por Bonnewitz (2003, p. 7):

[...] pela originalidade das respostas de P. Bourdieu a indagações que atravessam a história da sociologia desde a sua origem. O que é sociologia? O que é a sociedade? A sociedade se reproduz, ou, ao contrário, modifica-se? Qual é o lugar do indivíduo? (Idem).

Em definido nosso referencial teórico de análise, pensamos ser produtivo situar a obra de Pierre Bourdieu no universo científico indicando a pertinência da sua utilização nesta pesquisa. Para tanto, apresentamos no próximo item as premissas que orientaram a construção do quadro teórico de Pierre Bourdieu.

## 1.2 PREMISSAS EPISTEMOLÓGICAS DE PIERRE BOURDIEU

*[...] se é verdade que o sentido de uma obra (artística, literária, filosófica etc.) muda automaticamente a cada mudança no campo em que está situada para o expectador ou leitor, então a adequada compreensão de um determinado autor impõe um duplo trabalho de elucidação: de suas idéias e do universo intelectual no qual elas chegaram a circular. Requer que codifiquemos o espaço mental do autor – isto é, as categorias e postulados que o sustentam ou sua maneira de pensar e teorias substantivas – e requer, também, que consigamos alguma informação acerca do espaço acadêmico no qual seus escritos estão inseridos (Wacquant, 1993, p. 235)<sup>28</sup>.*

Concordando com a perspectiva de Loïc Wacquant presente no trecho acima mencionado, entendemos que para nos apropriarmos do corpo de conhecimentos construído por Pierre Bourdieu, é pertinente levarmos em conta sua trajetória intelectual demarcada por experiências de vida concretas das quais certamente o autor se valeu para a constituição de seu quadro teórico. Focalizamos então algumas características do percurso acadêmico do sociólogo buscando assim entender as condições sociais da produção da sua obra. Pretendemos com isto fundamentar o instrumental teórico-metodológico utilizado para analisar o processo social de profissionalização do voleibol feminino no Brasil.

*[...] a importância atual da sua sociologia tende a apagar o fato de que ela é fruto de uma longa gestação, ligada à trajetória individual do autor, caracterizada por uma série de 'rupturas' pessoais com o meio de origem, sua formação inicial, com as correntes intelectuais dominantes. (BONNEWITZ, 2003, p. 9)*

“Alguém se tornava ‘filósofo’ pelo fato de haver sido consagrado, e a pessoa consagrava-se ao garantir para si o estatuto prestigioso de ‘filósofo’. (BOURDIEU, 2005, p. 41) Em outras palavras, ser filósofo representava fazer parte de uma elite universitária. Bourdieu ingressou na academia estudando filosofia e neste universo, o campo científico, se inseriu, aprendeu e apreendeu sua lógica.

Correntes intelectuais dominavam o cenário da filosofia no contexto da incursão de Bourdieu neste campo. Nos anos 1950, a abordagem filosófica em voga era a fenomenologia, uma filosofia subjetivista, “[...] que considera o fenômeno, isto é, aquilo que aparece para a consciência do sujeito, como a única realidade

---

<sup>28</sup> Citado por Catani (2002, p. 59).

cognoscível” (BONNEWITZ, 2003, p. 12). Dentre os representantes desta abordagem, destacaram-se Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. (Idem)

E paralelo à fenomenologia, o estruturalismo triunfou no campo intelectual francês. Esta abordagem é considerada um ponto de vista objetivista, isto é, [...] as estruturas são consideradas como realidades que existem objetivamente e que impõem sua lógica, do exterior, aos agentes sociais [...]”. O estruturalismo teve entre seus representantes notórios: Saussure, Lévi-Strauss e Althusser (BONNEWITZ, 2003, p. 13).

Os paradigmas fenomenológico e estruturalista, em voga na ocasião do ingresso de Pierre Bourdieu no curso de Filosofia podem ser identificados na formulação dos conceitos de *habitus*, capital e campo, *a posteriori* tratados.

Bourdieu prestou serviço militar na Argélia, em plena guerra de libertação nacional argelina no ano de 1955, onde produziu um estudo etnológico marcando primeiramente a sua passagem da filosofia para a etnologia e, em seguida para a sociologia (ALMEIDA, 2006, p. 126).

Compreendi assim, retrospectivamente, que tinha ingressado em sociologia e em etnologia, de um lado, por conta de uma recusa profunda do ponto de vista escolástico, princípio de uma altivez, de uma distância social, na qual nunca pode me sentir à vontade e para a qual decerto predispõe a relação com o mundo associada a certas origens sociais. Essa postura me desagradava havia muito tempo. E a recusa da visão do mundo associada à filosofia universitária da filosofia contribuíra muitíssimo para levar-me às ciências sociais e, em certo modo, a um certo modo de praticá-las (BOURDIEU, 2005, p. 72).

Tendo como base o trânsito no universo acadêmico da filosofia, da etnologia e posteriormente da sociologia, Pierre Bourdieu elaborou gradativamente o seu arcabouço teórico que teve como o cerne o desvelamento dos fundamentos ocultos de dominação. Por conta disso, construiu uma sociologia que julgava como necessária na “prática” dos agentes sociais, assim o fez em seus estudos sobre os mais diversos objetos.

Ao utilizarmos o termo “prática”, não colocamos como objetivo da sociologia de Bourdieu a prescrição de medidas a serem tomadas pelos agentes sociais dominados para deixarem de sê-los, mas entendemos que esta matéria, para Pierre Bourdieu visava “descrever a lógica de funcionamento social”.



Se a sociologia não tem ação, mas o conhecimento, como finalidade primeira, ela fornece, não obstante, instrumentos de compreensão do mundo social que permitirão aos agentes sociais lutar contra todas as formas de dominação, que são ainda mais eficazes por repousarem na própria negação da dominação. Assim, a sociologia permite lutar contra o efeito de naturalização que tende a fazer passar por naturais construções sociais [...] (BONNEWITZ, 2003, p. 45).

Como nosso objeto de estudo envolve as mulheres atletas do voleibol no início da década de 1980, temos uma situação de dominação e reprodução social através do gênero que certamente permeou as transições ocorridas na modalidade.

E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e 'faz', de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. (BOURDIEU, 2007b, p. 45)

Utilizamos o exemplo da questão da mulher para demonstrar que Bourdieu acreditava que o conhecimento por parte do agente das condições sociais e da lógica que move o funcionamento social é uma possibilidade para a sua ação evitando a reprodução das hierarquias. Esta reprodução é constantemente reforçada pelos dominantes através de estratégias de dominação oculta, e legitimada também pelos dominados, através do que Bonnewitz (2003, p. 45) denominou “naturalização” das construções sociais.

Entenda-se aqui a “naturalização” das construções sociais, bem como o que Bourdieu chamou de “atos de reconhecimento prático” como sendo parte incorporada da aceitação dos dominados de permanecerem inferiores na escala de poder, por considerarem que esta situação é imutável. A sociologia seria uma ferramenta de “desnaturalização” dessas construções sociais, conhecimento prático, desmistificação da realidade e identificação das formas de dominação.

[...] cabe à sociologia objetivar essas relações de dominação, desvelar-lhes os mecanismos, fornecendo ao mesmo tempo as ferramentas intelectuais e práticas que permitam aos dominados contestar a legitimidade dessas relações (BONNEWITZ, 2003, p. 8).

Assim, para Bourdieu, “[...] a sociologia não valeria uma hora de esforço se fosse um saber de especialista reservado aos especialistas” (BOURDIEU, 1983).

Com isto, o sociólogo quis dizer que de nada valeria o esforço do sociólogo para construir grandes formulações sobre a realidade social se essas circulassem no universo acadêmico, não servindo para:

[...] fazer com que um público mais amplo tivesse acesso a uma série de conceitos, de métodos de análise, de procedimentos teórico-práticos que lhe permitisse entender o espaço social em que estivesse inserido, os fatores que condicionam e limitam a sua atuação e que são responsáveis, no limite, pelo destino social dos agentes (CATANI, 2000, p. 54).

Ortiz (1994, p. 7) pondera que, por Pierre Bourdieu não ser considerado um “clássico” da sociologia, e tampouco adepto de alguma “escola”, o sociólogo francês produziu um arcabouço teórico original estabelecendo críticas às correntes de pensamento vigentes em sua época, porém considerando-as e avançando à sua maneira de fazer sociologia.

Uma das clivagens existentes na sociologia a partir das quais elaborou seu quadro conceitual é o divórcio entre teoria e prática. Se esquivando do que chamou de teoria-teórica, considerou a pesquisa empírica uma ferramenta fundamental de detecção da realidade, utilizando-se de uma metodologia que ultrapassa as grandes abstrações de ausentes da realidade sobre a realidade, com um misto de etnologia e sociologia, por diversas vezes manuseando pesquisas estatísticas, algo não muito corriqueiro em pesquisas de cientistas sociais, evidenciando uma sociedade extremamente dinâmica, poli-facetada e inteligível.

Diferente da teoria teórica – discurso profético e programático que tem em si mesmo seu próprio fim e que nasce e vive da defrontação com outras teorias -, a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de acção só revelado no trabalho empírico que se realiza. Construção provisória elaborada para o trabalho empírico e por meio dele, ganha menos com a polêmica teórica do que com a defrontação com novos objectos. Por esta razão, tomar verdadeiramente o partido da ciência é optar, asceticamente, por dedicar mais tempo e mais esforços e pôr em acção os conhecimentos teóricos adquiridos investindo-os em pesquisas novas, em vez de os acondicionar, de certo modo, para a venda, metendo-os num embrulho metadiscursivo, destinado menos a controlar o pensamento do que a mostrar e a valorizar a sua própria importância ou a dele retirar directamente benefícios fazendo-o circular nas inúmeras ocasiões que a idade do jacto e do colóquio oferece ao narcisismo do pesquisador (BOURDIEU, 1998b, p. 59).

Outras características que detectamos nos escritos de Bourdieu é a sua rigorosidade conceitual, o alcance das suas análises e, por conseguinte, a

construção de uma obra aberta e passível de ser aplicada em diferentes realidades sociais. De uma maneira original, Bourdieu elabora as suas categorias interpretativas mostrando a evolução na formulação dos conceitos com a aplicação prática deles em diversas realidades sociais com a finalidade de fundamentá-los, contestá-los e validá-los, ilustrando e autenticando a dinamicidade do conhecimento em Ciências Sociais.

Bourdieu desenvolve uma crítica com relação aos grandes teóricos:

O *homo academicus* gosta do acabado. Como os pintores acadêmicos, ele faz desaparecer dos seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e retoques: foi com certa ansiedade que descobri que pintores como Couture, o mestre de Manet, tinham deixado esboços magníficos, muito próximos da pintura impressionista – que se fez contra eles – e tinham muitas vezes estragado obras julgando dar-lhes os últimos retoques, exigidos pela moral do trabalho bem feito (BOURDIEU, 1998b, p. 19).

Constatamos então que, com o objetivo central de desvelar os fundamentos ocultos de dominação, desnaturalizando as posições hierárquicas estabelecidas entre dominantes e dominados, Bourdieu construiu uma obra baseada em pressupostos multidisciplinares e aberta, no sentido da aplicação da sua forma de pensar sociologicamente aos diferentes domínios, objetos e problemas como indica Catani (2000, p. 62), de maneira reflexiva, aplicando as suas categorias analíticas.

### 1.2.1 Modo de conhecimento praxiológico

Os conceitos operacionais da teoria sociológica de Pierre Bourdieu não provieram de abstrações, ou de teorizações sobre formulações teóricas anteriores, mas sim, ao renegarem os “divórcios” entre teoria e prática, ator e estrutura, foram enriquecidos pelas contribuições fenomenológicas e estruturalistas, e foram elaborados a partir dessas contribuições teóricas e constatações empíricas.

Assim sendo, estando inserido no campo científico francês em determinadas circunstâncias da história deste universo, Bourdieu construiu sua teoria considerando e avançando nos pressupostos das correntes sociológicas em

evidência. Desta forma, em sua obra, podem ser identificadas proximidades e desacordos com autores clássicos da sociologia<sup>29</sup>.

Porém, ao ponto em que apresenta essas convergências teóricas com autores clássicos da sociologia, Bourdieu se caracteriza inovador ao superar dualismos tradicionais da sociologia, tais quais: objetivismo/subjetivismo, simbólico/material, teoria/empíria e holismo/individualismo. (CATANI, 2000, p. 62)

Segundo Bonnewitz (2003, p. 14), já nos primeiros estudos de Bourdieu relacionados com a antropologia, o sociólogo não se mostrou adepto de um estruturalismo clássico, o criticou. Porém, considerou-o na medida em que, para a compreensão dos fenômenos sociais, pondera a relação entre indivíduos e classes.

As críticas aparecem pelo fato de que o estruturalismo desconsidera o sentido conferido pelos indivíduos às suas ações sociais, este sentido, segundo Bourdieu, orienta suas práticas e, ademais, Bourdieu acrescenta à noção de regras do estruturalismo, a de estratégia (BONNEVITZ, 2003, p. 14).

“A problemática teórica dos escritos de Bourdieu repousa essencialmente sobre a questão da mediação entre agente social e sociedade” (ORTIZ, 1994, p. 8). Bourdieu foi um autor que tratou de considerar as contribuições epistemológicas para construir o seu arcabouço teórico, porém, não somente as citou como também as superou rompendo com alguns paradigmas instaurados no universo acadêmico sociológico contextual de sua obra.

[...] os melhores dos práticos podem ter o domínio das operações científicas sem disporem nem do tempo livre nem dos instrumentos necessários para se sair desta douda ignorância; os especialistas da reflexão epistemológica ou metodológica estão necessariamente condenados a considerar mais o *opus operatum* que o *modus operandi*, o que implica, além de um certo atraso, um enviesamento sistemático (BOURDIEU, 2002, p. 135).

Pierre Bourdieu aponta então as limitações de um objetivismo, que coloca o agente social à mercê da estrutura externa social, e do subjetivismo extremo, que considera apenas a experiência primeira do indivíduo, independentemente das questões sociais. Bourdieu faz questão de romper com o antagonismo entre esses dois métodos epistemológicos de pesquisa os colocando em uma situação homóloga.

---

<sup>29</sup> Bonnewitz (2003, p. 7) descreve sumária e objetivamente essas proximidades e desacordos.

O pensamento estruturalista aparece na construção do conhecimento praxiológico como uma das categorias epistemológicas do objetivismo, assim como o culturalismo e o marxismo “estrutural” (ORTIZ, 1994, p. 9). Bourdieu considera a necessidade de elucidar as relações objetivas, e ultrapassa o estruturalismo na medida em que introduz, na origem das práticas sociais, as capacidades criativas dos indivíduos. O sociólogo francês explicita:

Eu pretendia reintroduzir de algum modo os agentes, que Lévi-Strauss e os estruturalistas, especialmente Althusser, tendiam a abolir, transformando-os em simples epifenômenos da estrutura. Falo em agentes e não em sujeitos. A ação não é a simples execução de uma regra, a obediência de uma regra.” (BOURDIEU, 1990, p. 21).

Esta reintrodução do agente com suas capacidades criadoras não significa, porém, que as possibilidades de ação do indivíduo diante da estrutura são adquiridas ao acaso, mas sim, como a interiorização da exterioridade e, quando se constitui em ação (prática), assume a forma de exteriorização da interioridade. Esses termos - interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade - são utilizados por Bourdieu para validar a relação dialética entre ator e estrutura (ORTIZ, 1994, p. 8).

Desta maneira, o rompimento com a polaridade entre as formas objetivistas e subjetivistas de pensar o mundo social, fez com que Bourdieu propusesse a forma de pensamento praxiológico do mundo. Esta que:

[...] tem por objecto não só os sistemas das relações objectivas que o modo de conhecimento objectivista constrói, mas também as relações dialécticas entre essas estruturas objectivas e as disposições estruturadas nas quais elas se actualizam e que tendem a reproduzi-las, ou seja, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objectivista, quer dizer, uma interrogação sobre as condições de possibilidade e, por isso, sobre os limites do ponto de vista objectivo e objectivante que apreende as práticas a partir do exterior como facto consumado, em vez de construir o seu princípio gerador, situando-se no próprio movimento da sua efectuação (BOURDIEU, 2002, p. 145).

Evidenciando as lacunas no modo de conhecimento objetivista, no qual os agentes não poderiam ser chamados desta forma, pois não têm poder de ação perante a estrutura (o exterior) e, em contrapartida, reforçando a necessidade de reconstituição das práticas e relações objetivas, Bourdieu avança ao buscar as

razões dessas práticas, o que as move; como a subjetividade dos indivíduos e a objetividade de suas relações sociais estão presentes nas suas ações.

Porém, colocar o sujeito como agente para compreender a sociedade, por mais que aparente uma proximidade efetiva com a fenomenologia, se distingue ao passo que as interações se constituem como “[...] socialmente estruturadas, isto é, os agentes da “fala” entram em comunicação num campo onde as posições sociais já se encontram objectivamente estruturadas” (ORTIZ, 1994, p. 13).

Assim, a falsa imagem de que Bourdieu teria adotado a corrente epistemológica subjetivista como a que daria conta de entender a sociedade se esvai quando aparece como questão central o poder em sua obra. O autor considera a existência de um campo estruturado pelas próprias ações dos agentes constituintes das relações objetivas estabelecidas entre eles – o que pressupõe a existência das suas capacidades criativas – posicionados em escalas hierárquicas de poder que fazem parte dos seus determinantes de ação – o que presume a existência da estrutura social.

A partir do rompimento com essas antinomias das ciências sociais (teoria x prática<sup>30</sup>; objetivismo x subjetivismo), adotando o modo de pensamento praxiológico, que considera em certa medida o objetivismo e o subjetivismo, e os colocando em uma relação dialética, Bourdieu elabora os seus conceitos fundamentais, o de campo, o de *habitus* e o de capital. É o que será construído a seguir.

### 1.2.2 Noções de *habitus*, capital e campo

A noção de conhecimento praxiológico foi determinante na construção dos conceitos, bem como da teoria sociológica de Bourdieu. Neste sentido, os conceitos de *habitus* e de campo, segundo Wacquant<sup>31</sup>, pertenceram a Bourdieu “[...] livrar-se do falso problema da espontaneidade pessoal e da pressão social, da liberdade e da

---

<sup>30</sup> Loyola (2002, p. 64) aponta que logo em seus primeiros escritos, com Jean-Claude Passeron e Jean-Claude Chamboredon em 1967, Bourdieu, escrevendo sobre a profissão de sociólogo, se insurge contra este dualismo nas ciências sociais.

<sup>31</sup> Citado por Loyola (2002, p. 70).

necessidade, da escolha e da obrigação, em suma, da falsa oposição entre determinismo social e o individualismo metodológico”.

Para Bourdieu, “o primeiro obstáculo a passar num novo trabalho é aquele das palavras, das categorias que pré-constroem o mundo social e são esquecidas ou se fazem esquecer pela evidência” (LOYOLA, 2002, p. 64). Abstraímos desta citação a rigorosidade e vigilância com que Bourdieu trata a utilização das palavras, o que facilita o entendimento do motivo pelo qual este autor retoma os significados de seus conceitos em todas as suas obras, orientando-os e enriquecendo-os ao aplicá-los nas variadas realidades estudadas.

As noções de *habitus*, capital e campo vieram para suprir a preocupação com a relação dialética entre indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade. Reforçando, “... a noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc” (BOURDIEU, 1998b, p. 60).

Esta noção é mediadora entre sujeito e sociedade na medida em que possibilita esta relação, sendo fruto da interioridade do sujeito e da exterioridade social à qual ele se submete. “A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de *disposições* duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo” (LOYOLA, 2002, p. 68).

O *habitus*, então, aparece como um sistema gerador de práticas internalizado a partir das situações sociais às quais o agente social é exposto, e faz com que este produza suas maneiras de se relacionar no seu universo social, evidenciando a coexistência de uma inteligibilidade estrutural social e de capacidades criadoras dos indivíduos que utilizam seus *habitus* incorporados diante das situações a ele propostas.

Para Bourdieu (1998b, p. 62), o *habitus* produz uma “... espécie de sentido de jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira relacional no espaço”, sendo assim, as disposições para agir são incorporadas de maneira gradativa no ambiente de atuação social e são utilizadas sem que se tenha necessariamente a consciência de sua existência, porém, são determinantes nas suas práticas.

[...] Bourdieu, em 'A distinção', toma como objeto o gosto, ou seja, uma prerrogativa do indivíduo tida como não passível de discussão, para mostrar que as preferências ou julgamentos (em matéria de música, literatura, cozinha, esportes etc.) decorrem da posição do indivíduo no espaço social, de seu *habitus* (LOYOLA, 2002, p. 73).

Desta maneira, a partir da aquisição do *habitus* nas exposições gradativas e constantes em ambientes sociais, são produzidas também as formas de apreciação, as inclinações a gostar de determinadas coisas, e esta capacidade de apreciação é decorrente de um posicionamento no espaço social. O *habitus* então, além dessas características apontadas, se constitui como princípio de desigualdades e hierarquias. É evidente, pois, as formas de se portar, de agir, se relacionar, as apreciações de determinadas culinárias, esportes, músicas ou mesmo o consumo de determinados produtos, designam aos indivíduos uma colocação ou não em um posto de prestígio dentro de determinado *lócus* social.

Sistemas de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objectivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada serem o produto da obediência à regras, objectivamente adaptadas ao seu fim sem suporem a mira consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para os atingir, e sendo tudo isto, colectivamente orquestradas sem serem o produto da acção organizadora do maestro de uma orquestra (BOURDIEU, 2002, p. 145).

O *habitus* se constitui como um conjunto de possibilidades de ação que, de acordo com o posicionamento do agente, ou grupo de agentes, as determinam, sendo que a incorporação dessas disposições para agir demanda tempo e é durável. Por ser transponível e possibilitar as capacidades criativas do indivíduo, evidencia sua forma estruturante, e por ser internalizada através do que é exterior ao indivíduo, se constitui como algo estruturado. As características de estruturada e estruturante conferem à formulação do conceito de *habitus* a capacidade de validação do conhecimento praxiológico, que explicita a relação dialética entre objetivo e subjetivo.

Assim, “[...] o fato de os esquemas poderem ir da prática à prática sem passarem pela explicitação e pela consciência não significa que a aquisição do *habitus* se reduza a uma aprendizagem mecânica por tentativas e erros” (BOURDIEU, 2002, p. 185).



Evidenciamos então a existência de um *habitus* interiorizado pelos agentes na composição do campo. O campo se constitui como um espaço de disputas entre agentes e instituições sociais que aporta um antagonismo interessante: ao mesmo tempo em que os agentes se confrontam em busca de um bem específico (objeto de disputa), para garantir a legitimidade e existência do campo, eles necessitam de certa cumplicidade, que pode aparecer na afinidade de interesses entre os mesmos.

A questão do poder é evidenciada na teoria sociológica de Bourdieu, pois a todo o momento os agentes pertencentes a determinado campo disputam uma melhor colocação nas suas possíveis escalas de poder. A conquista dessas disputas travadas no interior do campo geralmente se deve à somatória dos bens denominados por Bourdieu de capitais. Esses capitais assumem diferentes características, não necessariamente estando atrelados à questão financeira.

Bourdieu não desconsidera que o capital econômico, como sugerem os marxistas ortodoxos, confere maior poder aos que o possuem em maiores quantidades, porém, o sociólogo francês transcende este pensamento quando coloca como ““moeda de jogo”” das lutas travadas no interior do campo, outras formas de riqueza (LOYOLA, 2002, p. 66).

Concordando parcialmente com a abordagem marxista, Bourdieu considera a potencialidade do critério econômico na divisão hierárquica das classes sociais. (BONNEWITZ, 2003, p. 51). O capital econômico em Bourdieu [...] é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens culturais. (Ibidem, p. 53)

Porém, através de uma inspiração weberiana, Bourdieu entende a sociedade através de extratos construídos pelo poder, prestígio e riqueza, sendo esses, princípios de classificação (Ibidem, p. 51). A partir disto, elabora os conceitos de capital cultural, social e simbólico.

O capital cultural “[...] designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar” (LOYOLA, 2002, p. 66). Esta ““moeda de jogo””, segundo Bonnewitz (2003, p. 53) “[...] corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família.” Este autor versa sobre três formas de existência desta potencialidade:

Este capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadro, de

obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como os títulos acadêmicos) (BONNEWITZ, 2003, p. 53).

Quanto ao capital social, este é identificado através da rede de relacionamentos sociais e, assim como as outras formas de capital, em determinados momentos, confere ao seu portador a dominância nas suas relações sociais (LOYOLA, 2002, p. 66).

Para Bonnewitz, o capital social:

[...] se define essencialmente como o conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou um grupo. A detenção deste capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum, etc. (BONNEWITZ, 2003, p. 54)

O capital simbólico é “[...] formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social” (LOYOLA, 2002, p. 66). Para Bonnewitz (2003, p. 54), este capital:

[...] corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e de regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com consequências efetivas.

O conceito de campo em Bourdieu clarifica e facilita a compreensão das noções de *habitus* e de capital por considerar que a sociedade não é homogênea, que nela os indivíduos não agem de acordo com uma lógica comum, e também que os elementos de uma teoria economicista não dariam conta de explicar os tipos de diferenciações sociais. Bourdieu desenvolve o conceito de campo apontando para especificidades até então desconhecidas entre indivíduos que interagem em um mesmo ambiente social e as produzem ao longo do tempo.

Evidenciamos a existência dos campos em uma sociedade heterogenia de indivíduos com diferentes interesses, lócus, e potenciais de ação. A formulação do conceito de campo em Bourdieu torna inteligíveis as práticas e as razões das práticas sociais dos agentes.

Bem como o conceito de campo é necessário na interpretação das noções de *habitus* e capital, o entendimento dessas noções nos introduzem à formulação do conceito de campo.

“A existência do *habitus* é, ao mesmo tempo, condição de existência de um determinado campo e produto de seu funcionamento dentro de uma estrutura específica”<sup>32</sup>. O campo é então, o produto e o produtor de uma afinidade de *habitus* entre os agentes que o compõem.

Assim sendo, “... as práticas expõem-se sempre a receber sanções negativas e, portanto, um reforço secundário negativo, quando o meio ambiente com que realmente se confrontam, é demasiado afastado daquele ao qual se encontram objectivamente ajustadas” (BOURDIEU, 2002, p. 166).

Isto quer dizer que no interior de um campo são constituídos os *habitus* dos agentes que o integram, e a utilização deste, caso seja forjada, traz ao agente desta ação um declínio na escala de poder estabelecida no campo.

Ocorre que o senso da aplicação cultural que leva a apreciar sempre e sempre sinceramente o que deve ser apreciado e isso só pode contar com a decifração inconsciente de inumeráveis signos que, em cada momento, dizem o que deve, ou não, ser feito ou ser visto, sem nunca ser explicitamente orientado pela busca dos lucros simbólicos que ele proporciona (BOURDIEU, 2007a, p. 83).

Para Bourdieu (1983, p. 89), campos são “[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.

Deste modo, o campo se constitui como um espaço de disputa interna pelos postos de poder, ocupados segundo a estruturação do *habitus*, mas não só isto, a “moeda do jogo”, isto é, o acesso ao objeto ao qual é atribuído maior valor por condição dos *habitus* em comum de agentes pertencentes a um campo, é possibilitado aos indivíduos que possuem a maior soma de capitais.

Mas ao mesmo tempo em que no cerne do campo existem conflitos e disputas, também existe uma certa cumplicidade que agrega legitimidade a esse espaço.

---

<sup>32</sup> Pilatti (2006). Disponível em: <[www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm](http://www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm)>. Acesso em 16 de outubro de 2006.

Independentemente de sua especificidade, os campos possuem leis gerais invariáveis e propriedades particulares que se expressam como funções variáveis secundárias. Com efeito, os conhecimentos adquiridos com um campo específico são úteis para se interrogar e interpretar outros campos. É justamente nesse nó que Bourdieu desenhou a 'Teoria dos Campos'<sup>33</sup>.

Desta maneira o campo se constitui enquanto espaço social de disputas e objetos simbólicos de poder próprios que é capaz de engendrar em seus agentes *habitus* comum e assim sendo ser legitimamente um campo, a partir do momento em que, mesmo os agentes travando essas constantes batalhas na disputa pelo poder, existe uma certa cumplicidade, e esta o posiciona diante de outros campos do poder sendo que os seus agentes estão prontos a defender esta existência.

Entendido o espaço simbólico de produção da obra de Bourdieu, os pressupostos que guiaram a formulação de seus principais conceitos e o significados dos mesmos, o próximo passo é a aproximação deste referencial de análise ao objeto de estudo desta dissertação.

### 1.3 PARA UMA SOCIOLOGIA DO ESPORTE EM PIERRE BOURDIEU

*[...] a paciência das aplicações práticas repetidas deste método é uma das vias possíveis [...] permitindo levar a um nível de generalidade e de formalização mais elevado os princípios teóricos envolvidos no estudo empírico de universos diferentes e as leis invariantes da estrutura e da história dos diferentes campos (BOURDIEU, 1998b, p. 67).*

Com os apontamentos supracitados, entendemos que a ferramenta teórico-metodológica oferecida pela teoria sociológica de Pierre Bourdieu tem aplicabilidade nos mais diferentes campos sociais. Deste modo, apresentaremos neste subcapítulo as características da obra deste autor que a torna pertinente para o estudo do esporte.

Entendemos o esporte enquanto um campo de relações sociais bem delimitado que possui a sua própria lógica de funcionamento, onde os agentes se

<sup>33</sup> Pilatti (2006). Disponível em: <[www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm](http://www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm)>. Acesso em 16 de outubro de 2006.

posicionam em escalas hierárquicas de poder de acordo com os diferentes potenciais de ação e interesses. Durante a história deste campo, visualizamos a criação de um *habitus* que faz com que os seus integrantes sejam identificados como pertencentes a este universo através de uma espécie de codificação que legitima o campo esportivo enquanto tal e garante a sua existência.

Percebemos também as estratégias dos agentes dominantes para permanecerem no poder mediante os conflitos instaurados nas suas relações sociais, e essas relações de poder são estabelecidas constantemente tendo em vista o almejo dos agentes situados abaixo na tentativa de ascendência na escala de poder.

Visualizamos o campo esportivo brasileiro com as suas diferentes modalidades esportivas e entrecruzamentos com outros universos de disputa. Essa espécie de intersecção de campos é identificada na medida em que conhecemos a história dos esportes no Brasil, o exemplo mais recorrente é a aliança existente entre o campo esportivo e midiático. Também podemos pensar, em termos de esporte profissional, no entrelaçamento entre campo esportivo e empresarial. Ou ainda, poderíamos pensar nos relacionamentos existentes entre esses três campos, considerando as especificidades e interesses de cada um.

Na história do voleibol feminino, temos a possibilidade de identificar um campo em processo de estruturação, através das disputas pelo poder a todo tempo travadas pelos agentes, através da formação de instituições e das estratégias desprendidas pelos agentes para subir na escala de poder ou evitar a sua queda.

Lançar-se a desmistificar determinada realidade através das condições possibilitadas pelo distanciamento do tempo, evidencia a manifestação de um movimento de reação antagônica: se por um lado, o estranhamento das características denotadas no contexto que se pretende estudar facilita um olhar menos passional sobre o fenômeno, por outro, se apresenta como um desafio, já que o esforço vai além da reconstituição do objeto de investigação e carece de interpelações interpretativas sobre o mesmo.

A utilização do referencial metodológico da teoria sociológica de Pierre Bourdieu para compreender o voleibol feminino no seu período de transição de essencialmente amador para profissional é uma tarefa que demanda cuidado, pois, este percurso foi permeado por diversos agentes sociais dotados de características próprias e de grupos e, sendo assim, a análise dos dados concretos trazidos pelas

fontes de pesquisa traz em si circunscrito um entrelaçamento objetivo de agentes e ações que como em um quebra-cabeça, aos poucos desmistificam e trazem a tona a lógica das ações.

Bourdieu não é sociólogo do esporte, a questão norteadora dos seus estudos reside nas razões e características das desigualdades sociais. Porém, com base na sua teoria, visualizamos o esporte enquanto campo social, e na sua estrutura, uma possibilidade de compreensão de algumas questões de diferenciação social, assim como nos agentes envolvidos com as possíveis manifestações esportivas, intencionalidades de distinção e prestígio.

Pedindo metaforicamente que os especialistas do esporte sejam “esportivos”, pois Bourdieu não pertence a este grupo, este sociólogo contribuiu para a sociologia do esporte enquanto uma área de atuação acadêmica ao apontar a necessidade de olhares diferenciados sobre seus objetos.

Não sendo historiador das práticas esportivas, faço o papel de amador entre profissionais e só posso lhes pedir que “sejam esportivos”... Mas acho que a inocência conferida pelo fato de não ser especialista pode às vezes levar a colocar questões que os especialistas não se colocam mais, pois pensam que já as resolveram ao tomarem como dados alguns pressupostos que talvez estejam no próprio fundamento de sua disciplina (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Sobre essas questões as quais Bourdieu se referiu como já resolvidas pelos estudiosos do esporte, são escassas as análises elaboradas, porém variados os dados estatísticos levantados e é neste levantamento de dados que não deveria se encerrar a atuação do pesquisador. A exemplo desses pressupostos que são tomados como dados pelos profissionais que se lançam a compreender o esporte, Bourdieu aponta os quadros estatísticos que apresentam a distribuição das práticas esportivas segundo variáveis como nível de instrução, idade, sexo e profissão.

Desses quadros que mapeiam características da realidade esportiva, Bourdieu elabora questões próprias do sociólogo do esporte que alicerçariam um estudo analítico e aprofundado e não apenas informativo e superficial, isto é, com a utilização desses dados essencialmente objetivos, seria possível interpretar uma série de questões referentes à temática que em alguns casos ainda não receberam a devida atenção. As questões iniciais levantadas a partir desses dados seriam “não apenas sobre as relações entre estas práticas e estas variáveis, mas sobre o próprio sentido que estas práticas assumem nestas relações” (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Assim como qualquer outro estudo que utiliza o referencial de análise bourdieusiano, um estudo histórico-sociológico de uma modalidade esportiva deve preconizar uma reconstituição do campo, um tipo de mapeamento da estrutura do campo, que re-posiciona os agentes atuantes definindo seus papéis na constituição dessa estrutura na situação contextual do recorte do estudo.

O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura). Eis o primeiro ponto (BOURDIEU, 1990. p. 210).

Falamos em estruturas de profissionalização a partir da noção de estrutura em Bourdieu que remete a estado, este que sofreu constantes modificações, mas que invariavelmente existiu sendo tradutor das situações sociais que o criaram e sustentaram.

Mas preciso corrigir a impressão de realismo objetivista que pode dar minha referência a um quadro estrutural concebido como preliminar à análise empírica. Eu sempre digo que as estruturas não são outra coisa senão o produto objetivado das lutas históricas tal como se pode apreendê-lo num dado momento do tempo (BOURDIEU, 1990, p. 212).

Abandonamos a idéia de forçosa oposição entre estático e dinâmico que mais serve como uma disputa interna do próprio campo científico das ciências sociais que acaba rotulando autores que em certa medida quebraram paradigmas instaurados dentro delas.

Outro ponto destacado por Bourdieu como essencial a ser considerado em se tratando de sociologia do esporte, seria o desenvolvimento do esporte em sincronia com as condições de oferta e demanda conforme os dados estatísticos de quantidade de praticantes de determinada modalidade esportiva, seja na sua forma de prática física ou social – como ocorre no caso dos consumidores do espetáculo esportivo.

O trabalho do sociólogo consiste em estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses e gostos e preferências de uma determinada categoria social (BOURDIEU, 1990, p. 208).

Seguindo esta linha de raciocínio, entendemos que os dados estatísticos são as situações objetivas de uma série de lutas históricas no interior do campo esportivo que fizeram com que determinada modalidade esportiva fosse ou não aceita e fosse feita ou não para ser aceita por determinada categoria social. O papel do sociólogo do esporte pode ser definir as características que determinaram o estado e posicionamento das modalidades no campo esportivo utilizando-se desses dados que estão diretamente relacionados com a questão de oferta para atender a certa demanda.

Temos como objeto de investigação o voleibol feminino, uma modalidade esportiva que na atualidade se encontra em ascensão que possui uma trajetória desenhada a partir de atores sociais que visualizaram a possibilidade de trabalhar em uma transição no seu campo, obviamente por conta de seus interesses individuais e, em certo momento, de grupo e que mediante os confrontos instaurados neste universo, através da somatória dos seus capitais, obtiveram êxito em suas ações.

A profissionalização do voleibol feminino se constitui enquanto um fenômeno social complexo construído dentro da dinâmica social do campo por agentes dotados de capitais e de certa história mediada por suas práticas sociais neste universo. Os agentes e instituições produzem e interiorizam *habitus* e, através de suas ações no interior do campo, transformam as condições estruturais da modalidade. Notamos ainda que a resultante das lutas históricas travadas durante o processo de profissionalização fazem parte do que hoje entendemos como o voleibol brasileiro.

No próximo capítulo abordamos, através das entrevistas, e das reportagens publicadas em revistas e jornais durante a primeira metade da década de 1980, a construção do campo do voleibol feminino brasileiro que, analisada com a utilização das noções de *habitus*, capital e campo, forneceu subsídios para o entendimento da transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino do Brasil.



## 2. O “QUEBRA-CABEÇAS” DO VOLEIBOL FEMININO

A história das modalidades esportivas como é abordada recorrentemente no Brasil, aparenta ser algo estático, que desconsidera ou não considera devidamente as atuações dos agentes e a existência de processos sociais operando na sua construção. Assim, as rupturas e continuidades não são analisadas, mas somente apontadas, como se ocorressem ao acaso (Cf. Pilatti, 1996, p. 83).

Neste capítulo tratamos o processo de profissionalização do voleibol feminino a exemplo de um “quebra-cabeças”, onde as peças se encaixam e se complementam, cada uma com suas características e seu papel em um processo lógico de constituição do desenho final, em outras palavras, neste capítulo, as relações sociais que deram início e posteriormente atribuíram sentido à profissionalização do voleibol feminino brasileiro são evocadas, e com esta possibilidade, vislumbramos a constituição de um campo, no sentido *bourdieusiano*.

A composição deste “quebra-cabeças” necessariamente implica que as peças do mesmo sejam conhecidas, palpadadas e analisadas de forma a evitar uma visão precipitada pelo anseio na obtenção dos fatos ou mesmo equivocada pelo desconhecimento do formato das peças ou pela falta de ordenamento das mesmas dentro da conjuntura do “quebra-cabeças”.

Para que possamos identificar as características propulsoras deste jogo, adotamos a seguinte estratégia metodológica para o capítulo: primeiramente realizamos um breve retrospecto da forma como o voleibol foi inserido no Brasil ressaltando as instituições responsáveis pela modalidade e as principais características do contexto amador do voleibol feminino; posteriormente fizemos o mapeamento do campo no período específico onde ocorreram as quebras de regularidade desencadeadoras do processo de profissionalização e, por fim, manuseando o referencial teórico de análise, apresentamos o desenho final do “quebra-cabeças”, remontagem dos acontecimentos e revelação dos seus encaixes.

### 2.1 NOS TEMPOS DO AMADORISMO

Para se compreender o processo de ruptura com o amadorismo e a transição para o profissionalismo no voleibol feminino brasileiro, é imperativo ter a clareza na definição das características pertencentes a essas duas fases. Por conta disso é que apresentamos um delineamento do perfil fundamentalmente amador que alicerçou o voleibol desde a sua inserção no Brasil até o final da década de 1970, onde são observadas certas mudanças na estrutura e um encaminhamento para o profissionalismo deste esporte.

Desta maneira, a primeira etapa do capítulo se destina a levantar dados históricos do voleibol desde a sua chegada ao Brasil para explicitar o estado em que a modalidade se encontrava no período que antecede o recorte histórico do trabalho. Tendo ciência das condições deste cenário precursor, premeditamos melhor visualizar as alterações sofridas em direção à profissionalização.

Existem diferentes abordagens relacionadas à introdução do voleibol no Brasil: uma delas considera que a primeira competição deste esporte no Brasil teria ocorrido em 1911, organizada pela Associação Cristã de Moços de Recife (VALPORTO, 2007, p. 16); e outra aponta que o esporte chegou no país no ano de 1915/16 (BIZZOCCHI, 2004, p. 16), sendo inicialmente praticado nas Associações Cristãs de Moços. Independentemente de local ou data exatos, é fato que seu primeiro formato se ajustou às características dos clubes e que, assim sendo, seus primeiros praticantes foram os freqüentadores destas instituições.

O Fluminense foi “o primeiro dos clubes a amparar esse esporte”, sendo que em 1923 promoveu o primeiro torneio aberto aos clubes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e no ano seguinte, já com a criação da entidade sucessora dessa Liga, Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, promoveu dois campeonatos para seus filiados (VALPORTO, 2007, p. 17).

A então Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, em 1924, continuou promovendo os torneios no Rio de Janeiro com períodos de maior ou menor aceitação. Em 1938 foi criada a Liga de Voleibol do Rio de Janeiro, primeira entidade feita apenas para o voleibol que contou com 15 clubes, dentre os quais, o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo, e o Vasco (Ibidem, p. 18). Posteriormente esta entidade se transformou na Federação Carioca de Voleibol, entidade que promoveu em 1939 o primeiro Campeonato Oficial da cidade (DAIUTO, 1967, p. 8).

Os primeiros anos do voleibol no Brasil foram marcados por “atividades internas de algumas poucas entidades” (Idem) e a disseminação da modalidade não

se deu logo que ela chegou ao Brasil, mas foi ocorrendo ao passo de sua institucionalização, com a criação de federações nacionais, sendo a criação da Federação Internacional do Volly-Ball (FIVB), em 1947 em Paris, segundo Carneleço (s.d., p. 4), um marco para o reconhecimento mundial desta modalidade.

De maneira geral, temos que nos seus primeiros momentos no Brasil, o voleibol foi praticado pela elite clubística e, essencialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro esta modalidade adquiriu maior visibilidade.

O modelo de difusão, as representações e as relações inerentes dessa prática esportiva foram copiosamente importadas da estrutura estruturada norte-americana. A incursão do Voleibol não ocorreu de forma aleatória ou em um clube qualquer. Respeitando um *habitus* configurado pelo praticante da ACM de Holyoke, o Voleibol constituiu seu campo social em clubes que se destacavam pela capacidade de arregimentar as elites e os virtuais pólos diretivos da sociedade. Assim sendo, não por coincidência, a modalidade circunscreveu-se inicialmente em clubes do porte do Fluminense, do Botafogo, do Flamengo, do Paulistano, do Pinheiros, do São Paulo, entre outros (MARCHI JR., 2004, p. 107).

As características de inserção e desenvolvimento do voleibol no Brasil foram construídas juntamente com a sua importação, sendo ela tanto da prática do voleibol quanto da necessidade de distinção através do gosto<sup>34</sup> do praticante. Denotamos então como peculiaridades desta importação: a aceitação da modalidade por freqüentadores dos clubes e somatória das características distintivas da modalidade herdadas do seu local de criação às de distinção das modalidades esportivas já existentes no Brasil. Como também apontado por Marchi Jr. (2004, p. 107), não foi aleatoriamente que o voleibol se inseriu na sociedade brasileira por clubes tradicionais do futebol.

Essas características pertinentemente denotadas pelo autor supracitado, dizem respeito à composição de um novo campo social onde se apresentam agentes dotados de determinada quantidade e qualidade de potenciais de poder, mas que, apesar das disputas internas, nas características sociais formadoras das suas práticas se aproximam pela peculiaridade de interesses. O mapeamento do trajeto pelo qual perpassou o voleibol no Brasil até a data em que se concentra a proposta

---

<sup>34</sup> “O verdadeiro princípio das diferenças que se observam no campo do consumo, e muito além dessa área, é a oposição entre os gostos de luxo (ou de liberdade) e os gostos de necessidade: os primeiros caracterizam os indivíduos que são o produto de condições materiais de existência definidas pela distância da necessidade, pelas liberdades ou, como se diz, às vezes, pelas facilidades garantidas pela posse de um capital; por sua vez, os segundos exprimem, em seu próprio ajuste, as necessidades de que são o produto” (BOURDIEU, 2007, p. 168 - 9).

de análise desta dissertação visa garantir uma compreensão do estado do campo no recorte do trabalho e assim identificar mais claramente suas necessidades iminentes.

Nesses primeiros 20 anos de história do Voleibol, constatou-se, baseados em Bourdieu, primeiramente que: o esporte foi inventado fora do eixo europeu (Inglaterra, França, Itália e Alemanha), ou seja, no seio de uma sociedade burguesa emergente americana como um dos meios de perpetuar uma representação social através de um estilo de vida diferenciado. Segundo, a modalidade nasceu com um caráter elitista já que os agentes sociais que faziam parte do círculo em questão eram portadores de um capital social, econômico e cultural específico. Terceiro, as estruturas iniciais que edificaram o campo esportivo e que foram responsáveis pela divulgação e expansão dessa prática eram três das mais representativas instituições americanas da época, a saber, a) os clubes corporativos cristãos, ou em outras palavras, associações ligadas à igreja; b) as Forças Armadas, em pleno andamento da 1ª Guerra Mundial da qual os EUA terminariam vitoriosos e iniciariam aí seu sólido domínio de propagação de seus modelos culturais; e por fim, c) as escolas, que para Bourdieu nada mais são do que um meio de perpetuação da ordem social estabelecida (AFONSO, 2004, p. 39 - 40).

Sobre a participação do público feminino nesta modalidade, Valporto (2007, p. 17) aponta que no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte e em Porto Alegre, o voleibol começou a ser praticado pelas mulheres antes de 1930. Da maneira como o autor elabora o seu texto, não seria presunção avaliar que a modalidade teria sido praticada pelas mulheres neste contexto por apresentar dentre suas características a quase inexistência do contato e de esforço físico.

No Rio e em outras capitais como São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, o novo esporte, sem contato físico e considerado de menor esforço, começava a ser praticado também por moças (VALPORTO, 2007, p. 17).

Considerando a colocação acima, temos que o voleibol assumia, já no contexto inicial de inserção da sua prática, características que poderiam ser assimiladas como “femininas”, dentre elas a inexistência de contato físico entre os participantes e de esforço dos mesmos. Esta maneira de pensar a conotação desta modalidade às questões de gênero, como podemos perceber, teve suas raízes na história do voleibol no Brasil.

[...] longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a

violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2007b, p. 46)

Percebemos uma construção de padrões a serem considerados femininos na história própria do campo esportivo. No processo de profissionalização do voleibol, percebemos que esses padrões foram modificados por conta de interesses comuns entre instituições dominantes deste campo em formação<sup>35</sup>.

Na década de 1930, o voleibol no Brasil estava em fase embrionária de estruturação, isto é, em processo inicial de constituição do campo, bem diferentemente do que se pode observar na atualidade. É um dado intrigante, porém ainda pouco ou nada considerado a aceitação pelo público feminino logo no início da inserção do voleibol no Brasil. Interessante perceber que além da incorporação do *habitus* elitista, ainda é plausível considerar que o voleibol, como é na atualidade, um esporte que demanda elevado esforço físico, na sua incorporação importou também a lógica própria da sua invenção, através da prática das mulheres. Vejamos outra citação que remete a este pensamento:

Praticar vários esportes paralelamente era comum entre jogadores e, principalmente jogadoras da primeira geração do voleibol. Poucas meninas praticavam esportes regularmente e, quando tinham talento, destacavam-se em mais de uma modalidade. Muitas eram filhas de imigrantes de países europeus, onde as virtudes das atividades físicas levavam o país a incentivar até as garotas a praticarem esportes (VALPORTO, 2007, p. 23).

A exemplo dessas mulheres que praticavam vários esportes, temos a descendente de alemão Zilda Ulbrich. Esta atleta jogava voleibol e basquetebol pelo Clube Pinheiros quando ele ainda se chamava Germânia, e pelas seleções brasileiras de ambas as modalidades. Mais conhecida como “Coca”, Zilda participou do Campeonato Sul-Americano de basquetebol em 1946, no Chile e do Mundial de 1956 pela mesma modalidade e conquistou no voleibol o título de campeã sul-americana com a seleção feminina por três vezes<sup>36</sup>.

No Brasil, o primeiro estado a se institucionalizar em termos de federação foi o Rio de Janeiro. A Federação Paulista de Voleibol foi instituída em 1942, em

<sup>35</sup> O sub-capítulo “Musas do Voleibol” aprofunda a questão das disputas pelo poder no campo do voleibol e de como a questão da atleta de voleibol se inseriu neste espaço. Para o momento, cabe ressaltar o tipo referência para pensar a mulher no esporte.

<sup>36</sup> Vôlei, suor e lágrimas. **Revista Saque**. São Paulo, nº 6, 1985.

paralelo ao advento das federações dos outros estados brasileiros, que ocorreram também no início da década de 1940 (VALPORTO, 2007, p. 23).

Em paralelo à institucionalização do voleibol pelo país, deu-se o primeiro Campeonato Brasileiro em 1944, com a participação das equipes femininas dos estados concorrentes: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal; e das equipes masculinas dos estados: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal. As vitórias do Campeonato Brasileiro tanto no masculino quanto no feminino foram divididas entre as equipes de Minas Gerais e São Paulo, sendo que Minas Gerais ficou com o primeiro lugar feminino e segundo masculino e São Paulo ficou com o primeiro masculino e segundo feminino (DAIUTO, 1967, p. 8).

A estréia internacional do voleibol brasileiro se deu no primeiro Campeonato Sul-Americano, em 1951, com o patrocínio da Confederação Brasileira de Desportos. Nesta competição, o Brasil conquistou o primeiro lugar tanto com a equipe feminina quanto com a masculina (Ibidem, p. 9).

Após este feito, o próximo acontecimento que marcou a história do voleibol brasileiro foi a fundação da Confederação Brasileira de Voleibol, no ano de 1954 (BIZZOCCHI, 2004, p. 17), esta instituição passou a ser responsável por promover esta modalidade esportiva a partir de então.

O voleibol assumiu seu formato amador, o qual permaneceu durante a década de 1960 e 1970, e teve seu desenvolvimento no país, pois sua inserção ocorreu em clubes renomados de futebol e posteriormente, como o texto acima aponta, ocorreu a criação de instituições para o gerenciamento desta modalidade. A constante participação das equipes nos campeonatos de nível nacional agregou à modalidade um número considerável de adeptos.

As equipes femininas participaram ativamente da fase essencialmente amadora do voleibol nacional e os documentos comprovam esta participação, porém, visualiza-se um estereótipo que assimila a sua prática a uma suposta perpetuação da razão fundadora da modalidade nos Estados Unidos – a quase inexistência de contato e esforço físico. O voleibol assumiu desde sua inserção no país características que o fez esporte de uma elite da sociedade brasileira freqüentadora de clubes.

Na fase essencialmente amadora do voleibol, sendo a modalidade direcionada a determinados grupos, à elite clubística brasileira, alguns fatores

limitaram a sua evolução, dentre eles, a necessidade de ter tempo e condições financeiras para a prática.

Os atletas que estudavam e trabalhavam, como a característica principal era o amadorismo no esporte, não eram vistos com bons olhos pelos períodos de faltas no serviço ou na escola, e, na maioria das vezes, não eram dispensados das suas funções, nem mesmo para integrar o selecionado brasileiro. Este desentendimento era fruto da incorporação do *habitus* esportivo amador, o vigente no campo esportivo e estruturante nas relações estabelecidas entre agentes do mesmo e também nas suas relações com agentes integrantes de outros campos sociais.

Em processo embrionário de constituição, dentro do campo esportivo, que possui sua inteligibilidade própria, o senso de julgamento do esporte enquanto atividade profissional ainda não existia no contexto, mas as necessidades já podiam ser observadas, pois além de as atletas não conseguirem dispensa das atividades profissionais para representarem a seleção, os treinos aconteciam de duas a três vezes na semana.

Prova disso é que a escassez de resultados expressivos que antecedem a década de 1980 pelas equipes brasileiras foi atribuída por Carvalho (1980, p. 13) à falta de intercâmbio com equipes de alto-nível. Em alguns países, o voleibol já era profissional, e, por este motivo, a evolução do voleibol brasileiro na década de 1980 esteve atrelada à possibilidade de visualização de modelos bem sucedidos de treinamento e de administração da modalidade, como veremos no próximo sub-capítulo.

Como algumas necessidades advindas do voleibol enquanto esporte amador já podiam ser percebidas, sobretudo pelos agentes integrantes do campo, que era plausível a reformulação do seu formato para atender a essas necessidades. Porém isto só se tornaria realidade caso houvesse, na complexa rede de relações sociais estabelecidas no voleibol, agentes dotados dessa possibilidade de ação, que fizessem, através da sua leitura da realidade, com que o voleibol fosse de fato reformulado.

O voleibol gradativamente passou a apresentar um novo formato a partir da entrada do ex-jogador Carlos Arthur Nuzman na presidência da Confederação Brasileira de Voleibol, fato ocorrido no ano de 1975. No entanto, não tem sentido afirmar que o desenvolvimento do voleibol no Brasil tenha ocorrido por conta desta inserção de Nuzman num cargo de liderança no campo em formação do voleibol. Há

de se considerar o conjunto das relações sociais estabelecidas até então, que definiram o *habitus* vigente – no qual se respaldou a situação do esporte amador -, e a *posteriori*, as novas conexões possibilitadas pelo acúmulo de capitais e novos posicionamentos dos agentes inseridos no voleibol.

Nuzman havia sido jogador de voleibol num contexto em que esse esporte passava por uma fase de escassez financeira, onde as impossibilidades traziam aos jogadores dificuldades no que se concerne à sua atuação, e impossibilitavam o intercâmbio com outros países, o que defasava o nível técnico das seleções brasileiras impedindo também o desenvolvimento do esporte no Brasil (VALPORTO, 2007, p. 34).

Ocorre que fui afastado da Seleção, e fui por dizer às vozes coisas que eu pensava e também por reivindicar determinadas correções em favor dos atletas, o que ocorria era que nós não tínhamos o direito de nada, absolutamente nada. Só para dar um exemplo: o tênis era nosso, a sunga, a toalha, o sabonete, o reforço e a alimentação...<sup>37</sup>

Enquanto atleta, Nuzman demonstrava inconformismo com a situação do voleibol brasileiro. Participou do Mundial na ex-União Soviética, onde, por falta de intercâmbio, os brasileiros foram surpreendidos com a introdução do fundamento técnico manchete ao jogo de voleibol. Jogou também a primeira Olimpíada do voleibol, em 1964, na cidade de Tóquio, onde os atletas receberam uniformes e tiveram que os numerar com fita adesiva (VALPORTO, 2007, p. 43).

No ano de 1966, quando a seleção brasileira desembarcava para jogar o Campeonato Mundial na ex-Tchecoslováquia, e os atletas foram barrados por falta de visto – a CBV não tinha pedido o visto para os jogadores brasileiros, mas sim portava um visto coletivo para a delegação – Nuzman ameaçou o chefe da delegação que se a CBV não conseguisse o visto dos jogadores, ele denunciaria abandono aos jogadores à Embaixada do Brasil. Após o término do campeonato, os vistos de saída individuais foram concedidos, mas Nuzman foi dispensado da seleção (Idem).

Nuzman, desapontado com as condições do voleibol brasileiro, recebia o apoio dos amigos que o aconselhavam a se candidatar à presidência da Federação Metropolitana de Voleibol. Concordou com a proposta, mas quando assumiu, no ano de 1973, já tinha o objetivo de presidir a CBV (Ibidem, p. 44).

<sup>37</sup> O pai da matéria. **Revista Saque**. São Paulo, nº 1, 1985.



As realizações no Rio eram seu cartão de visita para a conquista da CBV. Enquanto organizava competições, costurava apoio para a sua candidatura, que ganhava força até com adesões do Norte e Nordeste, redutos do então presidente Calçada (VALPORTO, 2007, p. 44).

Percebemos então, a partir da leitura da lógica que movimentava o campo, possibilitada pela participação de Nuzman enquanto atleta - lembramos que em sua fase amadora o voleibol era uma prática reservada à elite, isto é, podemos incorporar à soma dos capitais do aspirante à dirigente uma porcentagem financeira e social - estratégias para o aumento do capital social e cultural que anteviam a candidatura para um cargo dominante no campo.

Nuzman assumiu a presidência da CBV em fevereiro de 1975 e logo tomou medidas para o que chamara de “Projeto Voleibol”. No mesmo ano, Paulo Márcio Nunes, contratado por Nuzman para cuidar da área técnica, já estagiava no Japão “[...] para aprender como os japoneses tinham transformado seu voleibol em potência mundial em menos de vinte anos.”(VALPORTO, 2007, p. 44). Neste estágio, Nunes levou em consideração aspectos técnicos dos times japoneses, assim como a forma de administração do voleibol japonês.

Após a Olimpíada de Tóquio, realizada no ano de 1964, foi organizado um plano de trabalho para 8 anos que previa a conquista do ouro olímpico pela seleção japonesa. O técnico Yasutaka Matsudaira tentou convencer os dirigentes da coerência deste plano, porém, inicialmente chegou a ser ridicularizado. Com a medalha de prata conquistada em 1968, na Olimpíada do México, conseguiu dar continuidade ao trabalho (MARCHI JR., 2000, p. 129).

Matsudaira, através do conhecimento das equipes internacionais, elaborou estratégias para que, com as características físicas e técnicas dos seus jogadores, a sua equipe pudesse vencer os jogos, incorporando um inovador jogo ofensivo acelerado, coroando o trabalho com o ouro olímpico em Munique, no ano de 1972 (Idem).

## 2.2. INDÍCIOS DE UMA TRANSIÇÃO

Pouco tempo após a entrada de Nuzman na presidência da CBV, as primeiras transformações no voleibol já puderam ser percebidas. Com uma rede de relacionamentos favorável<sup>38</sup>, um plano inovador e visão empreendedora, Nuzman apostou na modalidade esportiva, trazendo ao país competições internacionais, propondo regulamentos que favoreceram a viabilização deste esporte e reforçando alianças providenciais para o sucesso do seu plano de ascensão do voleibol no Brasil. Essas medidas envolveram tanto as equipes masculinas quanto femininas.

Percebendo a carência de experiências internacionais, através das atuações nos Pan-Americanos do México, em 1975, e Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, Nuzman levou a FIVB um projeto que previa a realização do I Campeonato Mundial Juvenil, com sede no Brasil e, com esta proposta aceita, em setembro de 1977, 16 seleções femininas e 16 equipes masculinas estariam disputando o campeonato no Brasil (VALPORTO, 2007, p. 45).

Enquanto a seleção masculina esteve instalada no Centro de Educação Física Adalberto Nunes (CEFAN), o selecionado feminino se reuniu em um casarão na cidade de Belo Horizonte para um período de nove meses concentração que antevia a participação da equipe juvenil no I Mundial Juvenil e Campeonato Sul-Americano que seria realizado no Peru.

As duas concentrações tinham regras rígidas, com treinos duas vezes por dia. Saídas noturnas estavam proibidas. As folgas eram somente aos domingos. De segunda a sábado, era treinar e estudar. Mais do que apenas trabalhar as seleções para o Mundial, Nuzman queria mudar a mentalidade daqueles jovens e prepará-los para um futuro mais profissional (VALPORTO, 2007, p. 45).

A entrevistada e ex-jogadora Maria Auxiliadora Villar Castanheira narra a experiência apontando para situações inovadoras na conjuntura então estabelecida no âmbito de voleibol brasileiro:

Então foi a primeira experiência assim de trabalho com vinte e cinco pessoas morando numa casa... um “auê”, tinha cozinha, horário pra estudar... tinha Kombi que levava a gente pra escola, buscava a gente na escola e levava pro treino. A gente chegava lá, era o “time da seleção”. Nós conseguimos bolsa de estudos, foi aí que eu consegui uma bolsa num colégio particular e todas as atletas da seleção estudavam. Então tinha

<sup>38</sup> Nuzman mantinha uma base de apoio “construída e direcionada, politicamente, por empresários e, intelectualmente, por economistas detentores de convicções conservadoras.” (MARCHI JR, 2004, p. 120)

horário de treino, a gente ia pro Minas treinar depois da escola, até meio-dia e meio por aí, a tarde estudávamos, e a noite treinávamos novamente. Foi a primeira vez que tivemos treinamento duas vezes por dia<sup>39</sup>.

Nesta concentração, relata a também ex-atleta Heloísa Helena Santos Roese<sup>40</sup>, haviam sido contratadas pessoas para cuidar da alimentação das atletas, porém, a comissão técnica armou um esquema chamado “mãe-do-dia”, onde as atletas se revezavam na organização e limpeza do alojamento. Notou-se logo de início uma preocupação com a disciplina das jogadoras, as atletas tinham horário para as refeições, para dormir, enfim, foi criada uma rotina de afazeres para as jovens do selecionado juvenil feminino.

O cuidado com a disciplina era bastante severo e, mesmo morando com os familiares na cidade de Belo Horizonte, a entrevistada Maria Auxiliadora Castanheira aponta que ela deveria permanecer em regime de concentração com as outras atletas<sup>41</sup>.

Como estava sendo posto em prática um plano no voleibol onde a disciplina passara a ser preconizada, algumas situações decorrentes de uma lógica ainda amadora aconteceram neste momento. Houve um desacordo entre a CBV, os dirigentes do Fluminense e o jogador Bernard Rajzman, pois o atleta foi requerido para disputar o Campeonato Carioca adulto e essa participação foi vetada, considerando que o atleta estava se preparando para disputar o Mundial Juvenil com a seleção brasileira.

O presidente do Fluminense ameaçou Nuzman indicando que entraria na Justiça, caso não houvesse a liberação. Nuzman, no entanto, não permitiu que Bernard deixasse a concentração para representar o clube. Mesmo com esta proibição, Bernard deixou o alojamento para participar do jogo, e quando voltou, foi surpreendido pelo corte. “Nuzman havia ensinado uma lição aos jovens jogadores das duas seleções” (VALPORTO, 2007, p. 45).

Obviamente que nem todos os agentes sociais compreenderam num primeiro momento esta nova forma de operar no campo que antevia a profissionalização.

<sup>39</sup> CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora Villar. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Curitiba, 21 maio. 2008.

<sup>40</sup> ROESE, Heloísa Helena. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Estância Velha, 17 maio. 2008.

<sup>41</sup> CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora Villar. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Curitiba, 21 maio. 2008.

Percebemos isto no ocorrido com Bernard, pois o jogador e os dirigentes do Fluminense aplicaram o seu senso de julgamento e ação (*habitus*) reivindicando e, não solucionando, burlando as novas e ainda não incorporadas regras. Também entendemos que a ação-reposta de Nuzman, a suspensão do jogador, teve amparo na sua posição hierárquica superior e serviria como uma espécie de “alerta” aos demais agentes de que a administração do voleibol teria assumido novas características.

No caso da seleção feminina, detectamos questões que também dizem respeito ao *habitus* vigente no campo em formação do voleibol a partir da declaração abaixo:

[...] a gente precisava provar, porque éramos a sede do Campeonato Mundial. A gente tinha que fazer bonito, então a cobrança era muito grande... a gente longe da família... a pressão era muito grande. Então “ah, mas pra que eu vou ficar nesse sacrifício, vou voltar pro clube, não tenho grana, não vou ganhar dinheiro, a gente está aqui só por amor... e to perdendo namorado, o namorado brigou comigo porque eu não vejo... não namoro mais...” aquelas coisas todas do próprio adolescente, né? Porque a gente era ainda adolescente, jovem. Ainda a questão da musculação era um tabu pra gente “pô, vou ficar forte...”. A questão cultural de a mulher ficar forte, isso tudo pra gente foi novidade, a gente ficava apavorada com isso, “será que... vale a pena fazer a musculação, depois eu não vou arranjar namorado, vão falar que eu sou homem...” Aquelas coisas todas passaram na cabeça da gente. Então a gente precisava entender mais, eu acho que a ida para os campeonatos e o contato com os outros atletas, conhecer a realidade dos outros países ajudou demais pra gente mudar essa cultura.<sup>42</sup>

Na fala da ex-atleta Maria Auxiliadora, observamos pontos relacionados à representação da feminilidade nesta época. Notamos que não era comum que mulheres permanecessem longe dos namorados e pais durante algum tempo e que não era esteticamente aceito que mulheres “adquirissem músculos”, mesmo que advindos da prática de uma modalidade esportiva.

Corroborando com a relevância da dimensão histórica nas ciências sociais, chamamos a atenção para o fato de que se naquele momento, as jogadoras estavam preocupadas com os efeitos da musculação no treinamento, atualmente a questão da mulher no esporte sofreu modificações - que certamente fizeram parte de processos sociais - e um corpo feminino atlético é aceito e prestigiado não somente

---

<sup>42</sup> CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora Villar. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Curitiba, 21 maio. 2008.

no âmbito esportivo, mas também em outras esferas da sociedade onde até pouco tempo atrás não o era, como é o caso da moda.

Assim sendo, percebemos que, as novas normas requeridas por Nuzman na ocasião da formação das seleções permanentes exigiam uma decodificação ainda não incorporada no *habitus* esportivo brasileiro, até porque entendemos que esta apreensão ocorre a partir da exposição repetida as mesmas condições sociais, daí a importância da historicidade na definição das posições e disposições dos indivíduos no campo.

Observando as primeiras medidas tomadas por Nuzman na presidência da CBV, destacamos a operacionalização do seu plano de desenvolvimento do voleibol brasileiro respaldada essencialmente a sua leitura das condições estabelecidas no contexto social e esportivo brasileiro. Assim sendo, a experiência de Paulo Márcio Nunes no Japão, serviria como subsídio para a importação e implementação de um modelo técnico e administrativo de voleibol.

Da mesma forma, sediando os campeonatos no Brasil, foi possível trazer visibilidade ao país, bem como, viabilizar o intercâmbio com equipes de outros países, o que traria experiência para as próximas competições internacionais. Além disto, através do novo esquema de treinamento, as seleções brasileiras sentiram a importância da disciplina dentro da forma de trabalho que estava sendo colocada em voga no momento. O corte do jogador Bernard considerando sua importância para a seleção masculina brasileira, além de servir como represália para o jogador, mostrou aos dirigentes de clubes que a administração do voleibol no Brasil havia mudado.

Nuzman então, logo neste primeiro momento da sua atuação enquanto presidente da CBV, estabeleceu relações sociais providenciais com a FIVB, apresentando o seu projeto de realização do I Campeonato Mundial Juvenil e com os atletas e clubes, demonstrando o seu potencial de poder enquanto ocupante de uma posição hierarquicamente a cima do que mesmos. Desta maneira, buscou acréscimo no seu capital social como estratégia para a permanência como dominante no campo em formação do voleibol brasileiro.

Dentro da especificidade do voleibol feminino, foram apontadas pelas fontes de pesquisa algumas situações que assinalam indícios das primeiras transições no sentido de uma profissionalização, das quais a concentração em Belo Horizonte se constitui como a primeira. Em entrevista, o profissional de marketing José Estevão Cocco inclusive associa a formação desta equipe permanente à construção de um

bom produto, pois este tipo de investimento nunca havia sido feito no voleibol e repercutiu em uma grande visibilidade para as equipes mais adiante<sup>43</sup>.

Em janeiro do ano de 1978, o técnico Ênio de Figueiredo Silva assumiu a seleção feminina brasileira de voleibol. Neste contexto, algumas complicações foram apontadas pelo mesmo como possíveis empecilhos nos resultados das competições mais relevantes. Um dos problemas da seleção feminina seriam os constantes pedidos de dispensa das atletas<sup>44</sup>, Ênio também indicou as disparidades técnicas existentes entre as jogadoras brasileiras<sup>45</sup>.

Naquele momento, as pretensões da CBV para com as seleções brasileiras eram de que o Brasil entrasse para o pódio mundial nas competições internacionais mais relevantes, para isto, as condições técnicas e de treinamento tinham que ser melhoradas. Desta forma, entendemos a preocupação de Ênio Figueiredo ao adentrar no universo de disputas que estava se instaurando no voleibol.

Após o período de concentração, a seleção feminina de voleibol do Brasil, fez uma excursão em uma série de jogos preparativos para o Campeonato Mundial<sup>46</sup> que seria disputado em Leningrado. Dos países visitados, a jogadora Heloísa destaca França, Romênia, Tchecoslováquia e Alemanha. A ex-atleta comenta que ainda não existiam recursos para que os times viajassem para realizar esses amistosos e retornassem para o Brasil para depois seguir para o local que sediaria o campeonato<sup>47</sup>.

Entre 25 de agosto e 7 de setembro do ano de 1978<sup>48</sup>, a seleção feminina do Brasil disputou o Campeonato Mundial em Leningrado, onde conseguiu uma conquista inédita ficando com a 7ª colocação. Até então, a melhor colocação da equipe brasileira era 15º lugar<sup>49</sup>. No contexto da referida competição, houve uma

---

<sup>43</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>44</sup> Seleção brasileira vai à Europa e tenta melhorar o nível. **Jornal Zero Hora Esportes**. Porto Alegre, 9 ago. 1978.

<sup>45</sup> Nossas moças em Leningrado. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1978.

<sup>46</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS: Imagem 1 (p. 136); Imagem 2 (p. 137).

<sup>47</sup> ROESE, Heloísa. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. Estância Velha, 17 maio. 2008.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Seleção feminina. **Jornal do Voleibol**. Rio de Janeiro, jul. 1983.

inserção empresarial no voleibol, com a empresa *Asics Tiger* fornecendo material de treinamento para as atletas<sup>50</sup>.

Com base no resultado alcançado, a comissão técnica passou a almejar boas colocações nas competições internacionais, sendo que a pretensão do técnico Ênio Figueiredo era de vencer o Sul-Americano, onde a equipe peruana detinha hegemonia, disputar os primeiros lugares no Pan-Americano de Porto Rico e se posicionar dentre as quatro primeiras colocações na Olimpíada de Moscou<sup>51</sup>.

Através da inédita colocação no Mundial, o Brasil passou a ser convidado para participar de torneios e amistosos no exterior, e, com isto, ganharia maior experiência internacional. Ênio Figueiredo, entusiasmado, afirma que se tratou de “[...] um grande passo para se chegar, dentro de quatro anos, a conquistas maiores”<sup>52</sup>.

No início do ano de 1979, o selecionado feminino brasileiro realizou uma série de amistosos contra os Estados Unidos preparatórios para os Jogos Pan-Americanos. A equipe dos Estados Unidos foi apontada pelo técnico Ênio Figueiredo como uma das favoritas ao título na Olimpíada de Moscou, porém, com o boicote deste país e seus aliados, esta equipe não participou. Os jogos amistosos ocorreram nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Campinas, São Paulo, Goiânia e Belo Horizonte, sendo que a seleção dos EUA venceu todas as partidas<sup>53</sup>.

No Sul-Americano disputado em maio de 1979, em Porto Rico, a seleção brasileira ficou com o segundo lugar, perdendo mais uma vez para o Peru, seria a quinta vez que o Brasil ficaria com o segundo lugar nesta competição.<sup>54</sup> E nos Jogos Pan-Americanos de San Juan disputados no mesmo ano, a seleção brasileira conquistou a medalha de bronze (VALPORTO, 2007, p. 72).

A última chance para o selecionado brasileiro ter, pela primeira vez, a oportunidade de disputar uma Olimpíada foi o Torneio Pré-Olímpico realizado na Bulgária (VALPORTO, 2007, p. 73). Desta forma, a seleção brasileira feminina de

<sup>50</sup> O sucesso do vôlei no Brasil. **Jornal Diário Popular**. Pelotas, 30 ago. 1982.

<sup>51</sup> Elas querem ser campeãs olímpicas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 19 set. 1978.

<sup>52</sup> Seleção brasileira vai à Europa e tenta melhorar o nível. **Jornal Zero Hora Esportes**. Porto Alegre, 9 ago. 1978.

<sup>53</sup> Vôlei tenta primeira vitória sobre EUA no último de seis jogos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 mar. 1979.

<sup>54</sup> Conferir quadro de resultados apresentado por Marchi Jr. (2004, p. 239).

voleibol realizou uma excursão preparatória para o Torneio Pré-Olímpico. Jogaram na Polônia, Holanda, Alemanha Ocidental e Romênia (SILVA, 2004, p. 48 - 52).

Dentre esses jogos amistosos antecedentes ao Pré-Olímpico, a seleção disputou o Torneio Dexoclean-Dynamo em Apeldoorn na Holanda. Deste torneio participaram as equipes das Universidades de Ottawa, Dexoclean-Dynamo, Start Lodz (Polônia), Midopa (Coréia do Sul), Prinz DVC (Holanda), Universidade de Utah (Canadá) e Czarn (Bulgária)<sup>55</sup>. A seleção feminina venceu o jogo final disputado contra o Midopa. Após este feito, Ênio Figueiredo se mostrou mais confiante na disputa do Pré Olímpico: “Mais importante do que ganhar o Torneio Dexoclean-Dynamo é a certeza de que, agora, estamos no caminho certo para uma boa atuação no Pré-Olímpico. Só falta melhorar a parte emocional<sup>56</sup>”.

Sobre a excursão, Jacqueline Silva relata dificuldades no que se concerne à alimentação - segundo a ex-atleta, a Polônia passava por dificuldades financeiras, o que implicou na escassez de alimentos - deslocamento - no trajeto para a Alemanha Ocidental a delegação foi barrada por falta de visto - e aclimatação - na Romênia, por não ter calefação no ginásio em que jogaram, conta Jacqueline que era como se jogassem a 20 graus abaixo de zero (SILVA, 2004, p. 48 - 52).

Heloísa Roese comenta que nesta ocasião, surgiu oportunidade para ela jogar na Itália, onde ficou por dois meses, mas Nuzman não permitiu que isso se efetivasse<sup>57</sup>. Isabel também recebeu o mesmo convite, foi atuar no voleibol italiano, porém teve que retornar ao Brasil após o veto da CBV.

Na Bulgária as atletas não conseguiram a vaga para a Olimpíada de Moscou, porém, em efetivado o boicote dos Estados Unidos e de seus países aliados, a seleção feminina de voleibol foi aos seus primeiros Jogos Olímpicos (SILVA, 2004, p. 57). Sem maiores pretensões para esta competição, ficaram com o sétimo lugar<sup>58</sup>.

Menos de um mês após os Jogos Olímpicos de Moscou, a CBV entrou com um recurso no CND, pedindo a proibição da transferência de jogadores para o exterior. Era uma medida drástica que o órgão governamental, a princípio, não chegou a analisá-la. O general César Montagna, que

<sup>55</sup> Vôlei feminino estréia na Holanda. Jornal **O Globo**. 27 dez. 1979.

<sup>56</sup> Feminino do Brasil é campeão na Holanda. **Jornal O Globo**. 30 dez. 1979.

<sup>57</sup> ROESE, Heloísa. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira**. Estância Velha, 17 maio. 2008.

<sup>58</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 3 (p. 138).



assumira a presidência do CND no início daquele ano, achava a proibição inconstitucional (VALPORTO, 2007, p. 57)

Na segunda metade da década de 1970, destacamos algumas situações diferenciais na conjuntura do voleibol feminino brasileiro. Dentre essas, a formação e administração das seleções permanentes, a inédita colocação no Mundial de Leningrado desencadeante dos convites para a equipe atuar no exterior, a conquista da medalha de bronze no Pan-Americano de 1979, a busca pela classificação para a Olimpíada, e a iniciativa da CBV de impedir o êxodo dos atletas brasileiros para o exterior.

Essas condições tiveram peso e marcaram o processo de profissionalização, mas, como se poderá notar mais adiante, os resultados, as oportunidades de intercâmbio e a intenção de manter os atletas brasileiros no país de nada valeriam, se não houvessem relações de poder, de interesse próprio e de grupo que propiciassem a viabilização da ascensão da modalidade no país.

## 2.3 UMA CONQUISTA HISTÓRICA

Luciano do Valle narrava a final do voleibol masculino da Olimpíada de Montreal pela *TV Globo* no ano de 1976, quando, no último *set* houve uma interrupção na transmissão. Surpreendentemente o jogo rendeu elevado índice de audiência e no outro dia, os telespectadores reivindicaram e exigiram que a emissora divulgasse o teipe da partida. Luciano do Valle se questionou a respeito da exigência dos telespectadores, já que nem era a seleção brasileira que estava disputando a medalha<sup>59</sup>. Esta inquietação foi precursora de um “casamento” ainda não imaginado até então entre a televisão e o voleibol.

Neste sub-capítulo, apresentamos como se construíram as relações sociais que desencadearam no processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil. A inserção da televisão se constitui como uma das principais alavancas propulsoras, porém, como poderá ser percebido mais adiante, esta só foi possível considerando o relacionamento estabelecido entre Luciano do Valle, inicialmente

---

<sup>59</sup> Entrevista com Luciano do Valle. **Revista Saque**. São Paulo, nº 3.

atuando na *TV Globo*, o vice-presidente da empresa *Caloi*, José Francisco Coelho Leal (“Kiko”), o profissional de marketing José Estevão Cocco e o presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, Carlos Arthur Nuzman.

Luciano do Valle é nascido na cidade de Campinas onde como locutor de rádio conheceu José Estevão Cocco em atividade profissional<sup>60</sup>. No ano de 1981, Valle, trabalhando na *TV Globo* como narrador esportivo, não se interessava em fixar residência no Rio de Janeiro. Por conta disto, foi a São Paulo negociar sua transferência com José Francisco Coelho Leal, mais conhecido como “Kiko”. O empresário então destinou o Departamento de Esportes da *Novo Ciclo* a ele, visando o investimento em outros esportes além do ciclismo. (MARCHI JR., 2004, p. 144).

Numa das visitas a Nuzman, que no contexto era seu advogado, Luciano propôs que, com o apoio da *Caloi*, a CBV fizesse um torneio de praia com os principais atletas do Brasil<sup>61</sup>. Nuzman respondeu que toparia a empreitada, porém, teria uma dificuldade: os organizadores do Campeonato Sul-Americano que seria realizado em Santiago do Chile, não estavam dispostos a sediar o feminino. Mesmo admitindo que não teria dinheiro, o então presidente da CBV explicou para Luciano que politicamente teria que trazer o torneio para o Brasil.

Luciano então falou com o “Kiko” - vice-presidente da *Caloi* - para fazer parte desta empreitada e foi autorizado a fazê-lo. A CBV, indicada por Luciano do Valle contratou a empresa *Novo Ciclo*, pois, mesmo ainda não existindo o marketing direcionado ao esporte no contexto, a empresa tinha adquirido um *know hall* pela promoção de passeios ciclísticos destinados à *Caloi*<sup>62</sup>.

José Estevão Cocco comenta que o Sul-Americano de voleibol feminino em 1981 “[...] foi primeira atividade realmente profissional aplicada a um evento esportivo.” A CBV em parceira com a empresa *Novo Ciclo* e com a *Rede Globo*, organizou, promoveu e divulgou o Campeonato Sul-Americano de voleibol feminino no Brasil, na cidade de Santo André.

Nós aplicamos no voleibol as técnicas realmente profissionais de marketing. Selecionando praça, fazendo a programação direcionada a

<sup>60</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>61</sup> Entrevista com Luciano do Valle. **Revista Saque**. São Paulo, nº 3.

<sup>62</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

quem estávamos fazendo o espetáculo... a escolha de Santo André, na época, foi muito importante, porque não era um evento pra grandes capitais. Se fizéssemos naquela época um Sul-Americano de voleibol aqui em São Paulo, ou no Rio de Janeiro, seria insignificante. Então nós fomos procurar uma praça onde iria ser um evento importante<sup>63</sup>.

Ademais, a cidade de Santo André já tinha envolvimento com a modalidade esportiva por possuir uma reconhecida equipe de voleibol, o time da *Pirelli*. Assim sendo, houve o interesse da prefeitura que reformou ginásios, forneceu transporte interno e hospedagem para as equipes e não cobrou impostos para a empresa *Novo Ciclo* realizar o evento<sup>64</sup>.

Neste campeonato, já com o apoio empresarial e transmissão dos jogos pela rede Globo, a equipe feminina conseguiu uma vitória histórica, quebrando a supremacia do time peruano, que era campeão sul-americano a onze anos consecutivos. A seleção brasileira venceu o Peru por 3 sets a 2 com uma “virada” no jogo<sup>65</sup>.

Perdeu o primeiro set, ganhou os dois próximos, perdeu o 4º e tornou-se vencedora no *tie-break*. Assistiam à partida 4.500 expectadores, que atiravam moedas na quadra fazendo alusão à Copa do Mundo de 1978, onde o Peru perdeu para a Argentina de 6X0, tirando o Brasil da final<sup>66</sup>.

Por sorte foi uma das maiores audiências que a *Globo* teve na época com o esporte amador... com uma transmissão brilhante do Luciano do Valle, e marcou! E a partir daí, deste Sul-Americano, nós continuamos fazendo com exclusividade, todo o voleibol da CBV. Tudo nós que fizemos. De oitenta e um, eu fiquei de oitenta e um a oitenta e quatro<sup>67</sup>.

Porém, outro fato atraiu a atenção da mídia naquele contexto. A três dias da final, Ênio Figueiredo havia cortado as atletas Jacqueline e Isabel da equipe brasileira por problemas relacionados à disciplina. O corte das jogadoras no momento decisivo do campeonato teve repercussão, gerou reportagens sobre a opinião do grupo a respeito, onde atletas e dirigentes indicavam como motivo o fato

<sup>63</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 4 (p. 139); Imagem 5 (p. 140)

<sup>66</sup> Obrigado, meninas. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1981.

<sup>67</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

das duas atletas terem reclamado de estarem atuando como reservas. Nuzman se referiu à conquista da medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano de 1981 como sendo “[...] a vitória da disciplina sobre a indisciplina”<sup>68</sup>.

Neste contexto, podemos identificar claramente a distribuição do poder e a disposição dos agentes e instituições no campo do voleibol. Percebemos que, com a inserção da mídia e empresas neste universo de disputa, ocorreu o alargamento das redes de relações sociais estabelecidas e, com isto, a penetração das estruturas estruturadas e estruturantes (*habitus*) desses campos no universo do voleibol.

Nuzman já havia demarcado o alcance do seu potencial poder do campo em formação do voleibol determinando que as atletas adotassem postura disciplinada desde a formação da equipe permanente no ano de 1977, em Belo Horizonte. Por conta disto, o corte das jogadoras não causaria tanto impacto no campo, a não ser pela inserção do voleibol nos veículos de comunicação. Percebemos que o corte das jogadoras tomou maiores proporções por conta da lógica que movimenta as ações do campo midiático.

Esta intersecção entre os campos esportivo e midiático fez com que as posições no campo do voleibol fossem dinamizadas. Se Nuzman através do seu capital cultural institucionalizado exerceu o seu poder dispensando Jacqueline e Isabel do campeonato, fazendo com que às atletas restasse o papel de dominados no campo, a mídia, em determinados momentos, as colocou na situação de dominante, mostrou a importância das atletas para a seleção e as recolocou no cenário.

A fim de compreendermos o critério de seleção do foco das reportagens que envolveram o voleibol feminino neste período, buscamos em Pierre Bourdieu, as peculiaridades circunscritas no campo jornalístico e, através disto, apreender o seu objeto de disputa. A obtenção deste objeto ao qual é atribuído um valor simbólico determina algumas tomadas de decisão e o curso dado à televisão.

Segundo o sociólogo francês, os jornalistas selecionam na realidade um aspecto inteiramente particular através de categorias de percepção próprias adquiridas na sua formação, por sua história na profissão e seguindo a lógica do campo. Esta é a lógica da incorporação do *habitus* nos mais diferentes campos. Estas categorias a que se refere são “estruturas invisíveis que organizam o

---

<sup>68</sup> Vôlei feminino: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/dez 1981.

percebido, determinando o que se vê e o que não se vê”, são metaforizadas através do termo óculos. (BOURDIEU, 1997a, p. 25)

Assim sendo, na busca por informar, o princípio de seleção dos jornalistas é a busca do sensacional, do espetacular. Os jornalistas vêem certas coisas e de certa forma, mas não vêem outras que viriam caso suas referências de perceber o mundo social não fossem adquiridas seguindo a lógica do campo televisivo. (BOURDIEU, 1997a, p. 25)

“A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, o caráter dramático, trágico.” (Ibidem, p. 26) E assim ocorreu com o afastamento de Jacqueline e Isabel da seleção naquele momento onde à presença delas era atribuída importância.

Corroborando com estes apontamentos, a jornalista Denise Mirás comenta, com relação à cobertura do Campeonato Sul-Americano de 1981:

[...] as editorias de esporte começaram a achar que tinham umas mulheres bonitas na seleção, como a Isabel, por exemplo, né? E fora que a Jacqueline era bem polêmica, né? Gerava matéria, tal. Se bem que não era ela a levantadora, era a Célia<sup>69</sup>.

Entendemos então que com a introdução da mídia no voleibol ocorreu também a introdução do *habitus* midiático, elemento que fez parte da estruturação desta modalidade. E considerando a conjuntura do voleibol feminino no momento desta transposição do *habitus* midiático para o interior do campo no processo de ruptura com o amadorismo e adoção de uma nova lógica, às ações certamente foram atribuídos novos sentidos.

Cabe lembrar que as estratégias para a ascensão do voleibol incluíam as equipes femininas e masculinas, porém, a seleção feminina teve seu momento de visibilidade neste campeonato atraindo a atenção da mídia e do público expectador. O jornalista Maurício José Stycker em entrevista comenta sobre a disposição das modalidades esportivas no campo jornalístico.

[...] e eu fui pro Jornal dos *Sports*, obvio, apaixonado por futebol. Desde sempre. Eu comecei a fazer jornalismo por causa do futebol, ler jornal por causa do futebol, tudo! Torcedor do Botafogo... e... fui pro Jornal dos *Sports* na expectativa de fazer futebol, né, que é o sonho de todo o garoto

<sup>69</sup> MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 8 dez. 2008.

que está na faculdade de jornalismo. E aí pra minha frustração e decepção, eu fui encaminhado para o setor esporte amador do Jornal dos *Sports*. [...] Exatamente. Era esporte amador, se chamava esporte amador. No início de quando estava deixando de ser esporte amador, né, formalmente. Era no futebol onde ficava a maioria, e no esporte amador tinha o editor, tinha acho que um repórter e tinha o estagiário que faziam uma página diária. Quando tinha algum outro evento aumentava, mas diariamente essa equipe era responsável por fazer, se eu não me engano, uma página no jornal. Era uma página fixa. [...] eu fui fazer, a princípio tudo, mas se eu não estou enganado, o grande assunto do esporte amador nesta época era o vôlei<sup>70</sup>.

Desta maneira, no âmbito do jornalismo esportivo, e, em específico no Jornal dos *Sports* na década de 1980, como conta o entrevistado, o futebol movimentava a maioria das reportagens, e ao esporte dito “amador”, era reservado um espaço consideravelmente menor. Entendia-se como esporte “amador” as outras modalidades esportivas, às quais era destinada uma página, e neste espaço então eram publicadas as notícias que tinham maior visibilidade.

Mesmo o voleibol feminino adquirindo a projeção causada pela vitória histórica sobre o selecionado peruano, pela organização do Campeonato Sul-Americano e pela inserção da televisão, através da figura de Luciano do Valle, constatamos na experiência de Maurício J. Stycer que as modalidades esportivas que não o futebol estavam dispostas num plano inferior na mídia impressa.

Mas não, pelo menos naquele momento, ninguém estava preparado para fazer aquilo. Eu fui destacado porque era estagiário e, no fundo, era um sinal de pouca importância que o jornal dava, né, o jornalista mais inexperiente, eu nunca tinha trabalhado na vida como jornalista.<sup>71</sup>

Abstraímos desta opinião as circunstâncias da entrada do voleibol feminino na mídia impressa e o seu lugar de prestígio ocupado dentre os esportes que, com exceção do futebol, disputavam as reportagens nos jornais. Temos também, com base nesta citação, que assim como a inserção da mídia trouxe ao voleibol facetas da sua lógica de funcionamento, a inserção do voleibol na mídia impressa ocorreu de maneira não esperada e acarretou em modificações nas relações de poder deste campo, no sentido de que a cobertura da modalidade passou a ser necessária. Com

<sup>70</sup> STYCER, Maurício José. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>71</sup> Idem.

a televisão atribuindo valor à modalidade, o voleibol começou a receber atenção também da mídia impressa.

Na ocasião da conquista do Campeonato Sul-Americano feminino, Nuzman se referiu ao voleibol como “o único que mantém nível internacional dentre os esportes femininos”<sup>72</sup>, porém, mesmo considerando que as ações dos agentes e instituições no interior do campo caminhavam para a profissionalização, as atletas ainda lidavam com as dificuldades inerentes ao esporte amador. avaliando esta questão, Nuzman pondera:

Quanto o material humano, penso que o esporte amador brasileiro em geral passa por uma entressafra entre o puro amadorismo e o atleta apoiado. E quando falo em atleta apoiado – não vai aí nada de pejorativo ou de uma acusação de profissionalismo<sup>73</sup>.

Não desconsideramos que Nuzman, na citação acima, falava à mídia impressa e, certamente, o fazia sabendo das implicações do conteúdo de seu discurso nas relações de poder estabelecidas no campo em formação do voleibol feminino.

Atentos a isto percebemos, na narrativa, uma predisposição para pensar melhores condições para os atletas, bem como para o esporte amador em geral. A fala do dirigente não ocorre em defesa da profissionalização, pois as regras aplicadas ao esporte e o *habitus* amador enraizado neste universo ainda não permitiam tal posicionamento. Percebemos então que, mesmo Nuzman exercendo no campo esportivo um papel de liderança, suas decisões não poderiam ser tomadas desconsiderando as regras vigentes.

A conquista do Sul-Americano impulsionou o voleibol feminino no sentido de permanecer dentro das medidas da CBV para o êxito da modalidade no Brasil. Nuzman considerou o evento um “[...] campeonato decisivo para as pretensões do vôlei feminino brasileiro nos próximos anos”. As atletas e Comissão Técnica receberam telegramas do então presidente da república – João Baptista de Oliveira

---

<sup>72</sup> Vôlei feminino: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/dez 1981.

<sup>73</sup> Idem.

Figueiredo – e de alguns ministros do estado agradecendo e felicitando pelo resultado<sup>74</sup>.

O Campeonato Sul-Americano se diferenciou pela cobertura da imprensa e da televisão divulgando os jogos, isto fez com que o público passasse a conhecer e torcer pelo voleibol feminino. A torcida, segundo Ênio Figueiredo teve grande participação na vitória das brasileiras<sup>75</sup>.

Por conta da promoção e incursão midiática no Campeonato Sul-Americano de Santo André, as jogadoras passaram a ser reconhecidas. Exemplo disto é que em janeiro de 1982, saiu uma nota intitulada “Heloísa Roesse ficou famosa e agora dá aula em dois clubes”. A ex-atleta nascida no Rio Grande do Sul, no contexto com 25 anos e jogadora do Fluminense, dava aulas na escolinha de voleibol do Fluminense e no Clube Federal. “Eu estava bem no Flamengo, mas no Fluminense, além de tranquilidade, tenho apartamento, alimentação e um trabalho. Faço aquilo que gosto e tenho apoio dos dirigentes e de minhas colegas de profissão.”<sup>76</sup>

Percebemos então um direcionamento para a profissionalização do voleibol feminino onde as atletas, inicialmente da seleção feminina, com a visibilidade trazida pela mídia, conquistaram um capital social no campo em formação do voleibol, e começavam a ter um valor distintivo nos clubes onde atuavam. Maria Auxiliadora, que atuava no Minas Tênis Clube também prestava serviços ao clube dentro da área que estudava, trabalhando na área de administração das escolinhas esportivas.

“Dora” comenta: “Mas porque a gente não era profissional, né... a gente tinha que justificar o que ganhava. Então tinha que trabalhar.”<sup>77</sup> Destacamos então que, para respeitar as regras estabelecidas no campo, esta foi primeira forma de remuneração das atletas. Elas foram contratadas como funcionárias dos clubes.

Luciano do Valle, sobre o Campeonato Sul-Americano de Santo André, comenta: “A Globo topou fazer. E na final Brasil X Peru aconteceu aquela maravilha. Eu e o Kiko chegamos a conclusão que deveríamos montar uma empresa de promoção, porque a *Novo Ciclo* não tinha estrutura para crescer.”

<sup>74</sup> Vôlei feminino: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/dez 1981.

<sup>75</sup> Volibol: Brasil é campeão. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Jul/set. 1981.

<sup>76</sup> Heloísa Roesse ficou famosa e agora dá aula em dois clubes. **Correio do Povo**. 24 jan. 1982.

<sup>77</sup> CASTANHEIRA. Maria Auxiliadora. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. Curitiba, 21 maio. 2008.



A grande propulsão televisiva para o Voleibol ocorreu nos anos 1981-1982, época em que o narrador deixou a Rede Globo de televisão perspectivando um investimento próprio, independente. Ainda na referida empresa, Valle alertava seus superiores sobre os possíveis benefícios que uma empreitada na promissora modalidade poderia proporcionar. Entretanto, com base no argumento depreciativo da longa duração das partidas e na imprevisibilidade do tempo de sua transmissão, o projeto de apoio ao Voleibol foi descartado dentro da programação da Rede Globo, mediante decisão de sua cúpula diretiva (MARCHI JR., 2004, p. 145).

Luciano do Valle e “Kiko” entenderam então que deveriam montar outra empresa de promoção, o narrador esportivo então transferiu-se para a *Rede Record*, onde já mantinha contato. Levou consigo a *Promoção*, a nova empresa de promoções esportivas e conseguiu de início com que a emissora pusesse dentre suas prioridades o voleibol (MARCHI JR., 2004, p. 145).

Com a inédita empreitada que envolveu o voleibol feminino, a iniciativa empresarial e a cobertura televisiva, um passo decisivo estava sendo dado rumo à popularização da modalidade. Entendemos que a divulgação do resultado obtido no Campeonato Sul-Americano do ano de 1981, bem como o retorno dado à empresa *Novo Ciclo*, tiver am peso considerável na aceitação do voleibol feminino pelo público brasileiro. O voleibol feminino teve então um momento de visibilidade.

Nas palavras da ex-jogadora Heloísa Hoese, o campeonato foi “Televisado pela *Globo*, em direto. A gente andava na rua, todo mundo abraçava, cumprimentava a gente, pra mim foi ali que deu o salto do voleibol.”<sup>78</sup>

Chamamos a atenção, na ocasião da conquista do Campeonato Sul-Americano, ao afastamento de duas das principais jogadoras da seleção brasileira, Jacqueline Silva e Isabel por problemas de indisciplina. Esta situação teve destaque e repercussão justamente pela inédita cobertura midiática do evento esportivo, o que, como poderá ser percebido mais adiante, tomou proporções consideráveis no processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil.

Convém salientar que em meados de 1981, mesmo ano em que a seleção feminina brasileira de voleibol conquistou o Campeonato Sul-Americano na cidade de Santo André, foi deliberado o fim da proibição das empresas patrocinarem clubes ou entidades desportivas e de exibirem nos uniformes as propagandas de patrocinadores (MARCHI JR., 2004, p. 121).

<sup>78</sup> HOESE, Heloísa. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira.** Estância Velha, 17 maio. 2008.

Notamos a efetivação a ruptura com o amadorismo pleno a partir da nova legislação aprovada pelo CND que caminhou em favor da profissionalização do esporte brasileiro utilizando como base os moldes importados de países mais bem estruturados (Idem).

## 2.4 AS “MUSAS DO VÔLEI”

*Na quadra como na areia da praia, o vôlei não é só um esporte. É também uma passarela em que desfilam corpos esculturais. De tal modo a coisa é atraente que o público masculino do vôlei divide-se em duas classes: o amante de jogo, em si, e o “voyeur”, o contemplador. Ambos se deliciam: um torce, o outro contempla... O “short” das moças é um “gimmecs” desse esporte[...]*

*“Um olho da quadra, outro nos quadris.*

*Jogada de marketing? Sem dúvida. É pelos irresistíveis caminhos de Eros que o vôlei feminino está tomando o lugar do basquete, seu rival. O basquete veste suas equipes com calções bizarros. As moças, então, coitadas, ficam desengonçadas na quadra. Alguém me jura que as próprias jogadoras são contra a idéia de encurtar os shorts. Preferem aqueles calções do tipo samba-canção que sonegam ao olhar masculino as ardentes carnações femininas.*

*Pobre do esporte que ousa vestir Paula com os mesmos calções que vestem o Pipoca (NOGUEIRA, 1998, p. 75).*

Intitulada “A quadra e os quadris”, a crônica de Armando Nogueira com a qual iniciamos este sub-capítulo remete à sensualidade da jogadora de voleibol, mostra a estética como um chamariz para os jogos das equipes femininas, e mais, faz menção ao belo e ao que é ser belo, diferenciando jogadoras de voleibol das de basquetebol pela vestimenta com a qual elas praticam o seu esporte, este esporte que é transmitido e, por isso, assistido por um contingente inimaginável de espectadores.

A estética e o voleibol feminino caminharam em paralelo durante a sua trajetória, porém, é na década de 1980 que ocorre o surgimento das “Musas do Vôlei”, carregado de noções que demarcaram este contexto. Essa e outras características do período serão trazidas ao texto neste sub-capítulo, assim como os resultados das equipes femininas nas competições, o voleibol feminino nos clubes brasileiros, os direitos de imagem das jogadoras e os conflitos inerentes a um estágio de transformação profundo na estrutura do voleibol nacional.

Considerando a conquista do Campeonato Sul-Americano na cidade de Santo André, o sucesso em termos de público e o fato de as atletas começarem a adquirir maior visibilidade, a equipe de marketing esportivo da CBV adotou estratégias para a popularização do voleibol feminino, dentre as quais a realização de um jogo promocional na cidade de Santo André, contra a seleção japonesa, onde distribuíram faixas de campeão sul-americano para os espectadores da partida<sup>79</sup>.

Então nós vendemos o patrocínio para a *Rainha* na época, ela patrocinou acho que sete ou oito mil faixas, que era a lotação do ginásio lá de Santo André, e pra todo mundo que foi assistir ao jogo de Brasil e Japão, a gente deu uma faixa de campeão Sul-Americano [...]<sup>80</sup>

Com novas aspirações de resultados nas competições e percebendo o retorno advindo da promoção deste evento, a CBV organizou uma excursão de 30 dias pela Ásia, onde a seleção brasileira feminina jogou contra Japão e Coréia para se preparar para o Mundial que seria realizado no Peru em 12 de setembro de 1982. A próxima e última etapa da preparação seria realizada no Brasil.

Entre os dias 28 de agosto e 4 de setembro de 1982, a empresa de marketing esportivo *Promoação* organizou o Mundialito de voleibol feminino na cidade de São Paulo<sup>81</sup> como última etapa dos preparativos para o Mundial no Peru. Neste campeonato, jogaram as equipes do Brasil, Japão - vice-campeã da Copa do Mundo de 1981 e vice-campeão do mundo em Moscou 1979, Argentina - terceira colocada no Sul-Americano de Santo André, União Soviética - então campeã olímpica, e Coréia - quarta colocada na Copa do Mundo de 1981. Nas palavras do técnico Ênio Figueiredo, o objetivo inicial da seleção brasileira era ficar entre os sétimos primeiros colocados<sup>82</sup>.

As atletas de todas as equipes ficaram hospedadas em um hotel<sup>83</sup>. Participariam da competição: Brasil, União Soviética, Argentina, Japão, Coréia do

<sup>79</sup> COCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> Vôlei feminino: no Ibirapuera, ensaio para o Mundial. **Jornal Estado de São Paulo**. São Paulo, 23 ago. 1982.

<sup>82</sup> Ficar entre os 7, a meta do Brasil. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 21 ago. 1982.

<sup>83</sup> Marta, a sexta titular da seleção de vôlei. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 ago. 1982.

Sul e México<sup>84</sup>, porém, com questões relacionadas à economia do país, a equipe mexicana não participou do campeonato, sendo então substituída de última hora pela seleção paulista, composta basicamente de jogadoras do time Paulistano<sup>85</sup>.

Naquele momento, mesmo o voleibol estando em um nível de desenvolvimento considerável no quadro esportivo brasileiro, a seleção feminina ainda esbarrava nos problemas dos pedidos de dispensa. Na ocasião do Mundialito, as jogadoras Célia, Fernanda e Silvia não integraram o selecionado feminino por este motivo<sup>86</sup>.

Sobre este fato, chamamos a atenção para o nível econômico das jogadoras. Denise Mirás comenta: “Classe média, colégio pago, elas eram pessoas que tinham dinheiro de alguma forma pra poder ficar jogando vôlei...”<sup>87</sup> Ênio também comenta que, por conta de as atletas não precisarem do apoio financeiro da CBV, a sua seleção não tinha atletas, mas sim jogadoras. “A partir daí, já está limitado o plano de trabalho, porque você só vai poder contar com elas no momento em que precisarem.”<sup>88</sup>

Jacqueline Silva e Isabel foram re-convocadas para integrar a seleção brasileira no Mundialito<sup>89</sup>. Mesmo após Nuzman defender que as mesmas não fariam mais parte da equipe brasileira para a imprensa, juntamente com Ênio, Toroca e Radamés Lattari (assistente técnico da seleção) o dirigente marcou uma reunião com Jacqueline em sua casa para convocá-la novamente. A condição para o retorno de Isabel à seleção seria que ela concedesse uma entrevista para a imprensa declarando que havia mudado com relação à disciplina (SILVA, 2004, p. 68). Foi o que ela fez<sup>90</sup>.

---

<sup>84</sup> Vôlei: as soviéticas já vieram para o Mundialito. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 ago. 1982.

<sup>85</sup> Seleção do Paulistano joga Mundialito no lugar do México. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 ago. 1982.

<sup>86</sup> Brasil estréia: Argentina. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 28 ago. 1982.

<sup>87</sup> MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. 8 dez. 2008.

<sup>88</sup> Vôlei feminino joga o futuro no Mundialito. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 ago. 1982.

<sup>89</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 6 (p. 141); Imagem 7 (p. 142).

<sup>90</sup> Agora Isabel não mistura as coisas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1982.

As duas participaram como titulares do Mundialito e foi necessário contratar uma babá para cuidar da filha de Isabel que ficou hospedada juntamente com ela no mesmo hotel que a seleção estava<sup>91</sup>.

Esta medida deixa claro o jogo de poder instaurado no campo do voleibol, onde a competência técnica das jogadoras e seus relacionamentos com os torcedores e mídia se mostraram como moeda de jogo e assim a CBV reavaliou a decisão, reincorporando as duas jogadoras à seleção brasileira.

Porém, como dentre os objetivos das jogadoras estava a participação no campeonato, que as poria em evidência novamente no cenário nacional, elas teriam que demonstrar uma forma de subordinação aos dirigentes através dos meios de comunicação midiáticos.

Além de ser o último dos preparativos para o Mundial do Peru, o Mundialito representou pretensões de comprovar o prestígio do voleibol feminino entre o público motivando empresários e autoridades a investir na modalidade sem receio<sup>92</sup>.

Houve então o investimento por parte da CBV para sediar o Mundialito no ano de 1982, travando alianças com a mídia, empresas, e governo. A CBV contratou a empresa de marketing esportivo *Promoção* para organizar e promover a partir de então os eventos relacionados ao voleibol<sup>93</sup>. Luciano do Valle na *Rede Record*, “Kiko” já não mais na vice-presidência da *Caloi* e José Cocco encabeçavam esta empresa que promoveu o Mundialito de voleibol feminino na cidade de São Paulo.

Nuzman ressaltou que o apoio financeiro do governo à modalidade teve respaldo nos resultados apresentados até então. Com isto, ele se referiu ao oitavo lugar conquistado no Campeonato Mundial em Leningrado, primeiro lugar no Campeonato Sul-Americano, e ao fato de que, nas palavras do dirigente, “[...] no esporte feminino, o vôlei é o único capaz de representar o Brasil no exterior”<sup>94</sup>.

Observamos neste contexto uma proliferação de matérias jornalísticas abordando o evento. A jornalista Denise Mirás, contratada pela *Promoção* tratou de compilar as reportagens de jornais sobre o Mundialito. O objetivo desta acessoria de

---

<sup>91</sup> Brasil estréia: Argentina. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 28 ago. 1982.

<sup>92</sup> Vôlei feminino: Mundialito começa hoje a noite. **Folha da Tarde**. São Paulo, 28 ago. 1982.

<sup>93</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>94</sup> Marta, a sexta titular da seleção de vôlei. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 ago. 1982.

imprensa era de fornecer dados para a próxima Olimpíada que seria realizada em 1984 em Los Angeles<sup>95</sup>.

Mas sobre as pretensões de resultados em quadra no referido campeonato, o técnico Ênio Figueiredo mencionou que:

Assim como no futebol ou no basquete nos recentes Mundiais, nosso vôlei no Mundialito só pode pretender no máximo ganhar alguns elogios, superando-se pelo incentivo da torcida. Querer o título seria demais<sup>96</sup>.

Visualizamos o entrelaçamento dos campos político, esportivo, empresarial e midiático com a fala de Nuzman com relação ao Mundialito feminino, pois, apesar da descrença da conquista do campeonato, o dirigente declarou que este evento fora o mais importante acontecimento do voleibol no país desde o Mundial de 1960. “Pela primeira vez a Seleção Soviética está vindo ao Brasil, o que dá uma dimensão especial ao torneio. Hoje temos várias jogadoras de grande categoria e o vôlei brasileiro pode ser considerado a oitava potência mundial.”<sup>97</sup>

Porém, a equipe brasileira surpreendeu, conseguindo vitórias inéditas sobre a Coréia e a União Soviética e conquistando o vice-campeonato. Esta vitória marcou uma transição importante no universo do voleibol feminino, as jogadoras passaram a ser reconhecidas como musas e o público, a prestigiar e conhecer o voleibol feminino no Brasil.

De fato, um dos principais objetivos do campeonato era a preparação para o Mundial que seria disputado no Peru, o evento serviria para testar a equipe para ver se o Brasil teria condições de ficar entre os oito primeiros colocados no Mundial. Estrategicamente falando, Nuzman visualizava detectar se os jogos da seleção feminina seriam prestigiados pelos expectadores<sup>98</sup>.

Aí teve esse Mundialito das meninas, que já foi um milagre, acho que a gente ganhou da Coréia do Norte. O *Jornal da Tarde* fechava às vezes duas, duas e meia da manhã e eu fiquei acho que até umas cinco porque dáva umas duas páginas, umas três, não sei. Eu lembro que estava tanto frio, cheguei na redação com o dedo congelado de frio, não tinha nem jeito de escrever, e emocionada junto, sabe, assim, muito legal. “Madrugadão”

<sup>95</sup> MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 8 dez. 2008.

<sup>96</sup> Nosso vôlei, a dois dias do Mundialito feminino. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 26 ago. 1982.

<sup>97</sup> Treinos deixam vôlei animado para a estréia. **Jornal do Brasil**. Rio/Sp, 27 ago. 1982.

<sup>98</sup> Vôlei feminino: Mundialito começa hoje à noite. **Jornal Folha da Tarde**. São Paulo, 28 ago. 1982.

pra escrever essas coisas. E como, lógico né, não tinha internet, as pessoas procuravam os jornais que fechavam mais tarde pra ler os bastidores [...] <sup>99</sup>.

A magnitude que representou o Mundialito no desenvolvimento do voleibol feminino pode ser apresentada objetivamente: assistiram aos dois primeiros jogos, quase 6 mil pessoas no Ibirapuera, sendo 5.431 pagantes. Os organizadores pensaram numa renda de Cr\$ 1 milhão e 500 mil <sup>100</sup>, mas a renda foi de Cr\$ 13 milhões e 421 mil <sup>101</sup>; painéis de publicidade distribuídos ao lado da quadra de vôlei promovendo marcas como: *Malboro, Caloi, Vasp, Volkswagen, Club Prive, Gallery, Mikasa, Asics Tiger*, a *Promoação* se configurou enquanto agência que promoveu e organizou todas as competições da CBV daquele momento <sup>102</sup>.

Notamos, através da fala do profissional de marketing José Cocco, que antes mesmo do Mundialito, houve um trabalho empreendido para transformar o voleibol feminino em um produto a ser vendido.

Mas para profissionalização das meninas nós tínhamos um problema muito sério no Brasil, que eram as meninas do basquete. Que não eram meninas, né... a imagem que elas tinham era de que elas eram homossexuais, todas e elas tinham. Tinham uma imagem muito forte disso. E no vôlei, nós não queríamos que isto acontecesse. Começamos a trabalhar a feminilidade e a beleza das jogadoras de vôlei. Que está até hoje isto. De que maneira nós começamos? O Luciano na narração começou a falar que as meninas eram bonitas, o uniforme delas era bonito, na época lançou-se aquele macaquinho, era diferente daqueles “calçõeszões” grandes, né, aquelas bermudonas do basquete. A roupa era bonita, era feminina. As meninas do vôlei começaram a entrar em quadra bem penteadas, com fivelas, maquiadas muitas delas, porque tinha televisão e tal. Nós, quando entramos, elas participaram de desfiles de moda, de matérias de moda, das revistas, elas pousaram com roupas. E com isto a gente conseguiu com que elas fossem encaradas como mulheres, femininas, bonitas,

<sup>99</sup> MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 8 dez. 2008.

<sup>100</sup> O valor inicialmente pensado pelos idealizadores do Mundialito para a renda do mesmo equivaleria a aproximadamente 90 salários mínimos na época. O salário mínimo vigente no mês de agosto de 1982 era Cr\$ 16.608 mil (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio 2009). Traçamos este comparativo para termos idéia do poder de compra dos valores mencionados na dissertação, já que a conversão para a moeda atual (2009) feita através de calculadoras conversoras disponibilizadas na internet impede este tipo de visualização. Para maiores informações sobre conversões de moedas nacionais acessar: [www.ocaixa.com.br/passos3.htm](http://www.ocaixa.com.br/passos3.htm). Acesso em 15 maio 2009.)

<sup>101</sup> Este valor equivaleria a aproximadamente 808 salários mínimos vigentes no contexto do referido campeonato. O salário mínimo vigente no mês de agosto de 1982 era Cr\$ 16.608 mil (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio 2009).

<sup>102</sup> O sucesso do vôlei no Brasil. **Jornal Diário Popular**. Pelotas, 30 ago. 1982.

atletas, desejadas, e não deu outra, deu isto. Ficou aquela mulher, atleta bonita que não tem em nenhum outro lugar<sup>103</sup>.

Assim sendo, salientamos dentre as estratégias de marketing a construção da “Musas do Vôlei”, que visava agregar valores distintivos que dariam maior visibilidade ao voleibol feminino no contexto nacional, fazendo com que houvesse o interesse da mídia em focalizá-las. E mais, a criação das “Musas do Vôlei” veio de encontro a uma questão ainda instaurada no campo esportivo, a questão da mulher esportista como sinônimo de mulher masculinizada.

Enquanto que, para os homens, a aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniformes etc.), nas mulheres, tendem a exalta-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução. O que explica que o investimento (em tempo, dinheiro, em energia) no trabalho de apresentação seja muito maior na mulher. (BOURDIEU, 2007b, p. 118)

Prova do sucesso desta estratégia de marketing foi a reportagem capa *Revista Veja* intitulada “A musa do esporte”, onde podemos visualizar o impacto não somente no âmbito esportivo da criação das musas no esporte, mas na sociedade<sup>104</sup>. Esta reportagem mostra a ex-jogadora Isabel numa foto ampliada na capa e discute a questão estética da mulher através de exemplos de esportistas.

É provável que nenhuma das atletas da Seleção de vôlei ganhasse concursos de beleza convencionais. Fortes, músculos claramente delineado nas coxas, elas em nada lembram, porém atletas demasiado desenvolvidas, como as campeãs de natação da Alemanha Ocidental, que exibem o tórax musculoso de estivador em início de carreira. As jovens da Seleção Brasileira – diferentes também das truculentas soviéticas que derrotaram no Mundialito e das descarnadas e retas jogadoras japonesas – exibem um perfil atlético, esculturalmente atlético [...] <sup>105</sup>

Atentamos através deste recorte da referida reportagem para o fato de a *Revista Veja*, que não é uma revista esportiva indicar as características do que vem a ser uma mulher bonita no esporte, descartando padrões estéticos de outras equipes de voleibol e de outras modalidades e indicando um inovador padrão de

<sup>103</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. 9 dez. 2008.

<sup>104</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 8 (p. 143).

<sup>105</sup> A bela Isabel, boa de bola. **Revista Veja**. São Paulo, 15 set. 1982.



estética na sociedade através da figura de Isabel. Esta reportagem foi publicada posteriormente à realização do Mundialito no Brasil.

A mesma reportagem comenta detalhes físicos tanto de Isabel quanto de outras jogadoras evidenciando aspectos da sensualidade e da beleza das jogadoras:

Com seus 69 quilos de peso distribuídos ao longo de um talhe delgado, mais forte nas pernas que a impulsionam que nos braços que cortam e rebatem, Isabel anda com vigor de quem sabe realmente aonde vai, fala com desembaraço e orgulha-se dos seus belos olhos escuros e meigos, as grossas sobrancelhas que os realçam e a pele clara e delicada. É bonita<sup>106</sup>.

Na referida reportagem, a também jogadora da seleção brasileira, Vera Mossa é caracterizada por sua “[...] esguia silhueta que se estende ao longo de 1.83m, encanta os torcedores de vôlei, notadamente do sexo masculino, com seus traços suaves e ar angelical.<sup>107</sup>” Temos também que Heloísa Roese joga “[...] sem que as pancadas que desfere na bola sejam prejudicadas pelas unhas que insiste em manter compridas”<sup>108</sup>.

Com esta característica estética atrelada aos bons resultados da seleção brasileira feminina de voleibol nos campeonatos sediados no Brasil, as atletas estiveram numa vitrine estratégica, onde conseguiram diferentes tipos de inserções em outros campos. A jogadora Vera Mossa foi reportagem da revista masculina *Playboy* no ano de 1984<sup>109</sup>, bem como, no ano de 1985, participou das gravações de um filme chamado *Rock Estrela*<sup>110</sup>.

Em 1984, Vera tratou com a *Nestlé* o comercial do iogurte *Bliss* que durou seis meses e foi veiculado nacionalmente na televisão<sup>111</sup>. Com a campanha, ganhou 60 milhões de cruzeiros reais<sup>112</sup>.

<sup>106</sup> A bela Isabel, boa de bola. **Revista Veja**. São Paulo, 15 set. 1982.

<sup>107</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 9 (p. 144).

<sup>108</sup> A bela Isabel, boa de bola. **Revista Veja**. São Paulo, 15 set. 1982.

<sup>109</sup> Os amores de Vera. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 02 nov. 1984.

<sup>110</sup> Este assunto é abordado com mais detalhes no sub-capítulo a seguir.

<sup>111</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>112</sup> Este valor equivaleria a aproximadamente 180 salários mínimos no contexto. Valor do salário mínimo em maio de 1985: Cr\$ 333,120 mil (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio 2009). Notamos que no ano de 1984 o Flamengo investiu com as equipes de voleibol três vezes menos do que Vera Mossa ganhou em 1985 para fazer o referido comercial.

Isabel também, partindo da sua visibilidade, participou do programa *Cultura Jovem* da TVS nos domingos às 11 horas da manhã. Segundo a atleta, tratou-se de “Um mercado novo que consegui graças ao vôlei, e são essas coisas e os convites para publicidade que funcionam como pagamento extra.”

O reconhecimento do público fez com que as atletas pudessem se aventurar em outras áreas, como foi o caso de Jacqueline<sup>113</sup> que, no ano de 1983, inaugurou a “*Alta na Ponta*”, escolinha de voleibol localizada no Clube Copa Leme, Zona Sul, do Rio de Janeiro<sup>114</sup>.

Mesmo as atletas adquirindo visibilidade, fama e um público assíduo com a atuação no Mundialito, no quadro internacional, era necessário que elas ficassem com o primeiro ou segundo lugar no Mundial do Peru para se classificarem para a Olimpíada de Los Angeles. Caso contrário, as últimas vagas seriam disputadas no Pan-Americano e Sul-Americano, no ano de 1983<sup>115</sup>.

Antes do embarque para o Peru, Ênio declarou:

Devido a vários motivos, dificilmente as mulheres se dedicavam ao esporte realmente como atletas. A própria condição financeira das jogadoras, em grande parte vindas de um nível social elevado, dificultava a evolução do vôlei. No entanto, agora, embora existam muitos problemas, elas já estão conseguindo se libertar, ultrapassando a barreira entre ser jogadora e ser atleta<sup>116</sup>.

A expectativa de Ênio Figueiredo era que a equipe ficasse entre as oito primeiras colocadas no Mundial do Peru e repetisse a boa atuação do Mundialito em São Paulo<sup>117</sup>. O técnico, animado com o torneio preparatório em São Paulo, chegou a cogitar que seria possível o quarto lugar no Mundial<sup>118</sup>. Antes de embarcar para

---

Como os dirigentes do referido clube consideraram inviável o investimento de Cr\$ 60 milhões para o ano de 1985, encerraram as atividades com o voleibol. A respeito disto, consultar página 94 da presente dissertação.

<sup>113</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 10 (p. 145).

<sup>114</sup> Voleibol e atletismo. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/mar 1983.

<sup>115</sup> **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Jan/mar. 1982.

<sup>116</sup> Os objetivos de Ênio no Peru. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 4 set. 1982.

<sup>117</sup> Seleção é recebida com festas e flores em Arequipa. **O Globo**. s/d.

<sup>118</sup> Seleção treina saque para enfrentar o Japão. **O Globo**. s/d.

Lima, a delegação brasileira realizou os jogos da primeira fase do campeonato na cidade de Arequipa onde, segundo Ênio Figueiredo, talvez pela altitude, a equipe não conseguira boa atuação<sup>119</sup>. Em Arequipa, a equipe brasileira enfrentou a Coréia<sup>120</sup>, o Peru<sup>121</sup>, o Paraguai e a Alemanha<sup>122</sup>.

Esta primeira fase do campeonato desanimou a equipe e a comissão técnica. A seleção ficou em oitavo lugar no Campeonato Mundial (SILVA, 2004, p. 70) e assim, teve que tentar buscar a vaga olímpica nos campeonatos Pan-Americano e Sul-Americano do ano de 1983. Isabel depois descobriu que jogou o Mundial do Peru grávida de quatro meses<sup>123</sup>.

## 2.5 CRISE NO VOLEIBOL FEMININO

No Campeonato Sul-Americano, o Brasil disputou novamente com o Peru o primeiro lugar e, desta vez, perdeu de 3 x 0. Foi na ocasião do boicote soviético que mais uma vez a equipe feminina, conseguiu a vaga para os Jogos Olímpicos de Los Angeles (VALPORTO, 2007, p. 74).

Logo no início do ano de 1983, antes dos campeonatos Pan e Sul-Americanos, a seleção feminina de voleibol conquistou a medalha de ouro da Universíade, disputada na cidade de Edmonton, no Canadá. Esta vitória recolocou a equipe feminina do Brasil em evidência e alçou esperanças para pleitear a vaga olímpica<sup>124</sup>, porém, como já mencionado, não foi o que aconteceu.

Em contrapartida, retomando alguns acontecimentos no campo do voleibol, temos que a seleção masculina do Brasil estava em foco. A equipe conquistou a medalha de ouro no Mundialito, que, também com o intuito de popularizar o voleibol no Brasil, foi sediado no Rio de Janeiro no ano de 1981. Foi no ginásio

---

<sup>119</sup> Ênio quer boa atuação, mas não exige vitória. **O Globo**. 18 set. 1982.

<sup>120</sup> Brasil cansa no final e a Coréia vence. **O Globo**. 16 set. 1982.

<sup>121</sup> Brasil X Peru. Hoje, o clássico da América do Sul. **O Globo**. 20 set. 1982.

<sup>122</sup> Deu a lógica. **Revista Veja**. São Paulo, 22 set. 1982.

<sup>123</sup> Com licença, senhores. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 27 maio. 1984.

<sup>124</sup> Uma vitória que trás confiança para o futuro. **Jornal do Voleibol**. Rio de Janeiro. Julho de 1983.

Maracanazinho, na semifinal do referido campeonato contra a Coréia que Bernard realizou pela primeira vez na seleção o saque “Jornada nas estrelas”. O jogo final que sagrou a equipe brasileira de voleibol campeã foi contra a União Soviética - campeã olímpica no contexto (VALPORTO, 2007, p. 62).

No mês subsequente, o selecionado masculino brasileiro de voleibol disputou o Mundial na Argentina onde vencendo equipes como a Polônia, Cuba e Bulgária, todas então consideradas de primeira linha no voleibol, conquistou a medalha de prata. Este acontecimento colocou a seleção brasileira masculina em evidência tanto no cenário internacional, quanto nacionalmente (Ibidem, p. 63).

Essas vitórias atraíram as empresas que começaram a patrocinar times de voleibol masculino. A *Fiat* patrocinou o Minas Tênis Clube, a construtora *Carvalho Hosken* o Fluminense, o *Banco Sul-Brasileiro* formou uma equipe (Ibidem, p. 64). Porém as equipes com maior investimento e, assim sendo, onde estavam os principais jogadores eram a *Pirelli* de Santo André e a *Atlântica Boa-Vista*.

Apesar dos melhores resultados em quadra terem sido apresentados pelo selecionado masculino, o sucesso das “Musas do Vôlei” também chamou a atenção das empresas e os primeiros grandes investimentos começaram a ocorrer no voleibol feminino.

Foi o caso da *Supergasbrás*, que, em fevereiro do ano de 1983, montou um time com a base da seleção brasileira, disponibilizando tempo, remuneração e lugares para seis horas de treinamento diário. Visando também a preparação para a Olimpíada de 1984, em Los Angeles, contratou Ênio Figueiredo como técnico<sup>125</sup>.

Com a *Supergasbrás* contratando as principais atletas do Brasil para representar seu time nos campeonatos nacionais, sentindo perder Isabel e Jacqueline, o Flamengo, classificando como desonesta a atitude da empresa<sup>126</sup>, ameaçou encerrar as atividades do clube como já haveria feito em 1981 quando do advento da *Atlântica-Boavista* levando seus principais atletas do time masculino<sup>127</sup>.

<sup>125</sup> Voleibol e atletismo. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/mar 1983.

<sup>126</sup> Saque decisivo. Supergasbrás forma time de vôlei milionário. **Revista Veja**. São Paulo, 23 fev. 1983.

<sup>127</sup> Tranquilidade garantida. **Revista Veja**. São Paulo, 23 fev. 1983.

Para impedir a transferência de Isabel para o time da *Supergasbrás*, o Flamengo conseguiu duas empresas para as quais a atleta prestou serviços de publicidade, a *Enéas Franco* e *Auto-industrial*<sup>128</sup>.

Diante da situação, o então presidente da CBV avalia:

A sustentação empresarial é o caminho por excelência para o esporte brasileiro [...] A formação de um time por uma empresa é uma etapa final, mas existe a posição intermediária de as empresas patrocinarem os clubes<sup>129</sup>.

Em agosto de 1983 ocorreu no Rio de Janeiro uma partida histórica da seleção masculina brasileira de voleibol. Tratou-se de um amistoso promocional realizado no estádio do Maracanã, onde a seleção brasileira enfrentou a União Soviética e reuniu cerca de 60 mil pessoas para assistir, totalizando uma renda de 113 milhões de cruzeiros<sup>130</sup>. Neste jogo, a equipe brasileira venceu a então campeã olímpica, União Soviética, por 3 sets a 1.

Na oportunidade, a *Revista Veja* publicou: “Embora espetacular, a entrada do vôlei no Maracanã valeu mais pelo valor simbólico: estava atestada, de forma definitiva, a extraordinária popularidade de um novo esporte no Brasil.”<sup>131</sup>

Logo após este jogo realizado no Maracanã, saiu uma reportagem na mesma revista, intitulada “Luciano do Vôlei” onde é trazida à tona a história deste narrador esportivo que, transferindo-se da *Rede Globo* para a *Rede Record*, apostou no voleibol e montou a *Promoção*. O narrador conta que:

Na realidade, nós enxergamos o vôlei [...] Ele vinha crescendo muito tecnicamente, graças ao bom trabalho da CBV, mas faltava dinheiro para um desenvolvimento ainda maior. Nós provamos a televisão podia ser essa fonte de recursos e de divulgação para o vôlei<sup>132</sup>.

<sup>128</sup> Isabel – A grande estrela do vôlei leva uma vida caseira e pacata. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 1983.

<sup>129</sup> Idem.

<sup>130</sup> Este valor equivaleria a aproximadamente 3.249 salários mínimos no contexto do evento. Salário mínimo de agosto de 1983: Cr\$ 34,776 mil (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio 2009).

<sup>131</sup> Na casa do futebol. **Revista Veja**. São Paulo, 3 ago. 1983.

<sup>132</sup> Luciano do Vôlei. **Revista Veja**. São Paulo, 3 ago. 1983.

Na mesma reportagem Nuzman comenta que não foi premeditado que a CBV não gastasse para a realização dos dois Mundialitos sediados no Brasil no ano de 1981, mas que Luciano, fazendo a conexão entre o esporte, a televisão e os patrocinadores, conseguiu que isto se efetivasse<sup>133</sup>.

Em entrevista para a *Revista Saque*, Luciano comenta que um dos motivos para a saída da CBV da *Promoção* foi a reportagem supracitada (“Luciano do Vôlei”) da *Revista Veja*, onde, segundo o narrador: “O Nuzman acabou interpretando mal a matéria, achando que eu estaria pleiteando, sei lá eu, um cargo dentro do esporte ou que tivesse ofuscando o que ele fez<sup>134</sup>”.

Este quadro manifesta claramente a disputa pelo poder, a dinamicidade do mesmo e a importância da mídia neste contexto. Entendemos, a partir disto que os esforços para ascender o voleibol no país não foram feitos somente em prol da referida modalidade, mas também como forma de angariar poder no campo esportivo.

Com relação ao fator estético das jogadoras de voleibol, averiguamos que se estratégia de manutenção no poder (o poder, neste caso significava a visibilidade), ele passou a atuar no campo enquanto um capital, no sentido *bourdieusiano*, se tornando uma moeda de jogo e um símbolo distintivo entre as modalidades esportivas praticadas por mulheres.

Como fazia parte dos planos da CBV que o voleibol obtivesse visibilidade nacional, a propulsão das “Musas do Voleibol” passou a ter lugar dentro das estratégias adotadas para conferir público ao voleibol feminino.

As “meninas do Brasil” ganharam as primeiras páginas dos jornais e longas reportagens na TV. Isabel virou capa da revista, sob o título “A Musa do Vôlei”. A campanha do Mundialito e a baladação fizeram explodir a popularidade do voleibol. No fim de 1982, a Supergasbrás, no Rio, anunciou a formação de um time feminino; a Pirelli também lançou sua equipe. As empresas começaram a investir também nos times femininos. No ano seguinte, os patrocínios já apareciam nas camisas de, pelo menos, seis equipes (VALPORTO, 2007, p. 73).

Com o aumento do público expectador, denotamos a inserção de empresas no voleibol feminino, como foi o caso da *Supergasbrás*. Porém, como se estava formando um campo, e o campo é caracterizado por disputas internas pelo poder, o

<sup>133</sup> Luciano do Vôlei. **Revista Veja**. São Paulo, 3 ago. 1983.

<sup>134</sup> Entrevista com Luciano do Valle. **Revista Saque**. São Paulo, nº3, 1985.

advento da equipe de voleibol com as principais atletas do Brasil fez com que os clubes passassem a temer pelo decréscimo na escala de prestígio, não tendo mais condições de disputar os campeonatos nacionais. Por isto ocorreram momentos de tensão.

Em outras palavras, as empresas estavam vislumbrando possibilidade de ascensão através do voleibol feminino, e, por conta disto, se inseriram neste universo. Os times já existentes temeram esta forte inserção, pois ela se deu em um universo de disputa onde agentes e instituições já estava dispostos e à dinâmica social era atribuída determinada lógica, o que obviamente mudaria com a entrada das empresas.

Além do momento de predominância do fator estético em detrimento ao técnico na vitrine do voleibol feminino brasileiro, temos que as vitórias do Mundialito e segundo lugar no Mundial da Argentina da equipe masculina brasileira, chamaram a atenção da mídia para o voleibol masculino. Percebendo esta abertura, a *Promoação* realizou o já mencionado jogo amistoso no estádio do Maracanã que decididamente colocou o voleibol masculino sob os holofotes da mídia e, conseqüentemente das empresas.

[...] o jogo do Maracanã nós fizemos, não foi pra ganhar dinheiro. Mal e mal a gente empatou. Mas era um jogo promocional. O que deu de matéria e de fotos... nossa tinha absurdo, e na época a *Globo* ainda torcendo contra, né, porque era exclusivo da *Record*... eles faziam tudo pra não dar certo. Mas foi aquele sucesso e o trabalho acabou jogando o voleibol lá pra cima como um grande produto<sup>135</sup>.

Interessante apontar que os entrevistados unanimemente comentaram sobre a seleção feminina até a repercussão do Mundialito feminino realizado em 1982 na capital paulista e, posteriormente a este acontecimento trouxeram aos diálogos lembranças sobre os clubes e sobre a projeção da seleção masculina. Destacamos a fala da jornalista Denise Mirás sobre o enfoque da mídia no esporte. “... das meninas eu não lembro. Não lembro nem... olha, acho que eu não fui cobrir jogo delas... porque a gente ia ao que era mais forte.”<sup>136</sup>

<sup>135</sup> COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.

<sup>136</sup> MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 8 dez. 2008.

Na fase de preparação para a Olimpíada de Los Angeles, enquanto os quarenta e dois integrantes da delegação masculina estavam hospedados em um hotel cinco estrelas na orla marítima de Salvador, acompanhados por suas mulheres, filhos e babás, os dezenove integrantes da delegação feminina ficaram alojados no Centro Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos, cumprindo seis horas de treino diário em regime de concentração<sup>137</sup>.

Após ficarem quatro meses alojadas, as atletas partiram para uma série de amistosos contra Cuba realizados pelo Brasil. As atletas reclamaram publicamente da falta de jogos, pois a última vez que haviam jogado teria sido no Pan-Americano de 1983. No contexto, Jacqueline comentou: “Estávamos tão sem ritmo de jogo que na hora da substituição até esquecíamos de avisar o árbitro.” Vera Mossa reforça: “O que a gente queria era jogar”<sup>138</sup>.

Os amistosos preparatórios foram realizados nas cidades de São José dos Campos, Sorocaba, Araraquara, Juiz de Fora, Campo Grande e Londrina. A CBV providenciou um avião da empresa *Rio Sul* para transportar as jogadoras e, em conjunto com a empresa *Novo Ciclo*<sup>139</sup>, organizou a série de seis amistosos para Brasil e Cuba<sup>140</sup>.

Desses seis jogos o Brasil venceu apenas um. Jacqueline e Isabel questionaram o valor dos ingressos. “O chato é que vai ter pouca gente vendo.” Comenta Jacqueline, e em seguida afirma: “E se eu fosse daqui, iria lá na entrada e comandava um piquete.”<sup>141</sup>

O boicote dos soviéticos não acarretou em maiores esperanças para a colocação da equipe feminina brasileira nos Jogos Olímpicos<sup>142</sup>, pois os seus primeiros jogos eram contra China, Estados Unidos e Alemanha. Logo na sua segunda atuação, a seleção feminina viveu um drama: Ganhando o jogo por 2 sets a

<sup>137</sup> É, existe uma diferença. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 10 fev. 1984.

<sup>138</sup> Teste para Los Angeles. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 maio. 1984.

<sup>139</sup> A CBV deixou a *Promoção* e re-contratou a *Novo Ciclo*. Na ocasião, José Cocco também retornou à empresa de marketing esportivo. (COCCO, José Estevão. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. São Paulo, 9 dez. 2008.)

<sup>140</sup> Teste para Los Angeles. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 maio. 1984.

<sup>141</sup> Um lento progresso. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 01 jun. 1984.

<sup>142</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 11 (p. 146).



zero, é surpreendida por uma “virada” dos Estados Unidos e perde a partida<sup>143</sup>. “O Brasil constatou que jogava suficientemente bem para vencer um dos favoritos na luta pela medalha de ouro, ao lado da China e do Japão”<sup>144</sup>.

Voltando da Olimpíada de Los Angeles com o 7º lugar, mesma colocação da seleção na Olimpíada de Moscou, houve um momento de transformações no voleibol feminino, iniciando pela substituição do técnico da seleção brasileira<sup>145</sup> e desembocando em uma crise estabelecida entre gerações de jogadoras.

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles marcaram a despedida daquela geração de musas, responsável pela popularização das equipes femininas de voleibol no Brasil. Isabel e Jacqueline deixaram a seleção no ano seguinte (VALPORTO, 2007, p. 75).

Mesmo a equipe feminina ficando com o sétimo lugar na Olimpíada de Los Angeles, as atletas ainda estavam em evidência na mídia por um assunto tangencial. A exemplo disto, Vera Mossa saiu numa matéria da *Revista Placar* que abordava aspectos pessoais comentando sobre a reportagem e as fotos publicadas na *Revista Playboy* e sobre os namorados da mesma<sup>146</sup>. A mesma revista publicou a nota intitulada “Campeãs no charme, campeões na garra”, onde consta:

Nossas meninas do vôlei não passaram do 7º lugar, mas o charme permanente e a garra nos momentos difíceis conquistaram os torcedores. Já os rapazes do vôlei transformaram-se em heróis olímpicos com jogos perfeitos e vitórias irretocáveis<sup>147</sup>.

A ex-jogadora Vera Mossa ganhou maior projeção na mídia. “O rabo-de-cavalo tradicional, meio marca registrada, só nas quadras. Na vida de não-atleta, uma mulher bonita, acima de tudo. E de todas.”<sup>148</sup> A jogadora atuou em *Rock Estrela*, filme dirigido por Leal Rodrigues onde a personagem era uma jogadora de

<sup>143</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 12 (p. 147).

<sup>144</sup> O duro teste começa. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1984.

<sup>145</sup> Jogadoras apontam um substituto para Ênio. **Jornal Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 16 set. 1984.

<sup>146</sup> Os amores de Vera. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 22 set. 1984.

<sup>147</sup> Campeãs do charme, campeões da garra. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1984.

<sup>148</sup> Eis a moça Vera Mossa. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, 30 mar. 1985.

voleibol pela qual o protagonista “Rock Estrela” (personagem de Diogo Vilela) se apaixona<sup>149</sup>.

Os assuntos relacionados à estética das jogadoras dividiam espaço com outras questões. No retorno de Los Angeles, a CBV indicou Jorge Barros, ex-integrante da comissão técnica da seleção masculina, para substituir Ênio Figueiredo no comando da equipe feminina de voleibol. A intenção era de “[...] dotar as moças do mesmo espírito de união e competição que ajudou a implantar no selecionado masculino, durante os quatro anos em que foi assistente do ex-técnico Bebeto de Freitas<sup>150</sup>”.

A escolha do técnico que comandaria a seleção feminina de voleibol pode ter sido não somente técnica, mas também política. Como evidencia reportagem publicada no *Tribuna de Minas*, “A própria escolha para presidente do Brasil e a opção de um nome por parte de cada brasileiro não está sendo tão sutil e cheia de preferências não reveladas do que a escolha para técnico da Seleção Feminina de vôlei.<sup>151</sup>”

Esta escolha política por Jorge Barros pode ter sido feita para colocar novamente a equipe em evidência no cenário nacional através da mídia, já que na Olimpíada de Los Angeles a seleção masculina de voleibol conquistou, pela primeira vez na história da modalidade, a medalha de prata e este acontecimento angariou considerável repercussão e visibilidade para o voleibol masculino. A geração que conquistou o segundo lugar nos Jogos Olímpicos de Los Angeles ficou reconhecida como “Geração de Prata”.

Em fevereiro do ano de 1985, com o mercado do voleibol aberto às transferências de atletas entre clubes, ocorreu um momento de crise no voleibol feminino nacional que envolveu as jogadoras, técnicos, dirigentes e clubes. No momento em que ocorriam as contratações, a jogadora Jacqueline Silva pediu um valor considerado muito alto e nenhum clube aceitou a proposta. Desempregada, rifou sua Vespa e começou a vender camisetas para poder se sustentar<sup>152</sup>.

<sup>149</sup> Nos embalos de Dorys Day. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1984.

<sup>150</sup> A virtude das moças é a consciência. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 out. 1985.

<sup>151</sup> Escolha do técnico da Seleção: até aqui a política interfere. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 16 set. 1984.

<sup>152</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

Os dirigentes do Flamengo consideraram inviável o pedido de Jacqueline tendo em vista que no ano de 1984 o clube gastou 20 milhões de cruzeiros<sup>153</sup> com o voleibol, alegaram que, caso fossem atendidas as pretensões das jogadoras, o investimento passaria a 60 milhões de cruzeiros<sup>154</sup> no ano de 1985. O time de voleibol do clube foi extinto e a verba pré-destinada para gasto com todas as modalidades esportivas do clube em 1985 foi de Cr\$ 100 milhões. Esta verba seria destinada ao voleibol juvenil, basquete, remo, atletismo, judô e xadrez<sup>155</sup>.

O assessor de imprensa da *Supergasbrás*, Ricardo Ramalho, se manifestou sobre o assunto: “Quando começamos com o vôlei feminino, em 83, as atletas de hoje ganhavam uma ajuda de custo mínima dos seus clubes. Com o interesse das empresas, elas passaram a se supervalorizar e isso gerou distorções como a de Jacqueline.”<sup>156</sup> Guilherme Sarmiento, no contexto, diretor da fábrica *Coca-Cola*, deixou de patrocinar o time adulto de Juiz de Fora considerando que as atletas passaram a se supervalorizar. Sarmiento afirmou que só valeria a pena patrocinar equipes com o nome da própria empresa, como é o caso da *Lufkin*, da *Transbrasil*, do *Bradesco* e da *Supergasbrás*<sup>157</sup>.

Verificamos então a instauração de um conflito de interesses. Analisando os fatos que permearam o trajeto do voleibol feminino desde 1977, onde se iniciou um trabalho diferenciado, até o momento desta crise, temos que o mesmo adquiriu visibilidade no ano de 1981, com a conquista do Sul-Americano e em 1982, com o vice-campeonato no Mundialito. Porém, não sustentando boas colocações nas competições, deixou lugar aos vice-campeões mundiais na vitrine do voleibol, estando ainda, o voleibol feminino, presente dentre as temáticas tratadas por assuntos tangenciais, como é o caso da beleza das jogadoras.

Jacqueline aponta o motivo por ter julgado o que deveria receber para jogar: “Percebi que jogávamos cercadas de propaganda nos estádios, vestíamos o

---

<sup>153</sup> Valor equivalente a aproximadamente 60 vezes o salário mínimo da época. Salário mínimo em maio de 1985: 333,120 mil cruzeiros (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio, 2009).

<sup>154</sup> Equivalente a aproximadamente 180 salários mínimos de maio de 1985 (Idem).

<sup>155</sup> **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>156</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>157</sup> **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

uniforme coberto de anúncios e levávamos uma vida dura.<sup>158</sup> A atleta também protestou contra a desvalorização das atletas brasileiras em detrimento às do exterior, como ela considerou que fora o caso da levantadora peruana contratada pela Supergasbrás, que foi paga em dólares por representar a equipe<sup>159</sup>.

Com as principais atletas pedindo um salário considerado pelos dirigentes demasiado alto, alguns times foram desfeitos, foi o caso do Flamengo, da Gávea e do Juiz de Fora<sup>160</sup>. Neste contexto, mais uma empresa entrou com um forte investimento no voleibol feminino, a *Lufkin*<sup>161</sup>.

A mídia também se posicionou neste o debate sobre a situação do voleibol feminino brasileiro.

A história dessas duas [se referindo à Isabel e Jacqueline] ilustra as contradições do vôlei feminino no país – um esporte que conquistou a massa, que neste ano [1985] contará, só para as meninas com um investimento mínimo de Cr 4 bilhões<sup>162</sup> e que, no entanto, dirigido por empresas, vê-se ameaçado de perder suas melhores estrelas, simplesmente porque elas acreditaram valer tanto quanto os anúncios milionários que passaram a fazer<sup>163</sup>.

A entrevistada e ex-jogadora Maria Auxiliadora que no contexto desta discussão, jogava na equipe do Esporte Clube Juiz de Fora e passou a atuar na *Transbrasil*, esclarece que, em tendo-se que despender maior tempo e esforços para atuarem nas seleções e clubes e, assim sendo, ficando mais difícil de conciliar estudos, trabalho e voleibol, as atletas passaram a receber pelo direito de imagem. Então as atletas recebiam para fazer publicidade, expondo a marca de uma empresa na camisa de treino, por exemplo<sup>164</sup>.

<sup>158</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>159</sup> A estrela ficou só. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 15 mar. 1985.

<sup>160</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>161</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 13 (p. 148).

<sup>162</sup> Valor equivalente a aproximadamente 12007 vezes o salário mínimo vigente no contexto. Salário mínimo em maio de 1985: Cr\$ 333,120 mil (Disponível em [www.portalbrasil.net/salariominimo.htm](http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm). Acesso em 21 maio 2009).

<sup>163</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>163</sup> CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora. Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira. 21 maio. 2008.

<sup>164</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

As empresas passaram a ser veiculadas na mídia com facilidade, massificando marcas, tornando-as conhecidas pelo público. Porém, neste contexto, a crise do voleibol feminino também gerou considerável repercussão. A ex-jogadora Isabel comenta que o problema não residiu na quantia solicitada pela colega Jacqueline para os clubes, mas sim, na maneira como a mídia tratou o assunto<sup>165</sup>.

Em março do ano de 1985, a seleção excursionou para jogar um torneio no Japão e na China e também a I Copa Japão de Voleibol. Jacqueline foi convocada e, na ocasião, pediu ajuda de custo da CBV, porém não foi atendida. Por problemas dentários, faltou um dos treinos da seleção e isto, segundo a própria ex-atleta, teria a colocado no banco de reservas desses torneios (SILVA, 2004, p. 84).

A opinião pública e até a imprensa estavam do meu lado. O jeito era meter a boca no trombone, denunciar situações absurdas e arbitrárias, contar tudo o que estava acontecendo não só comigo, mas com praticamente todos os atletas do vôlei, que aceitam situações adversas e injustas simplesmente porque não são conscientes do próprio valor e força que possuem (Idem).

Evidenciamos então o papel da mídia no caminho percorrido pelo voleibol. Esta instituição se inseriu com um grande potencial de poder no campo esportivo e, no momento em que a ex-levantadora Jacqueline estava numa situação de dominada no campo esportivo, pois ficou desempregada, e em outras vezes, que fora cortada da seleção, a mídia, por sua lógica interna de funcionamento, possibilitou acúmulo de capital social a esse agente social, que em determinadas circunstâncias a colocou como dominante por trazer a temática ao debate.

Jacqueline então prestou entrevistas e articulou o seu ponto de vista nas revistas e jornais da época expondo as condições da atleta brasileira, falando principalmente dos sacrifícios que exigem as concentrações, do regime de disciplina e de terem que, nas palavras da mesma, “esquecer a sua sexualidade”. Segundo Jacqueline, os atletas do time masculino de voleibol podiam namorar quando em concentração. Nuzman, a respeito dessas críticas, alega: “Pode pegar caneta e papel para anotar o que eu acho do que ela declarou. Está pronto? Então lá vai: Nada a declarar. Ponto. Cada um tem a sua opinião. Ponto.”<sup>166</sup>

<sup>165</sup> Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 maio. 1985.

<sup>166</sup> O julgamento de Jacqueline. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1985.

Nomeado novo técnico da seleção feminina brasileira após a Olimpíada de Los Angeles, Jorge Barros comenta: “Fora da quadra, cada um pensa e diz o que quer, mas quem não se adaptar deve sair.”<sup>167</sup> Ênio Figueiredo, também se pronuncia:

Parece loucura. Quando espero que essa moça esteja amadurecendo, ela regride, talvez por influências negativas. Não tenho nada contra ninguém f... com quem quiser, só não pode é na concentração<sup>168</sup>.

Em agosto, um mês após este debate articulado pela mídia em torno das declarações polêmicas de Jacqueline, a ex-levantadora foi re-convocada para integrar a seleção brasileira. Pediu novamente ajuda de custo argumentando que fazia propaganda de uma marca de material esportivo (*Rainha*) e reclamou por ter ficado no banco de reservas nos torneios do início do ano.

Jacqueline se envolveu em mais uma polêmica quando, treinando no Floresta Clube pela seleção brasileira, se recusou a usar o uniforme com o nome do patrocinador sem receber nada em troca.

No primeiro dia de treino da seleção, não havia uniforme e eu fui com uma blusa qualquer. Fui avisada que, a partir do segundo dia de treino era preciso usar o uniforme com o nome do patrocinador. Foi aí que eu coloquei o agasalho pelo avesso (SILVA, 2004, p. 87).

No dia, Jacqueline foi alertada sobre a obrigatoriedade da utilização do uniforme, porém, foi embora sem treinar. Um dia depois, em uma conversa com Nuzman, a atleta foi desligada novamente e pela última vez da seleção brasileira.

Naquele momento, como o voleibol feminino não estava trazendo resultados expressivos nas competições internacionais, a atenção se voltava para as equipes masculinas. Relata a ex-atleta Maria Auxiliadora que, como os times masculinos tinham resultados, os patrocinadores fechavam contrato com a CBV via masculino e a instituição repassava determinada verba para custear a seleção feminina. “[...] então a gente fala que a gente foi sempre a reboque do masculino”<sup>169</sup>. Assim, em

<sup>167</sup> O julgamento de Jacqueline. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1985.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> CASTANHEIRA. Maria Auxiliadora. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. Curitiba, 21 maio. 2008.

detrimento às equipes femininas, os atletas dos times masculinos recebiam das empresas patrocinadoras das seleções o direito de imagem.

O advento do profissionalismo no voleibol alargou os relacionamentos sociais estabelecidos no campo, e, em consequência disso, ocorreu que passaram a existir mais agentes e instituições com seus interesses próprios e de grupo. Inevitavelmente os momentos de tensões ocorreram. As empresas queriam se beneficiar da imagem dos ídolos esportivos, os atletas, por começarem a sofrer maiores pressões pelos resultados e aumentarem drasticamente o tempo de treinamento, passaram a necessitar um retorno financeiro por esta atividade e a mídia impressa, diante deste quadro de interesses, e a partir do seu próprio, divulgava esses conflitos em busca do seu objeto de disputa, a tiragem.

Em um primeiro momento, enquanto o voleibol era essencialmente amador, as relações sociais estabelecidas no âmbito do voleibol feminino se restringiam sumariamente aos dirigentes, técnicos e atletas. Com a incursão da televisão e, posteriormente das empresas, aumentaram os agentes sociais interessados e habilitados para, de alguma maneira se beneficiarem com a modalidade. Tomamos como exemplo o impacto da mesma medida tomada três momentos distintos: 1) O corte da ex-jogadora Jacqueline Silva da seleção brasileira em 1977, durante a concentração na cidade de Belo Horizonte; 2) Quando a mesma foi cortada na ocasião do Campeonato Sul-Americano sediado no Brasil, na cidade de Santo André, no início da inserção midiática; 3) O desligamento da referida ex-levantadora, ocorrido no ano de 1985 tendo como um dos motivos a recusa da mesma em vestir o uniforme com o patrocinador sem receber por isto.

Configurando a situação do primeiro corte, temos uma relação basicamente estabelecida entre a CBV, comissão técnica e atleta onde, considerando os potenciais de poder dos envolvidos, a dispensa não modificou a estrutura do campo em formação.

Observamos que no momento do segundo corte, a *Rede Globo*, na figura de Luciano do Valle, adentrava no campo em formação do voleibol. A televisão, sendo o “carro chefe” do campo midiático, estando disposta no mesmo de maneira a determinar o que deve ser coberto pelos jornais, por exemplo, indicou o voleibol como foco. A relação já se estabelecia entre atleta, comissão técnica e público, sendo a mídia a figura responsável pelo intermédio entre atleta, comissão técnica, e CBV - ou podemos chamar o voleibol feminino - e o público.

Por conta da inserção da televisão no campo do voleibol, ocorreu a inserção do *habitus* dos agentes pertencentes à televisão, isto é, as notícias passaram a ter como base a forma de ver, pensar e julgar o voleibol dos jornalistas. Sendo estruturante do *habitus* do jornalista resultante da história incorporada pelos mesmos no campo midiático, e tendo em vista que as matérias eram abordadas de maneira a cumprirem a expectativa de serem vendidas, temos que a relação estabelecida entre o voleibol feminino e o público sofrera interferência da lógica midiática de funcionamento.

Já no momento do terceiro e último corte de Jacqueline Silva da seleção, notamos a rede de relacionamentos mais ampla, estabelecida entre atleta, comissão técnica, CBV, mídia, público e empresas. Os potenciais de poder já divididos entre esses agentes e instituições e os interesses delineados, tudo isso de acordo com a história deste campo. Então, a mídia que já tinha promovido as “Musas do Vôlei”, pela necessidade e maneira de conseguir vender o seu produto (a informação sobre o voleibol), auxiliara Jacqueline na aquisição de um capital social elevado na sua relação com o público.

A partir deste fato, a imagem da mesma a interessava à mídia na sua relação oferta e demanda com o público consumidor de seus produtos. Porém, em relação aos dirigentes e às empresas, as declarações polêmicas da atleta, recebendo a atenção da mídia, isto é, sendo articuladas para o público consumidor do voleibol, somadas à recusa de Jacqueline em obedecer às regras mercadológicas já instauradas no campo, resultaram no desligamento da mesma do selecionado brasileiro.

Verificamos através da análise desses três momentos presentes na estruturação do voleibol feminino no Brasil, que no ano de 1985 o voleibol feminino não apresentava mais estrutura amadora. Não queremos dizer com isto que as atletas passaram a ser profissionais com carteira assinada e todos os direitos inerentes a isto, tão pouco que os indivíduos que trabalhavam com o voleibol feminino o eram. No entanto, alertamos para as transformações ocorridas através das quebras de regularidades e, principalmente para uma nova maneira de pensar o voleibol pelos agentes inseridos neste universo. O voleibol passou a ser a principal atividade das atletas e os times não eram mais de clubes, eram de empresas, caso contrário, não seria alarmante o fato de Jacqueline ficar desempregada por não conseguir acertar contrato com uma empresa.



No ano de 1985, algumas jogadoras pediram dispensa da seleção brasileira. Foi o caso de Célia, que decidiu se dedicar à faculdade de medicina, de Dulce, que decidiu estagiar na sua faculdade de fisioterapia e de Isabel, que estava grávida de sua segunda filha<sup>170</sup>. Vera Mossa também pediu para ser dispensada para cuidar do filho<sup>171</sup>. Coincidindo com o ano em que Ênio Figueiredo foi substituído por Jorge Barros, uma nova geração apareceu, esta que mesclou atletas adultas e juvenis.

Neste cenário, a situação era clara, e o próprio presidente da CBV apontou: “[...] o que a gente está esperando é isto, a melhoria do posicionamento delas no cenário internacional<sup>172</sup>.” A equipe pregava seriedade, trabalho pesado, disciplina e espírito de grupo em prol de melhores apresentações internacionais.

Desta vez é pra valer: está nascendo uma geração de verdadeiras atletas na Seleção Juvenil feminina. O principal sintoma é o voto de clausura feito por elas: abandonaram empregos, namorados, lazer e só pensam em trazer uma medalha ou pelo menos ficar entre os quatro primeiros no Mundial da Itália<sup>173</sup>.

Percebemos que, com toda a polêmica envolvendo o voleibol feminino sendo focalizada pela mídia, houve a preocupação de “formar-se uma boa imagem”, e isto aconteceu negando o que foi considerado “problemático” na geração anterior, a das “Musas do Vôlei”. O *status* que se tinha do voleibol feminino no Brasil era “[...] de que elas não passariam de simples jogadoras, enquanto o *status* de atleta só caberia ao sexo masculino<sup>174</sup>.”

Segundo publicação na *Revista Saque*, por encararem de maneira profissional, as novas jogadoras da seleção brasileira, mesmo ainda sem resultados nas competições, estabeleciam um marco divisório no voleibol feminino do Brasil. No contexto, a mudança de mentalidade das gerações era alvo de reportagens a respeito do voleibol feminino brasileiro. A *Revista Placar* mediou um confronto entre gerações:

---

<sup>170</sup> As musas contra-atacam. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 11 out. 1985.

<sup>171</sup> As meninas vão à luta. **Revista Saque**. São Paulo, nº 4. out. 1985.

<sup>172</sup> O pai da matéria. **Revista Saque**. São Paulo, nº 1. 1985.

<sup>173</sup> A garra das feras. **Revista Saque**. São Paulo, nº 2. 1985.

<sup>174</sup> Idem.

A guerra se desencadeou durante a semana passada, depois que as chamadas musas do vôlei leram em Placar as severas críticas que as meninas lhes fizeram, maldizendo o que seria um excesso de individualismo – ou estrelismo – da primeira geração<sup>175</sup>.

Podemos notar, a partir da abordagem de temas tangenciais pela mídia um momento de intersecção entre o campo esportivo e midiático, onde, na situação de dominante, a mídia fez valer as regras inerentes ao seu específico lócus de disputa, e o foco das notícias passa a ser o que Bourdieu chamou de “extraordinário-ordinário”, que seriam as manifestações impactantes ocorridas no cotidiano como incêndios, assassinatos e inundações, por exemplo.

“É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do furo” (BOURDIEU, 1997a, p. 27). O furo torna-se necessário para os jornais por conta da concorrência existente entre tais, essas relações se retraduzem na pressão da urgência, urgência pelo furo, urgência de ser o primeiro (Ibidem, p. 38).

Armou-se então uma conjuntura interessante para a análise. As empresas subsidiavam o voleibol feminino no Brasil em termos de equipes nacionais<sup>176</sup>, porém, em se tratando da seleção, mesmo fazendo as propagandas das empresas patrocinadoras, as atletas não recebiam pelo chamado direito de arena. Isto causou certo desconforto entre os empresários e as mesmas, pois, além de na maioria do tempo elas estarem envolvidas com a seleção, o que dificultava o calendário das competições nacionais, na seleção elas usavam uniforme com o nome de empresas que não as pagavam. A ex-atleta Maria Auxiliadora discorre sobre isto:

E aí começou a ter problemas também de a seleção usar um patrocinador, por exemplo, o *Banco do Brasil*, e o do clube ser o *Finasa*. Como é que fica isto? Né, usar tal camiseta na seleção, mas é o clube que paga o atleta o ano inteiro... então várias questões do profissionalismo começaram a ser discutidas. Até juridicamente, né, como é que isso se dá, “ah, põe tudo na carteira?” “não, não pode por na carteira porque não é profissional, então tem que ser uma parte na carteira, uma parte por fora como direito de imagem, direito de arena.” Tem isso também, que as televisões pagavam pros clubes e os clubes repassavam pras atletas. Porque os clubes começaram a pressionar a seleção, falaram “poxa, o atleta fica lá, nove meses na seleção e eu que estou pagando o salário dela”. Então quero ter o direito de fazer propaganda, quero ter o direito de estar com a atleta, então houve muito conflito...<sup>177</sup>

<sup>175</sup> As musas do vôlei contra-atacam. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 11 out. 1985.

<sup>176</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 14 (p. 149); Imagem 15 (p. 150); Imagem 16 (p. 151), Imagem 17 (p. 152); Imagem 18 (p. 153); Imagem 19 (p. 154); Imagem 20 (p. 155); Imagem 21 (p. 156).

<sup>177</sup> CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora. **Entrevista concedida à Tatiana Sviesk Moreira**. Curitiba, 21 maio. 2008.

Assim sendo, as primeiras características do profissionalismo geraram dúvidas no campo do voleibol, com a mídia já fazendo parte deste universo de disputa, a polêmica esteve presente nesta passagem do voleibol feminino, e as críticas e o debate ganharam espaço nos jornais que abordavam assuntos a ele relacionados.

Com a nova empreitada na busca por maior representatividade internacional, a seleção feminina juvenil<sup>178</sup> conquistou o quarto lugar no Mundial em 1985 ganhando de Cuba e sexto lugar na Copa do Japão. Nuzman comentou que o ano de 1985 foi um ano feminino para o voleibol brasileiro<sup>179</sup>. Na mesma reportagem, a *Revista Placar* publica: “Apesar da desistência de musas como Isabel e Vera Mossa, novas estrelas brilharam na Seleção em 1985.”

No ano de 1986, algumas reportagens indicaram a permanência das “Musas do Voleibol” no campo do voleibol. Interessante perceber que mesmo não estando em quadra, a permanência delas no campo se deu em função do sombreamento do campo midiático no campo esportivo. Isabel permaneceu no voleibol no início deste ano por ser focalizada pela mídia, pois, no final de sua gravidez, estava impossibilitada de jogar.

Clarificando a importância dessa criação de ídolos esportivos, durante Campeonato Brasileiro, realizado na cidade Rio de Janeiro no ano de 1986, saiu uma reportagem que enfatizou a presença de Isabel (no sétimo mês de gravidez), Jacqueline como comentarista da *Rede Manchete* e de Vera Mossa jogando grávida de quatro meses. Outro assunto abordado com ênfase na participação da “Musa do Vôlei” Vera Mossa foi a vitória da *Supergasbrás*<sup>180</sup>.

A estética atuou no voleibol em 1986, demonstrando que os agentes do campo interiorizaram as disposições para agir como produto da história objetivada deste campo. Isto também demonstrou que a mídia passou a fazer parte legitimamente do campo atuando como dominante. Após a vitória da *Supergasbrás* no Campeonato Brasileiro, foi publicada uma reportagem intitulada “A explosão de uma musa negra” que aponta a jogadora Eliane, na ocasião atacante da

<sup>178</sup> Cf. BANCO DE IMAGENS. Imagem 22 (p. 157).

<sup>179</sup> Um ano feminino. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 13 jan. 1986.

<sup>180</sup> O brilho da Supergasbrás. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 03 fev. 1986.

*Supergasbrás* como uma musa proveniente de uma classe econômica diferente das atletas que jogavam no momento de transição do amadorismo para a profissionalização<sup>181</sup>.

Unindo a potência muscular e o vigor de uma geração que cultua o corpo à ginga secular da mulata, a cortadora de 21 anos inaugura a entrada das estrelas negras no vôlei brasileiro, até então dominado por louras moças de classe média<sup>182</sup>.

Notamos que o voleibol feminino brasileiro quando, em sua essência, amador era praticado por mulheres de elevado capital econômico, pois essas necessitavam de tempo e local disponíveis para jogar já que o voleibol foi inserido no Brasil pelos clubes, caracterizando uma prática elitista.

Houve então certa mudança na lógica de funcionamento deste campo que, como pudemos observar, no ano de 1986 já era composto por agentes e instituições posicionados, bem como disposições para agir interiorizadas e objeto de disputa definido. Esta estruturação do campo do voleibol, feminino brasileiro delineou uma quebra de regularidade apontando para o que chamamos de profissionalização.

Neste contexto, jogar voleibol sob certas circunstâncias passou a ser encarado como principal atividade, como profissão. Este fato evidencia o *habitus* como sendo produto histórico das lutas travadas no campo, já que uma série de conflitos pelo poder foi instaurada na trajetória do voleibol feminino para que ele, de fato, sofresse alterações na sua lógica amadora profissionalizando-se. A profissionalização então se concretizou com a incorporação por parte dos agentes e instituições do voleibol feminino do *habitus* esportivo profissional.

No Mundial da Tchecoslováquia em 1986, a seleção feminina adulta conquistou a quinta colocação, melhor posicionamento nesta competição depois da quarta colocação em 1960. Deste saldo, obteve destaque na mídia o amadurecimento das atletas enquanto tais<sup>183</sup>, fator que comprova a existência do *habitus* esportivo apropriado ao longo da história própria do voleibol feminino brasileiro. Nesse contexto, a Federação Internacional de Voleibol anunciou que faria

<sup>181</sup> A explosão de uma musa negra. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1986.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> Uma brilhante volta por cima. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 22 set. 1986.

novas experiências em torno das regras para tornar o voleibol “mais atraente”. Essas alterações foram propostas e englobariam a diminuição do tempo das partidas<sup>184</sup>.

No final da década de 1980, o processo de profissionalização do Voleibol consolidou-se e apresentou as consequências advindas de uma ruptura no seu modelo de gerenciamento e participação. Nessa transição, evidenciou-se a fase embrionária da espetacularização do esporte e novas relações no campo esportivo. (MARCHI JR., 2004, p. 160)

Neste desfecho de uma história balizada pelas primeiras modificações existentes na estrutura do voleibol feminino brasileiro, algumas características são apontadas:

[...] equipes sendo extintas, jogadores com salários incompatíveis com a realidade de mercado, estruturas institucionais desprovidas de continuidade, campeonatos deficitários, enfadonhos e mal-organizados, redução de público nos ginásios, falta de resultados positivos internacionais e desinteresse empresarial pelo Voleibol, entre outros aspectos. (Idem)

Tratou-se de uma outra fase do trajeto do voleibol no Brasil, onde novas características se evidenciavam pela disputa pelo poder no campo e pregoavam novas necessidades para que o voleibol se desenvolvesse de acordo com a relação demanda e oferta.

---

<sup>184</sup> Uma brilhante volta por cima. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 22 set. 1986.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As modificações observadas na história objetivada da modalidade compreendendo este período de transição proposto pela presente dissertação caminharam na estruturação do relacionamento estabelecido entre o voleibol feminino, a televisão e as empresas.

Entendendo que cada uma dessas instituições, nas figuras de seus agentes envolvidos com o voleibol, é dotada de interesses específicos para com as atividades direcionadas a essa modalidade, é que efetuamos algumas considerações.

O voleibol essencialmente amador comportava uma estrutura onde a Confederação Brasileira de Voleibol se relacionava com os clubes e a verba destinada ao esporte advinha do Conselho Nacional de Desportos.

Algumas medidas como a importação de modelos técnicos e de gerenciamento do voleibol, efetivação de regulamentos e promoção de eventos esportivos, fizeram com que essa estrutura aos poucos fosse se modificando e assim, agregaram-se novas instituições e novos interesses em torno do voleibol.

Essa iniciativa de estruturar a modalidade foi viabilizada e advinda de pretensões pessoais e institucionais somadas às relações estabelecidas entre agentes sociais com interesses afins na disputa pelo poder no interior e entre os campos esportivo, midiático e empresarial.

Desta maneira, a CBV deu início à formação das equipes permanentes, com a concentração das atletas no casarão em Belo Horizonte no ano de 1977. A partir de então, os resultados apresentados pela equipe feminina nas competições internacionais acompanharam as estratégias de ascensão do voleibol feminino no Brasil.

O sétimo lugar no Mundial em Leningrado, em 1978, iniciou o trajeto abrindo frente para o selecionado feminino brasileiro ser convidado a participar de amistosos e assim angariar experiência internacional necessária para o colocar no páreo das competições mais expressivas.

A equipe feminina brasileira participou da primeira Olimpíada da sua história em Moscou, no ano de 1980, por ocasião do boicote político dos Estados Unidos.

Nesta competição não tinha maiores pretensões em termos de resultados em quadra.

Ressaltando a potencialidade do capital social, temos que Nuzman, Luciano do Valle e “Kiko” promoveram o Campeonato Sul-Americano no ano de 1981, na cidade de Santo André. O primeiro contato efetivo entre a televisão, as empresas e o voleibol no início da criação do marketing esportivo no Brasil ocorreu na organização deste evento.

Considerando a cobertura dos jogos pela *Rede Globo*, a viabilização do campeonato pela empresa de marketing *Novo Ciclo* e a vitória da seleção feminina quebrando a supremacia peruana de uma década neste campeonato, o voleibol feminino, antes mesmo do masculino entrou em evidência, começou a “existir” para o público brasileiro no cenário das práticas esportivas. Estabelece-se a relação entre voleibol, empresa e televisão com êxito e, percebemos a partir deste momento que as medidas passaram a ser tomadas com base numa equação mercadológica entre demanda e oferta.

No ano de 1982, já com a *Promoção*, agência formada por Luciano do Valle (que se transferiu para a *Rede Record* para angariar maior espaço para o esporte amador), “Kiko”, José Cocco e Nuzman, numa primeira atividade de marketing esportivo no país, a cidade de São Paulo é palco do Mundialito feminino de Voleibol.

Verificamos a operância de dois interesses distintos. Dentro da quadra, a comissão técnica previa preparar a equipe para o Campeonato Mundial, e fora da quadra, a equipe de marketing esportivo contratada pela CBV, a *Promoção*, pretendia confirmar se o público passou a assistir o voleibol feminino no Brasil, incentivando as empresas a investirem e tornando esta modalidade um produto em potencial a ser vendido.

Estratégias de marketing baseadas na leitura das necessidades inerentes ao esporte feminino no Brasil foram adotadas. Destacamos dentre elas, fundamentalmente a criação das “Musas do Voleibol” que teve como intuito agregar um poder distintivo ao voleibol feminino com base no julgamento de que as atletas de basquetebol e outras modalidades esportivas eram tidas como masculinizadas. A operacionalidade dessa estratégia de marketing pôde ser observada na preocupação com o fator estético por parte das atletas, que se produziam para os jogos e vestiam modelos de uniforme que realçavam a feminilidade - a se saber,

pensados pela equipe de marketing - quanto pelos narradores esportivos, que narravam os jogos enfatizando a beleza das mesmas.

O resultado em quadra da seleção feminina, ficando em segundo lugar no Mundialito de São Paulo em 1982 e vencendo equipes consideradas de primeira linha no cenário internacional, corroborou para a projeção das “Musas do Voleibol”. O voleibol feminino passou a assumir uma posição de prestígio dentre as modalidades femininas, pois a ele foi atribuído esse valor distintivo. Por conta do papel atribuído à estética feminina na sociedade e do interesse da mídia, esse valor permaneceu.

A visibilidade do voleibol atraiu o interesse das empresas que, no ano de 1983, passaram a patrocinar times femininos, como foi o caso da *Supergasbrás* e da *Pirelli*. Naquele momento, como as principais atletas brasileiras atuavam nos clubes recebendo uma pequena ajuda de custo, a inserção das empresas patrocinando times próprios gerou conflitos. Entendendo que a pretensão dos dominantes no campo era profissionalizar o voleibol, as empresas passaram a dominar o cenário dos times nacionais e a maioria dos clubes encerrou as atividades com o voleibol feminino. Visualizamos então novas características delineando a passagem do amadorismo para a profissionalização.

Porém, os resultados em quadra não caminhavam a favor do voleibol feminino. Entendendo como restrito o espaço reservado na mídia para tratar as modalidades esportivas que não o futebol e considerando a projeção da equipe masculina, que ganhou o Mundialito e se sagrou vice-campeão mundial na Argentina, o voleibol masculino garantiu a sua repercussão e visibilidade. Esta disputa pela inserção do “não-futebol” na mídia aconteceu pela própria lógica do universo midiático, que preconizava reportagens sobre o futebol em detrimento a outras modalidades, mas que, com a massificação do voleibol, passou a abordá-lo com prioridade no interior do pequeno espaço destinado ao então chamado “esporte amador”.

Após a Olimpíada de Los Angeles, para qual a seleção feminina somente se classificou em razão do boicote soviético (ficando com a oitava colocação), e, em detrimento ao time masculino que conquistou o segundo lugar e conseguiu a primeira medalha olímpica em esportes coletivos do Brasil, houve um momento de crise no voleibol feminino nacional.



A projeção do voleibol masculino na mídia se dava pelos resultados obtidos e a do feminino, em razão da beleza das jogadoras, das derrotas e das polêmicas existentes.

A polêmica tomou lugar central no voleibol feminino quando em fevereiro de 1985, as atletas negociavam as contratações pelos clubes e a ex-levantadora Jacqueline Silva pediu um valor que foi considerado inviável pelos clubes.

Jacqueline ficou desempregada e resolveu então justificar os motivos pelos quais achava justo ser valorizada no Brasil prestando declarações polêmicas que se tornavam alvo dos jornalistas, pois é claro o interesse midiático por temáticas que vendem e a atleta já tinha adquirido fama. Na ocasião, vários clubes encerraram as atividades com o voleibol, inclusive o Flamengo, que era o time pelo qual Jacqueline atuava.

Em 1985 houve uma renovação da seleção brasileira feminino que começou na mudança do técnico. Ênio Figueiredo foi substituído por Jorge Barros que, com um *status* garantido por ter feito parte da comissão técnica do time masculino, foi nomeado pela CBV como novo técnico.

Jacqueline foi desligada da seleção por conta das suas atitudes polêmicas, tenho como estopim o fato de vestir o uniforme com o nome do patrocinador pelo avesso em sinal de protesto por fazer propaganda e não receber para jogar. Isabel, Vera Mossa, Dulce e Sandra pediram dispensa da seleção por questões pessoais e um time mesclado por juvenis e adultas passou a representar o Brasil.

Para que o voleibol feminino retomasse a sua visibilidade, essa equipe adotou um discurso de profissionalismo, em algumas situações com algumas atletas recriminando a postura da geração anterior. Formava-se então uma imagem de atleta profissional que preconizava o voleibol como atividade prioritária, tendo como respaldo o trabalho do ex-integrante da comissão técnica na equipe masculina.

Percebemos então que, com a leitura dos agentes do campo do voleibol com relação às características buscadas pela mídia, uma postura de contenção foi adotada visando angariar a visibilidade novamente para a equipe feminina.

No cenário, houve uma proliferação de matérias abordando as diferenças entre as gerações do voleibol feminino. Algumas dessas reportagens até mesmo colocavam em choque direto as atletas das diferentes gerações. As jogadoras da nova geração manifestavam suas opiniões criticando a postura não profissional e descompromissada das chamadas “Musas do Voleibol”.

Apesar dos conflitos, o voleibol já tinha passado a ser a atividade principal dos envolvidos, as empresas já patrocinavam maciçamente os times e os participantes do campo do voleibol feminino já tinham incorporado o *habitus* profissional que decodificavam as estruturas do campo.

Em suma, basicamente duas tarefas nortearam a presente pesquisa. Uma delas foi a remontagem dos acontecimentos do período histórico de profissionalização do voleibol feminino brasileiro e a outra consistiu em, apropriados do referencial teórico-metodológico, analisarmos sociologicamente este período de ruptura com o amadorismo e passagem para o profissionalismo.

No desenvolver dessas tarefas pudemos evidenciar a maneira como o resgate histórico e a análise sociológica se embricaram apontando para o delineamento das características estabelecidas no campo durante o processo de profissionalização do voleibol feminino brasileiro. Em específico: com o levantamento histórico, visualizamos o campo, seus agentes e instituições. Utilizando-nos da metáfora do “quebra-cabeças”, podemos dizer que teríamos, através desta etapa de trabalho, o desenho final do mesmo. Aplicando o instrumento sociológico de análise, evidenciamos as disputas pelo poder travadas no interior deste campo, essas foram responsáveis pelo curso tomado durante a profissionalização. Isto é, a abordagem sociológica nos revelou os encaixes das peças na montagem deste “quebra-cabeças”.

Assim, evidenciamos a complexidade inscrita na história de um processo social que foi constituída e constituinte de um emaranhado de relações de poder estruturantes do campo do voleibol. Visualizamos a rede de relacionamentos gradativamente se alargando (com a inserção da mídia e das empresas), o que tornou mais complexa a estrutura do campo, dinamizando a posse e a estrutura do poder.

Detectamos os elementos de composição do campo dentre os quais podemos destacar a inserção dos agentes e instituições, a definição do objeto de disputa deste espaço e a incorporação de um *habitus*. Identificamos o *habitus* como um produto das lutas históricas da modalidade incorporado. E sendo esta história relativamente autônoma, verificamos na prática dos agentes do campo do voleibol uma espécie de decodificação, o que, de certa maneira, delimitou e legitimou o campo no período abordado pela pesquisa.

Em analisando este processo de transição, identificamos a lógica que movimentou as ações nos diferentes contextos que permearam a história da profissionalização do voleibol feminino no Brasil. Verificamos também que as alterações seguiram uma ordem cronológica e sociológica de acontecimentos demandada por sua história própria e construída pelos agentes integrantes deste universo de disputas.

Ao conduzirmos a historicidade delimitando os estágios de estruturação do campo do voleibol feminino, visualizamos a distribuição do poder em escalas hierárquicas e a constante possibilidade de oscilação desses potenciais de acordo com as características das relações sociais instauradas no interior do campo.

Esta dinâmica do poder implicou na adoção de estratégias de permanência, por parte dos dominantes, e em estratégias de ascensão para os dominados, isto de acordo com a leitura que esses agentes e instituições tinham do campo no qual estavam inseridos.

Desta maneira, os agentes e instituições inseridos no campo do voleibol travaram disputas e buscaram legitimidade neste universo de distinção social, produzindo relações de oposição, mas também de certa cumplicidade necessária para os tornarem pertencentes ao espaço do voleibol.

Para finalizar, percebemos que, com a inserção de agentes dos campos midiático e empresarial, houve também a inserção da lógica desses campos no âmbito do voleibol feminino, o que certamente modificou a sua estrutura o transformando em produto, ou seja, a lógica do profissionalismo do voleibol feminino brasileiro foi guiada por características essencialmente mercadológicas e obedeceu a relação criativa e criadora entre oferta e demanda.

Certamente o assunto não se encontra encerrado. Várias são as temáticas e novas perspectivas possíveis observadas no desenrolar da presente pesquisa que são pouco ou ainda não exploradas. Tais quais: a continuação do trajeto percorrido pelo voleibol feminino brasileiro nacional após a sua profissionalização, os novos jogos do poder instaurados e as estratégias adotadas para que o mesmo permaneça em evidência no campo esportivo brasileiro, a estrutura de investimento das empresas financiadoras das equipes de voleibol feminino brasileiras, dentre outros dos possíveis desdobramentos.

Percebemos também a necessidade de realização de estudos comparativos entre as características de gerenciamento do voleibol e outras modalidades

esportivas que ainda não se consolidaram economicamente no país, bem como, da estrutura do voleibol brasileiro em comparação a de outros países.

Atentamos ainda para a relevância da realização de estudos que correlacionem o campo midiático e esportivo brasileiros, colocando em paralelo a trajetória de ambos e elucidando os momentos e casos onde existiram intersecções, sobreposições e distanciamentos.

À guisa de conclusão da presente pesquisa, acreditamos ter possibilitado a construção de uma visão ampla que auxiliou na desmistificação e na explicitação da realidade de uma modalidade esportiva, a saber, um dos principais objetivos da Sociologia do Esporte.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Gilmar Francisco. **Voleibol de praia: uma análise sociológica da história da modalidade (1985 – 2003)**. Curitiba, 2004, 233 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física - Universidade Federal do Paraná.

ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. Os limites da auto-análise. In: **Revista de Sociologia e Política**. nº 26. 2006

BIZZOCCHI, Carlos. **O voleibol de alto-nível: da iniciação à competição**. Barueri: Manole, 2004. 2 ed.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. **Ensinando Voleibol**. Guarulhos: Phorte, 1999.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997b.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b. 2 ed.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras – Portugal: Celta, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

CARNELOÇO, Marco Antônio. **Manual de voleibol**. Araçatuba: Leme, s.d.

CARVALHO, Oto Morávia de. **Caderno técnico-didático; voleibol moderno; o ensino e a técnica dos fundamentos – a tática de ataque e de defesa**. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Física e Desportos, Departamento de Documentação e Divulgação. 1980.

CATANI, Afrânio Mendes. Pierre Bourdieu e a formulação de uma teoria social que procura revelar os fundamentos ocultos da dominação. In: Bruhns, H. T. E Gutierrez, G. L. (org). **O corpo e o lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2000.

CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). In: **Educação & Sociedade**. Vol. 23, nº 78. Campinas, Abril de 2002.

DAIUTO, Moacyr. **Volibol**. São Paulo: Cia Brasil, 1967.

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense. 1990.

LOYOLA, Maria Andréa (org). **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MARCHI JR., Wanderley. Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do voleibol. In: **Conexões**. Revista da faculdade de educação física da UNICAMP. Campinas, v.0, n. 4, 2000.

MARCHI JR., Wanderley. **Sacando o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970–2000)**. Campinas, 2001, 235 f. Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

MARCHI JR., Wanderley. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, R. e LUCENA, M. **Esporte – História e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCHI JR., Wanderley. **Sacando o Voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MATTOS, Mauro Gomes de; ROSSETO JR., Armando José; BLENCHER, Shelly. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**. São Paulo: Phorte, 2004.

MOREIRA, Tatiana Sviesk. **Jack e o vôlei: uma atleta rebelde no campo esportivo brasileiro**. In: XXV Congreso de la asociación latinoamericana de sociología. CR-ROM: ANAIS-GT 25: Sociología del deporte y esparcimiento. Porto Alegre/ RS/ Brasil: 2005.v.1.

NOGUEIRA, Armando. **O canto dos meus amores**. Rio de Janeiro: Dunya, 1998.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu - Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

PILATTI, Luiz Alberto. **Metodologia das pesquisas em história do esporte e da Educação Física**. In: IV Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física (4.: 1996: Belo Horizonte) Coletânea. UFMG, Escola de Educação Física Centro de Estudos do Lazer e da Recreação, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Alessandra Elisangela da. **Sprint – Body Science**. Setembro/Outubro, 2004. O processo de transformação do voleibol amador e profissional na CBV.

SILVA, Jacqueline Louise. **Jackie do Brasil - Autobiografia de uma jogadora não autorizada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALPORTO, Oscar. **Vôlei no Brasil – uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

WACQUANT, Loïc. “Bourdieu in América: Notes on the transatlantic importation of social theory”. In CALHOUN, Craig; LIPUMA, Edward; Postone, Moishe (Orgs.), **Bourdieu: Critical perspectives**, Cambridge: Polity Press, 1993, p. 235-262.

### **REPORTAGENS EM REVISTAS:**

A bela Isabel, boa de bola. **Revista Veja**. São Paulo, 15 set. 1982.

A explosão de uma musa negra. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1986.

A estrela ficou só. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 15 mar. 1985.

A garra das feras. **Revista Saque**. São Paulo, nº2. 1985.

A virtude das moças é a consciência. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 out. 1985.

As meninas vão à luta. **Revista Saque**. São Paulo, nº 4. out. 1985.

As musas do vôlei contra-atacam. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 11 out. 1985.

Campeãs do charme, campeões da garra. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1984.

Com licença, senhores. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 27 mai. 1984.

Deu a lógica. **Revista Veja**. São Paulo, 22 set. 1982.

É, existe uma diferença. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 10 fev. 1984.



Eis a moça Vera Mossa. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro. 30 mar. 1985.

Entrevista com Luciano do Valle. **Revista Saque**. São Paulo, nº3, 1985.

Elas querem ser campeãs olímpicas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 19 set. 1978.

Luciano do Vôlei. **Revista Veja**. São Paulo, 3 ago. 1983.

Na casa do futebol. **Revista Veja**. São Paulo, 3 ago. 1983.

Nos embalos de Doris Day. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1985.

Nossas moças em Leningrado. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1978.

Obrigado, meninas. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1981.

O brilho da Supergasbrás. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 03 fev. 1986.

O duro teste começa. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1984.

O julgamento de Jacqueline. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1985.

O pai da matéria. **Revista Saque**. São Paulo, nº1, 1985.

Os amores de Vera. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 02 nov. 1984.

**Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Jan/mar. 1982.

Saque decisivo. Supergasbrás forma time de vôlei milionário. **Revista Veja**. São Paulo, 23 fev. 1983.

Teste para Los Angeles. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 25 mai. 1984.

Tranquilidade garantida. **Revista Veja**. São Paulo, 23 fev. 1983.

Um ano feminino. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 13 jan. 1986.

Um lento progresso. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 01 jun. 1984.

Visão Curta. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 05 mai. 1986.

Uma brilhante volta por cima. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 22 set. 1986.

Vôlei, suor e lágrimas. **Revista Saque**. São Paulo, nº 6, 1985.

Volibol e atletismo. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/mar 1983.

Volibol: Brasil é campeão. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Jul/set. 1981.

Vôlei. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 05 dez. 1978.

Vôlei feminino: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, Out/dez 1981.

## **REPORTAGENS EM JORNAIS:**

Agora Isabel não mistura as coisas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1982.

Brasil cansa no final e a Coréia vence. **O Globo**. 16 set. 1982.

Brasil estréia: Argentina. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 28 ago. 1982.

Brasil X Peru. Hoje, o clássico da América do Sul. **O Globo**. 20 set. 1982.

Escolha do técnico da Seleção: até aqui a política interfere. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 16 set. 1984.

Ênio quer boa atuação, mas não exige vitória. **O Globo**. 18 set. 1982.

Feminino do Brasil é campeão na Holanda. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 dez. 1979.

Ficar entre os sete, a meta para o Brasil. **Jornal Gazeta Esportiva**. São Paulo, 25 ago. 1982.

Isabel – A grande estrela do vôlei leva uma vida caseira e pacata. **Jornal do Brasil**. Revista de Domingo. Rio de Janeiro, 1983.

Heloísa Roese ficou famosa e agora dá aula em dois clubes. **Correio do Povo**. 24 jan. 1982.

Jogadoras apontam um substituto para Ênio. **Jornal Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 16 set. 1984.

**Jornal O Globo**, 16-11-1981.

Marta, a sexta titular da seleção de vôlei. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 ago. 1982.

Nosso vôlei, a dois dias do Mundialito feminino. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 26 ago. 1982.

O Brasil volta a jogar mal na vitória de 3X1. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 set. 1982.

O sucesso do vôlei no Brasil. **Jornal Diário Popular**. São Paulo, 30 ago. 1982.

Os objetivos de Ênio no Peru. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 4 set. 1982.  
Seleção brasileira vai à Europa e tenta melhorar o nível. **Jornal Zero Hora Esportes**. Porto Alegre, 9 ago. 1978.

Seleção do Paulistano joga Mundialito no lugar do México. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 ago. 1982.

Seleção é recebida com festas e flores em Arequipa. **O Globo**. Rio de Janeiro, s/d.

Seleção feminina. **Jornal do Voleibol**. Rio de Janeiro, jul. 1983.

Seleção treina saque para enfrentar o Japão. **O Globo**. Rio de Janeiro, s/d.

Treinos deixam vôlei animado para a estréia. **Jornal do Brasil**. Rio/Sp, 27 ago. 1982.

Um vôlei de estrelas e contradições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 mai. 1985.

Uma vitória que trás confiança para o futuro. **Jornal do Voleibol**. Rio de Janeiro. Julho de 1983.

Vôlei: as soviéticas já vieram para o Mundialito. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 ago. 1982.

Vôlei feminino estréia na Holanda. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 dez. 1979.

Vôlei feminino joga o futuro no Mundialito. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 ago. 1982.

Vôlei feminino: Mundialito começa hoje à noite. **Jornal Folha da Tarde**. São Paulo, 28 ago. 1982.

Vôlei feminino: no Ibirapuera, ensaio para o Mundial. **Jornal Estado de São Paulo**. São Paulo, 23 ago. 1982.

Vôlei tenta primeira vitória sobre EUA no último de seis jogos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 mar. 1979.

## PÁGINAS ELETRÔNICAS:

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. <<http://www.ifcs.ufrj.br/~ppjhis/pdf/topoi4a5.pdf>> Acesso em 20 de novembro de 2008.

<<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL948792-10406,00-TECNICO+ESTUDA+O+ESTADO+EMOCIONAL+DAS+JOGADORAS+DE+VOLEI.html>> Acesso em 7 fev. 2009.

<<http://www.ocaixa.com.br/passos/passos3.htm>> Acesso em 15 maio 2009.

<<http://www.portaldobrasil.net/salariominimo.htm>> Acesso em 21 maio 2009.

<[http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent\\_rui-campos.htm](http://www.volei.org.com.br/cbv/batebola/index.asp?m=ent_rui-campos.htm)> Acesso em 14 jul. 2005.

PILATTI, Luiz Alberto. **Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno.** Disponível em: <[www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm](http://www.efdeportes.com/edf97/bourdieu.htm)> Acesso em 16 de outubro de 2006.

## **ENTREVISTAS:**

CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Curitiba, 21 mai. 2008.

COCCO, José. **Entrevista Concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** São Paulo, 9 dez. 2008.

MIRÁS, Denise. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** São Paulo, 8 dez. 2008.

ROESE, Heloísa. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** Estância Velha, 17 mai. 2008.

STYCER, Maurício José. **Entrevista concedida a Tatiana Sviesk Moreira.** São Paulo, 9 dez. 2008.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistemas de Bibliotecas. **Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. (Normas para apresentação de trabalhos científicos, 2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistemas de Bibliotecas. **Citações e notas de rodapé.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. (Normas para apresentação de trabalhos científicos, 3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistemas de Bibliotecas. **Referências.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. (Normas para apresentação de trabalhos científicos, 4)

## **APÊNDICES**



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



## APÊNDICE 1

Cara Heloísa Roesse

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: “O voleibol feminino no Brasil: entre o amadorismo e a profissionalização.” Esta que será apresentada como dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, linha Sociologia do Esporte, no ano de 2009 pela professora Tatiana Sviesk Moreira sob orientação do professor doutor Wanderley Marchi Júnior.

Tal pesquisa tem como objetivo entender como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil e você, enquanto agente neste processo, será uma das pessoas entrevistadas para falar de suas experiências neste contexto.

Julgamos relevante este tipo de pesquisa no âmbito da Sociologia do Esporte, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a trajetória do voleibol feminino no Brasil, este que, na atualidade se encontra em evidência, mas que em teve sua história um desenvolvimento ímpar e que merece atenção.

Neste sentido, os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados de bibliografias que tratam sobre o assunto, material jornalístico do período estipulado para análise e entrevistas com pessoas que participaram ativamente deste processo, sendo que esta última tem como objetivo principal oferecer a perspectiva destes agentes sobre a temática deste estudo.

As entrevistas serão gravadas para que possam ser transcritas, sendo que a pesquisadora responsável se compromete a arquivar o material no Centro de pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, após a utilização do mesmo.

Todas as mudanças que, por ventura, vierem a acontecer durante o andamento da pesquisa, serão informadas, com o intuito de preservar a sua imagem e prevenir possíveis aborrecimentos.





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



Reservamos aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa se assim julgarem por qualquer que seja o motivo sem que haja constrangimentos.

Eu, Heloísa Roese, ciente de que as informações utilizadas da minha fala serão articuladas com as dos outros entrevistados e de jornais e revistas da época, assino este documento que torna possível a minha entrada como um dos sujeitos participantes deste estudo.

Assim que apurados, os resultados da pesquisa serão a mim passados para que eu possa dar meu parecer sobre estes.

Assinatura do participante  
(Heloísa Roese)

Assinatura da pesquisadora responsável  
(Tatiana Sviesk Moreira)

Contatos para maiores esclarecimentos:

Telefone: (41) 88117919

E-mail: tatisviesk@hotmail.com



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



## APÊNDICE 2

Cara Maria Auxiliadora

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: “O voleibol feminino no Brasil: entre o amadorismo e a profissionalização.” Esta que será apresentada como dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, linha Sociologia do Esporte, no ano de 2009 pela professora Tatiana Sviesk Moreira sob orientação do professor doutor Wanderley Marchi Júnior.

Tal pesquisa tem como objetivo entender como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil e você, enquanto agente neste processo, será uma das pessoas entrevistadas para falar de suas experiências neste contexto.

Julgamos relevante este tipo de pesquisa no âmbito da Sociologia do Esporte, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a trajetória do voleibol feminino no Brasil, este que, na atualidade se encontra em evidência, mas que em teve sua história um desenvolvimento ímpar e que merece atenção.

Neste sentido, os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados de bibliografias que tratam sobre o assunto, material jornalístico do período estipulado para análise e entrevistas com pessoas que participaram ativamente deste processo, sendo que esta última tem como objetivo principal oferecer a perspectiva destes agentes sobre a temática deste estudo.

As entrevistas serão gravadas para que possam ser transcritas, sendo que a pesquisadora responsável se compromete a arquivar o material no Centro de pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, após a utilização do mesmo.

Todas as mudanças que, por ventura, vierem a acontecer durante o andamento da pesquisa, serão informadas, com o intuito de preservar a sua imagem e prevenir possíveis aborrecimentos.



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



Reservamos aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa se assim julgarem por qualquer que seja o motivo sem que haja constrangimentos.

Eu, Maria Auxiliadora, ciente de que as informações utilizadas da minha fala serão articuladas com as dos outros entrevistados e de jornais e revistas da época, assino este documento que torna possível a minha entrada como um dos sujeitos participantes deste estudo.

Assim que apurados, os resultados da pesquisa serão a mim passados para que eu possa dar meu parecer sobre estes.

Assinatura do participante  
(Maria Auxiliadora Castanheira)

Assinatura da pesquisadora responsável  
(Tatiana Sviesk Moreira)

Contatos para maiores esclarecimentos:

Telefone: (41) 88117919

E-mail: tatisviesk@hotmail.com



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



### APÊNDICE 3

Cara Denise Mirás

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: “O voleibol feminino no Brasil: entre o amadorismo e a profissionalização.” Esta que será apresentada como dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, linha Sociologia do Esporte, no ano de 2009 pela professora Tatiana Sviesk Moreira sob orientação do professor doutor Wanderley Marchi Júnior.

Tal pesquisa tem como objetivo entender como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil e você, enquanto agente neste processo, será uma das pessoas entrevistadas para falar de suas experiências neste contexto.

Julgamos relevante este tipo de pesquisa no âmbito da Sociologia do Esporte, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a trajetória do voleibol feminino no Brasil, este que, na atualidade se encontra em evidência, mas que em teve sua história um desenvolvimento ímpar e que merece atenção.

Neste sentido, os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados de bibliografias que tratam sobre o assunto, material jornalístico do período estipulado para análise e entrevistas com pessoas que participaram ativamente deste processo, sendo que esta última tem como objetivo principal oferecer a perspectiva destes agentes sobre a temática deste estudo.

As entrevistas serão gravadas para que possam ser transcritas, sendo que a pesquisadora responsável se compromete a arquivar o material no Centro de pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, após a utilização do mesmo.

Todas as mudanças que, por ventura, vierem a acontecer durante o andamento da pesquisa, serão informadas, com o intuito de preservar a sua imagem e prevenir possíveis aborrecimentos.



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



Reservamos aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa se assim julgarem por qualquer que seja o motivo sem que haja constrangimentos.

Eu, Denise Mirás, ciente de que as informações utilizadas da minha fala serão articuladas com as dos outros entrevistados e de jornais e revistas da época, assino este documento que torna possível a minha entrada como um dos sujeitos participantes deste estudo.

Assim que apurados, os resultados da pesquisa serão a mim passados para que eu possa dar meu parecer sobre estes.

Assinatura do participante  
(Denise Mirás)

Assinatura da pesquisadora responsável  
(Tatiana Sviesk Moreira)

Contatos para maiores esclarecimentos:

Telefone: (41) 88117919

E-mail: tatisviesk@hotmail.com



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



## APÊNDICE 4

Caro Maurício José Stycer

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada: “O voleibol feminino no Brasil: entre o amadorismo e a profissionalização.” Esta que será apresentada como dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, linha Sociologia do Esporte, no ano de 2009 pela professora Tatiana Sviesk Moreira sob orientação do professor doutor Wanderley Marchi Júnior.

Tal pesquisa tem como objetivo entender como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil e você, enquanto agente neste processo, será uma das pessoas entrevistadas para falar de suas experiências neste contexto.

Julgamos relevante este tipo de pesquisa no âmbito da Sociologia do Esporte, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a trajetória do voleibol feminino no Brasil, este que, na atualidade se encontra em evidência, mas que em teve sua história um desenvolvimento ímpar e que merece atenção.

Neste sentido, os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados de bibliografias que tratam sobre o assunto, material jornalístico do período estipulado para análise e entrevistas com pessoas que participaram ativamente deste processo, sendo que esta última tem como objetivo principal oferecer a perspectiva destes agentes sobre a temática deste estudo.

As entrevistas serão gravadas para que possam ser transcritas, sendo que a pesquisadora responsável se compromete a arquivar o material no Centro de pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, após a utilização do mesmo.

Todas as mudanças que, por ventura, vierem a acontecer durante o andamento da pesquisa, serão informadas, com o intuito de preservar a sua imagem e prevenir possíveis aborrecimentos.



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



Reservamos aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa se assim julgarem por qualquer que seja o motivo sem que haja constrangimentos.

Eu, Maurício José Stycer, ciente de que as informações utilizadas da minha fala serão articuladas com as dos outros entrevistados e de jornais e revistas da época, assino este documento que torna possível a minha entrada como um dos sujeitos participantes deste estudo.

Assim que apurados, os resultados da pesquisa serão a mim passados para que eu possa dar meu parecer sobre estes.

Assinatura do participante  
(Maurício José Stycer)

Assinatura da pesquisadora responsável  
(Tatiana Sviesk Moreira)

Contatos para maiores esclarecimentos:

Telefone: (41) 88117919

E-mail: tatisviesk@hotmail.com





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa



## APÊNDICE 5

Caro José Cocco

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada: “O voleibol feminino no Brasil: entre o amadorismo e a profissionalização.” Esta que será apresentada como dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, linha Sociologia do Esporte, no ano de 2009 pela professora Tatiana Sviesk Moreira sob orientação do professor doutor Wanderley Marchi Júnior.

Tal pesquisa tem como objetivo entender como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol feminino no Brasil e você, enquanto agente neste processo, será uma das pessoas entrevistadas para falar de suas experiências neste contexto.

Julgamos relevante este tipo de pesquisa no âmbito da Sociologia do Esporte, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a trajetória do voleibol feminino no Brasil, este que, na atualidade se encontra em evidência, mas que em teve sua história um desenvolvimento ímpar e que merece atenção.

Neste sentido, os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados de bibliografias que tratam sobre o assunto, material jornalístico do período estipulado para análise e entrevistas com pessoas que participaram ativamente deste processo, sendo que esta última tem como objetivo principal oferecer a perspectiva destes agentes sobre a temática deste estudo.

As entrevistas serão gravadas para que possam ser transcritas, sendo que a pesquisadora responsável se compromete a arquivar o material no Centro de pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, após a utilização do mesmo.

Todas as mudanças que, por ventura, vierem a acontecer durante o andamento da pesquisa, serão informadas, com o intuito de preservar a sua imagem e prevenir possíveis aborrecimentos.





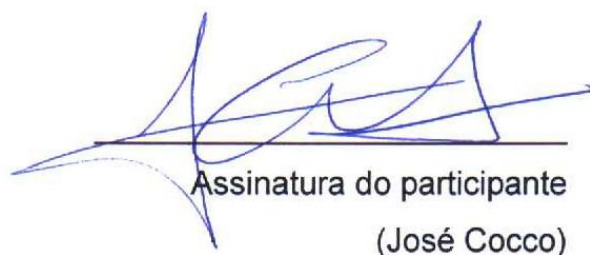
Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Comitê Setorial de Ética em Pesquisa




Reservamos aos participantes o direito de se retirarem da pesquisa se assim julgarem por qualquer que seja o motivo sem que haja constrangimentos.

Eu, José Cocco, ciente de que as informações utilizadas da minha fala serão articuladas com as dos outros entrevistados e de jornais e revistas da época, assino este documento que torna possível a minha entrada como um dos sujeitos participantes deste estudo.

Assim que apurados, os resultados da pesquisa serão a mim passados para que eu possa dar meu parecer sobre estes.



Assinatura do participante  
(José Cocco)



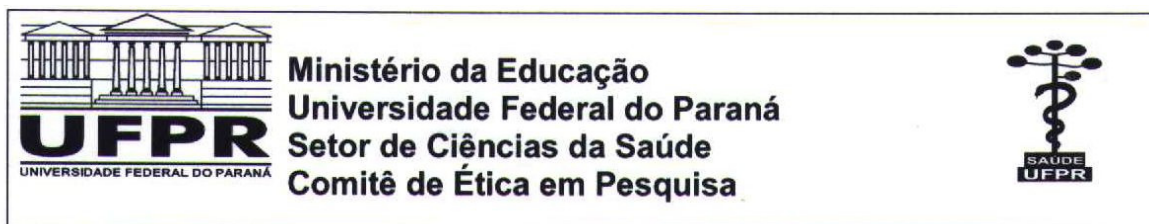
Assinatura da pesquisadora responsável  
(Tatiana Sviesk Moreira)

Contatos para maiores esclarecimentos:

Telefone: (41) 88117919

E-mail: tatisviesk@hotmail.com

## **ANEXO**



Curitiba, 06 de maio de 2008.

Ilmo (a) Sr. (a)  
**Tatiana Sviesk Moreira**  
**Nesta**

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos que o Projeto de Pesquisa intitulado **“Estruturas de profissionalização do voleibol feminino no Brasil - 1970 a 1990”** está de acordo com as normas éticas estabelecidas pela Resolução CNS 196/96, foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, em reunião realizada no dia 12 de dezembro de 2007 e apresentou pendência(s). Pendência(s) apresentada(s), documento(s) analisado(s) e projeto aprovado em 25 de abril de 2008.

Registro **CEP/SD**: 458.138.07.12      **CAAE**: 0091.0.091.000-07

**Conforme a Resolução CNS 196/96, solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.**

**Data para entrega do relatório final ou parcial: 25/10/2008.**

Atenciosamente

**Profª. Dra. Liliana Maria Labronici**  
Coordenadora do Comitê de Ética em  
Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde

Profª. Dra. Liliana Maria Labronici  
Coordenadora do Comitê de Ética  
em Pesquisa - SD/UFPR

**BANCO DE IMAGENS**



Imagem 1: Delegação brasileira – Campeonato Mundial de Leningrado. (Nossas Moças em Leningrado. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1978.)





Imagem 2: Treino para o Campeonato Mundial de Leningrado. (Nossas moças em Leningrado. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1978.)

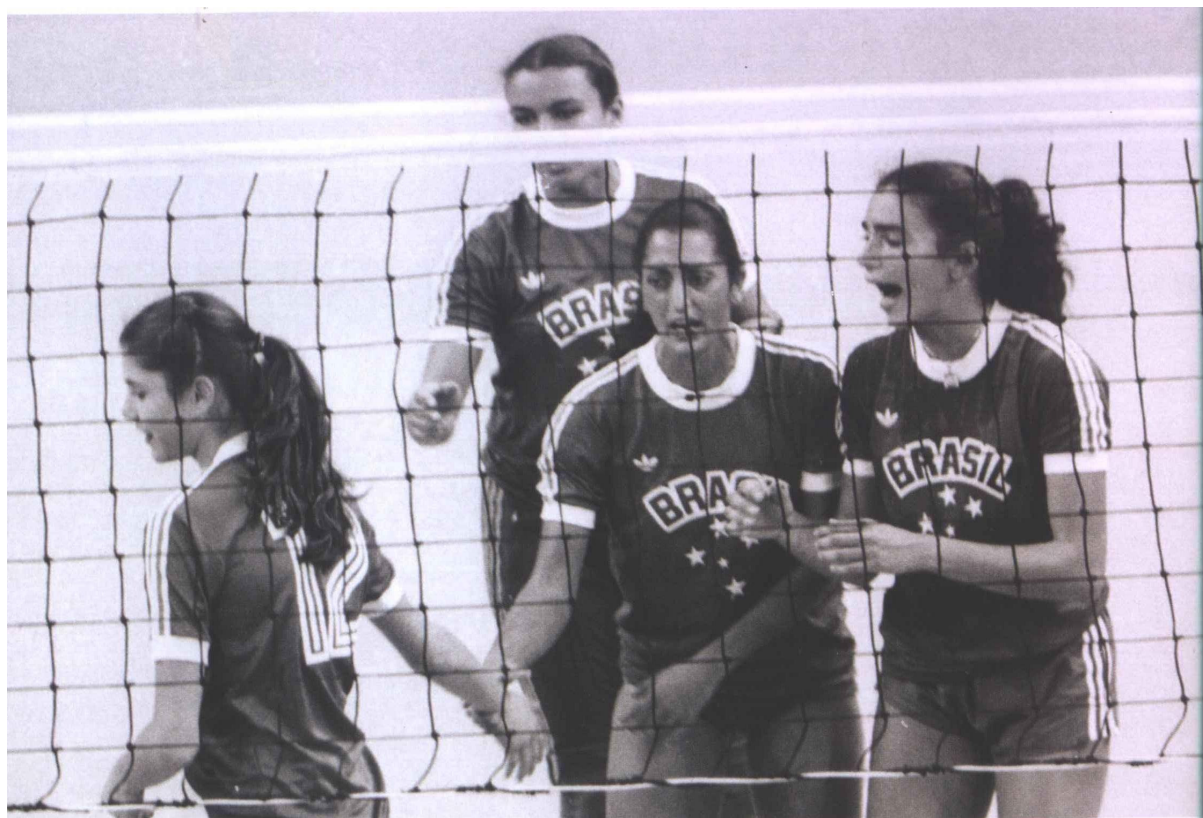


Imagem 3: Jogos Olímpicos de Moscou – primeira participação do voleibol feminino brasileiro em uma Olimpíada. (VALPORTO, 2007, p. 70)





Imagem 4: Campeonato Sul-Americano de Santo André. Vitória do jogo final contra a seleção peruana. (VALPORTO, 2007, p.72)





Mais um ponto, mais um set. E toda a alegria de Fernanda (6), acima e abaixo, Célia (10) e Heloisa.

## Sul-Americano de vôlei

# OBRIGADO, MENINAS

As peruanas reinavam absolutas há 11 anos no vôlei feminino Sul-Americano. Mas, no sábado, elas foram destronadas pelas brasileiras, que numa emocionante e dramática virada conseguiram derrotá-las por 3 a 2, sagrando-se campeãs.



Imagem 5: Campeonato Sul –Americano de Santo André. (Obrigado, meninas. **Revista Placar**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1981.)

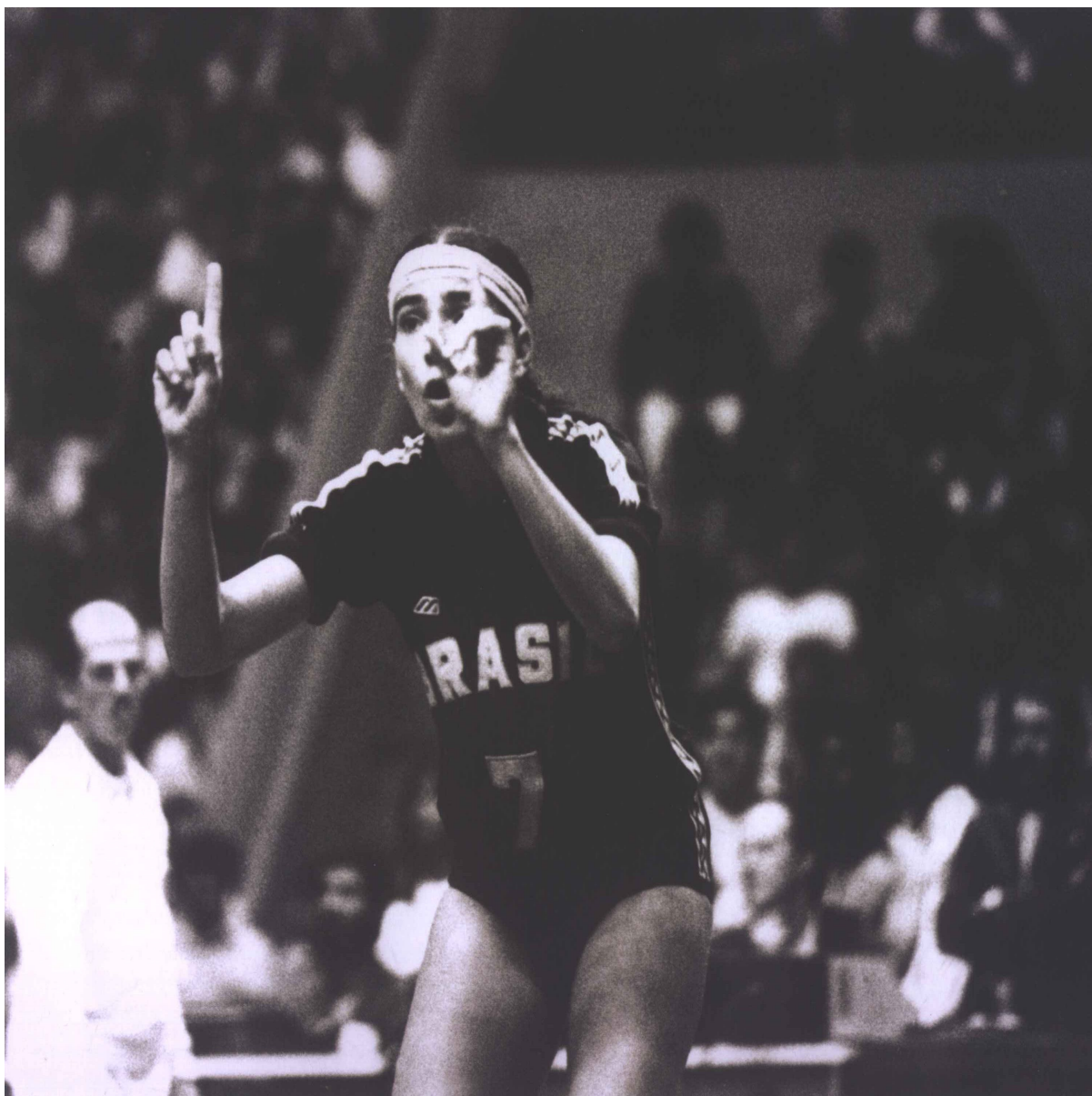


Imagem 6: A jogadora Maria Isabel Barroso Salgado Alencar fotografada durante o Mundialito sediado no Brasil em 1982. (VALPORTO, 2007, p. 69)



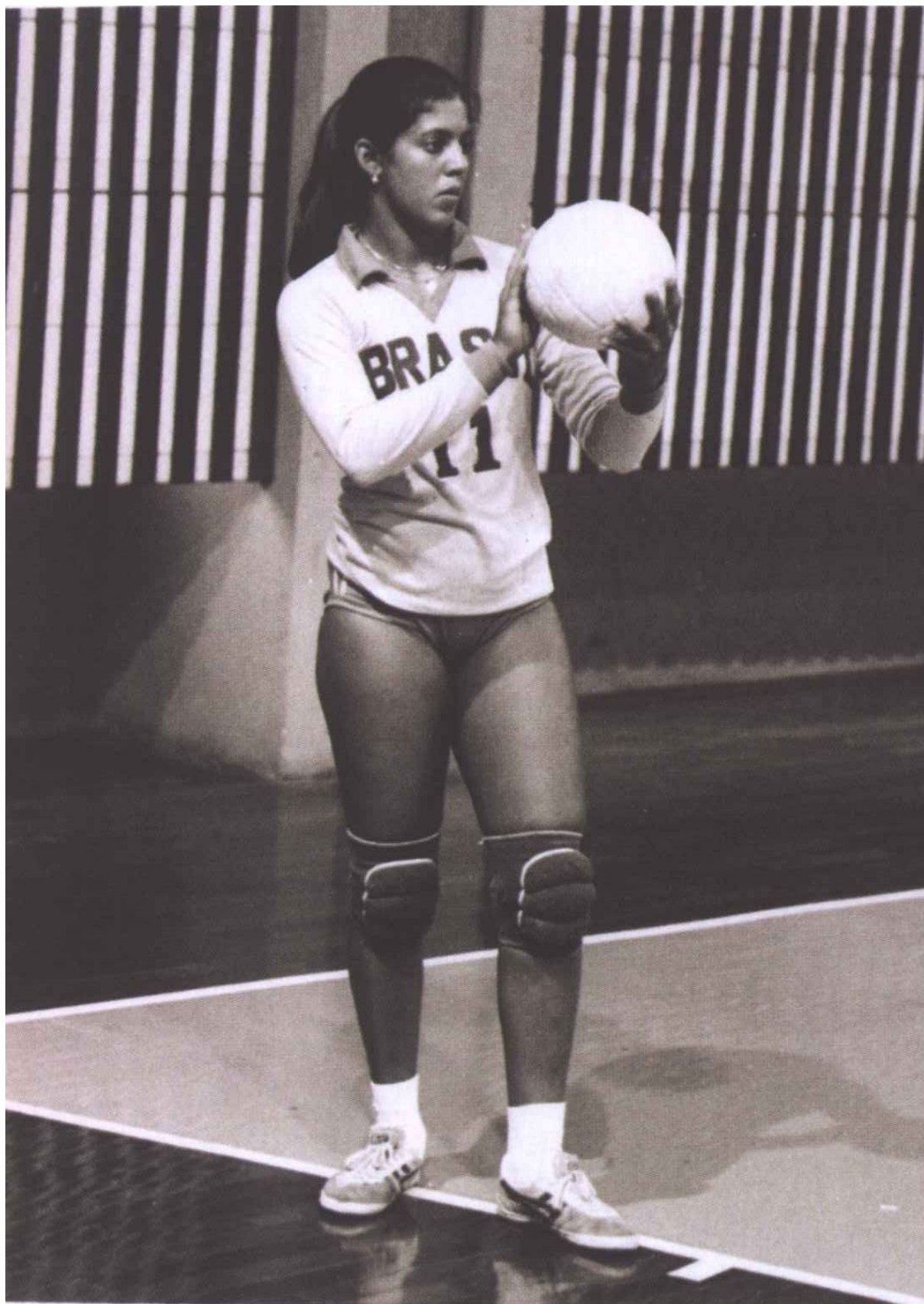


Imagem 7: Jogadora Jacqueline Louise Cruz Silva, com 20 anos de idade e integrando a Seleção Brasileira. (VALPORTO, 2007, p. 71)

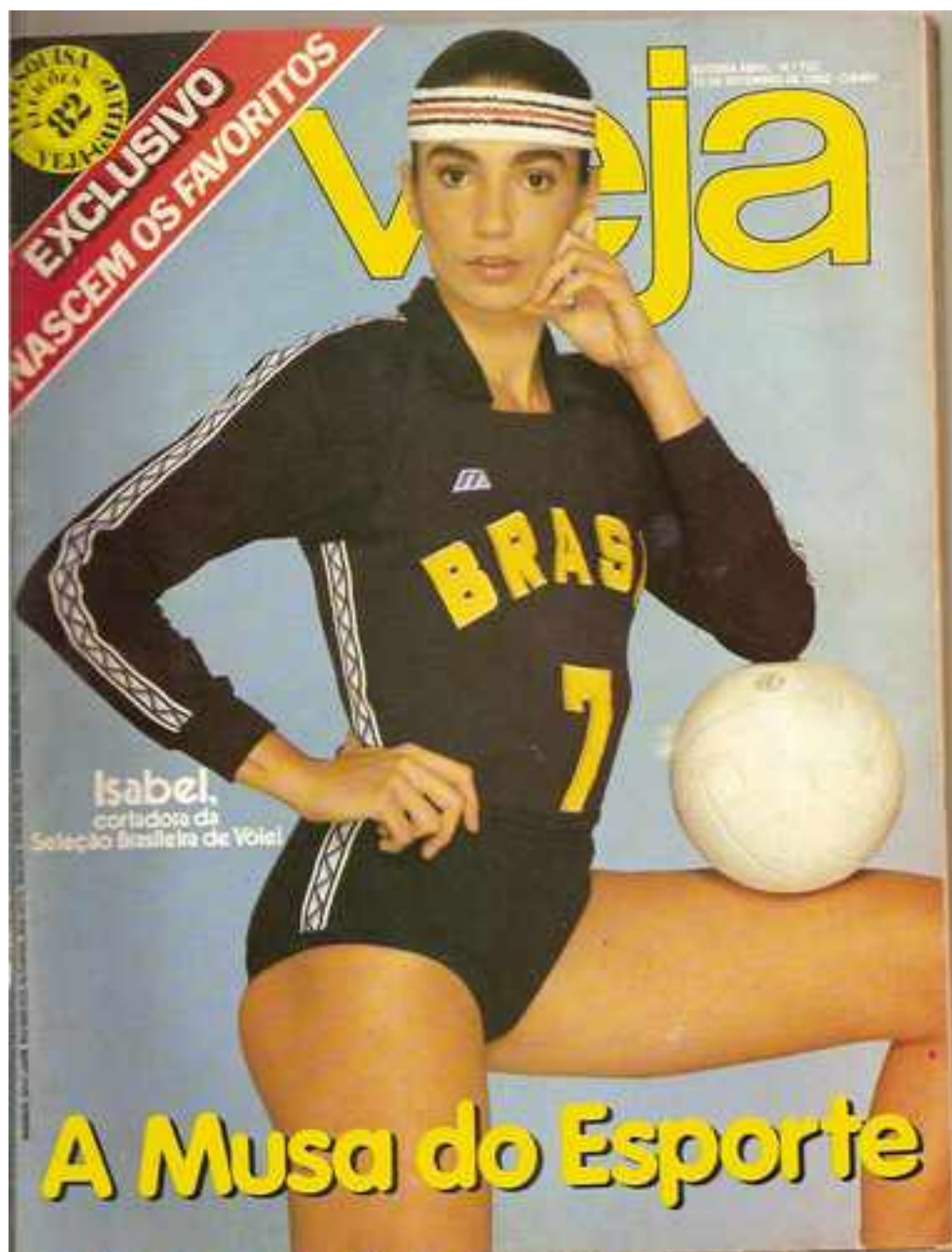


Imagem 8: Após o Mundialito realizado na capital paulista, a reportagem de Isabel na Revista Veja (A bela Isabel, boa de bola. **Revista Veja**. São Paulo, 15 set. 1982).





Imagem 9: Vera Mossa: desde os 15 anos de idade representou a seleção brasileira. (VALPORTO, 2007, p. 74)



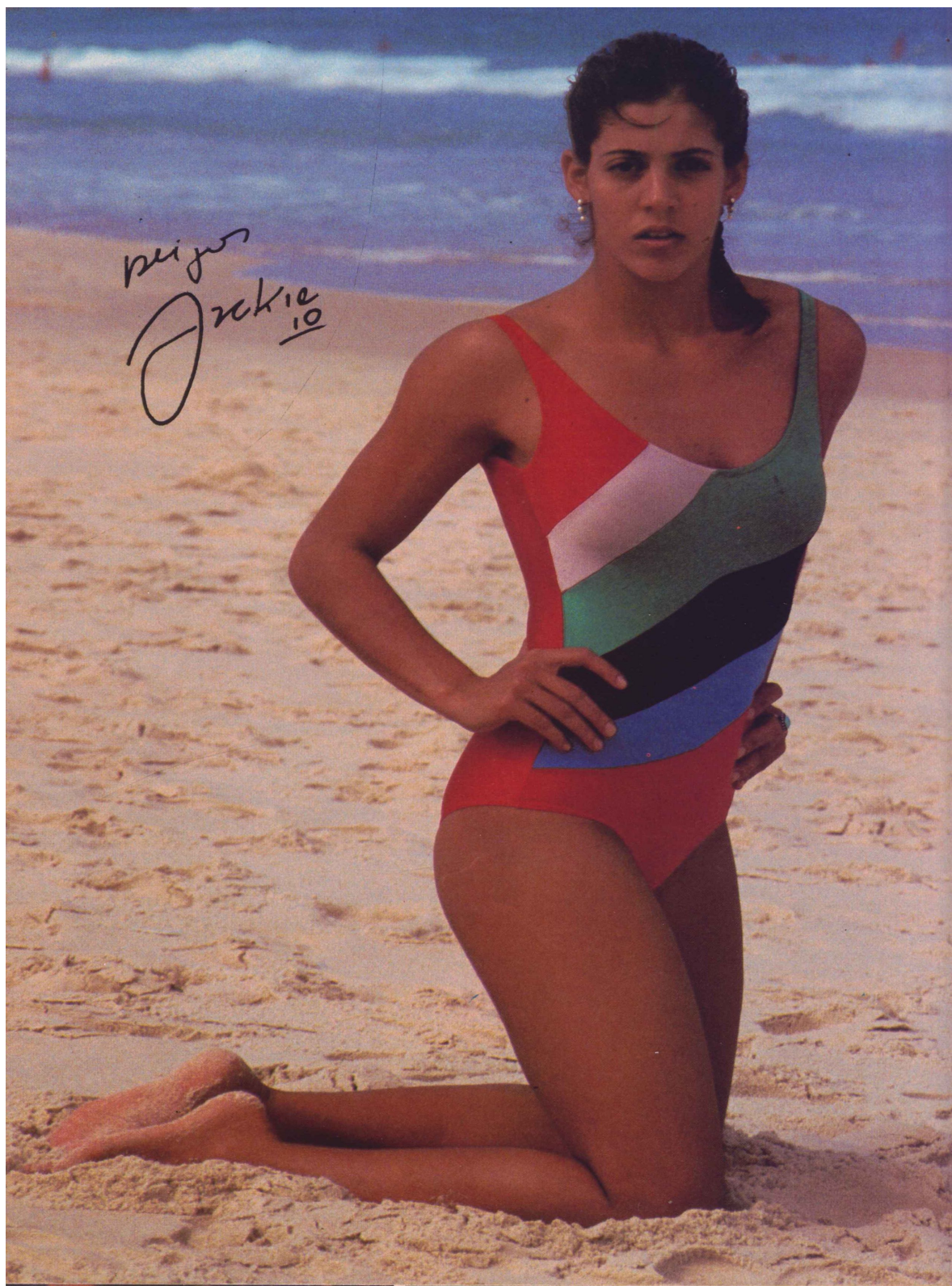


Imagem 10: A atleta Jacqueline em pose sensual. **Revista Saque**. nº 2, 1985.



Imagem 11: Jogos Olímpicos de Los Angeles. Fonte: Arquivo pessoal da ex-jogadora Heloísa Roese.





Imagem 12: Jogo contra Estados Unidos na Olimpíada de Los Angeles. Fonte: Arquivo pessoal Heloísa Roese.





Imagem 13: Equipe Lufkin Sorocaba. **Revista Saque**. nº 1, 1985.



Imagem 14: Time da Transbrasil durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.



Imagem 15: Equipe Lufkin Sorocaba durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.





Imagem 16: Equipe Pirelli durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.



Imagem 17: Equipe Bradesco durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.





Imagem 18: Equipe Pão de Açúcar durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.



Imagem 19: Equipe da Supergasbrás durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.



Imagem 20: Equipe Sogipa durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** 7-A. 1986.





Imagem 21: Equipe Minas Tênis Clube durante o VIII Campeonato Brasileiro de Voleibol. **Revista Saque** nº 7-A. 1986.



Imagem 22: Equipe brasileira Juvenil de 1985. **Revista Saque**. nº 4, 1985.